

O REGRESSO DO ASSASSINO - Vol 1  
ROBIN HOBB

*Tradução de Jorge Candeias*

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA  
Para quem quer fugir da rotina

CAPÍTULO I

*Breu Tombastrela*



*Será o tempo a roda que gira, ou o trilho que deixa para trás?*

— ADIVINHA DE CALSTRELA

Ele chegou numa primavera tardia e húmida e trouxe-me o mundo inteiro de volta à soleira da porta. Eu fizera trinta e cinco anos nessa altura. Aos vinte, consideraria que um homem da minha idade atual estava a cambalear à beira da caquexia. Naquele tempo, contudo, não me julgava novo nem velho, mas suspenso entre os dois estados. Já não tinha a desculpa da juventude inexperiente, e ainda não podia reclamar para mim as excentricidades da idade. De muitas maneiras já não estava certo do que pensava de mim. Por vezes parecia que a minha vida ia lentamente desaparecendo atrás de mim, desvanecendo-se como pegadas sob a chuva, até que eu talvez sempre tivesse sido o homem sossegado que vivia uma vida sem nada de notável numa casa de campo entre a floresta e o mar.

Nessa manhã fiquei deitado na cama, escutando os pequenos sons que por vezes me traziam paz. O lobo respirava ritmadamente à frente do fogo na lareira que crepitava baixinho. Sondei na sua direção com a magia da Manha que partilhávamos e rocei suavemente pelos seus pensamentos adormecidos. Ele sonhava que corria com uma alcateia por colinas onduladas e alisadas pela neve. Para Olhos-de-Noite, esse era um sonho de silêncio, frio e rapidez. Retirei suavemente o toque e deixei-o na sua paz privada.

Fora da minha pequena janela, os pássaros regressados cantavam uns aos outros os seus desafios. Havia um vento ligeiro e, onde ele agitava as

árvores, estas largavam novos borrifos da chuva da noite anterior que iam tamborilar no relvado molhado. As árvores eram vidoeiros-brancos, em número de quatro. Quando as plantara pouco passavam de paus. Agora a sua folhagem arejada dava uma sombra ligeira e agradável junto da janela do meu quarto. Fechei os olhos e quase consegui sentir o tremeluzir da luz nas minhas pálpebras. Não me apetecia levantar, ainda não.

Passara mal a noite anterior e tivera de a enfrentar sozinho. O meu rapaz, Zar, fora para a gandaia com Esporana havia quase três semanas e ainda não regressara. Não podia censurá-lo. A minha vida calma e isolada estava a começar a esfolar os seus ombros jovens. As histórias de Esporana sobre a vida em Torre do Cervo, pintadas com toda a perícia e técnica do menestrel, criavam imagens demasiado cheias de vida para que ele as ignorasse. Por conseguinte, eu permitira com relutância que ela o levasse para passar umas férias em Torre do Cervo, a fim de que pudesse ver por si mesmo uma Festa da Primavera de lá, para que comesse um bolo coberto de semente de caris, visse um espetáculo de marionetas, talvez beijasse uma rapariga. Zar já passara do ponto em que refeições regulares e uma cama quente eram suficientes para o contentar. Eu dissera a mim mesmo que era altura de pensar em deixá-lo partir, em arranjar-lhe um aprendizado com um bom carpinteiro ou marceneiro. Ele mostrava jeito para essas coisas, e quanto mais cedo um rapaz aprendesse um ofício melhor o aprendia. Mas ainda não estava pronto para o deixar partir. Por agora, apreciaria um mês de paz e solidão, e recordaria como se faziam as coisas sozinho. Olhos-de-Noite e eu tínhamo-nos um ao outro para nos fazermos companhia. De que mais precisaríamos?

Mas assim que eles partiram, a casinha pareceu demasiado silenciosa. A excitação do rapaz por partir fizera-me lembrar demasiado aquilo que eu próprio sentira em tempos a respeito de Festas da Primavera e coisas do género. Espetáculos de marionetas, bolos de semente de caris e raparigas para beijar trouxeram-me vívidas recordações que eu julgava ter há muito afogado. Talvez tivessem sido essas recordações a gerar sonhos demasiado vivos para serem ignorados. Por duas vezes acordara a suar e a tremer, de músculos retesados. Desfrutara de anos de alívio de tais inquietações mas, nos últimos quatro, a minha velha fixação regressara. Nos últimos tempos ia e vinha, sem qualquer padrão que eu conseguisse discernir. Era quase como se a velha magia do Talento se tivesse subitamente recordado da minha existência e estivesse a tentar alcançar-me para me arrastar para longe da minha paz e solidão. Dias que tinham sido tão suaves e semelhantes uns aos outros como contas num colar eram agora interrompidos pelo seu chamamento. Por vezes, a fome de Talento devorava-me como a gangrena devora carne saudável. Outras vezes não era mais do que umas quantas

noites de anseio e de sonhos vívidos. Se o rapaz estivesse em casa eu talvez tivesse conseguido sacudir o persistente puxão que o Talento me dava. Mas ele fora-se embora, e por isso na noite anterior eu cedera ao nunca vencido vício que tais sonhos despertavam. Descera até às falésias, sentara-me no banco que o meu rapaz me fizera, e estendera a minha magia por sobre as vagas. O lobo sentara-se a meu lado durante algum tempo, com um olhar de velha reprimenda. Eu tentara ignorá-lo. “Não é pior do que a tua inclinação para incomodar porcos-espinhos,” fizera-lhe notar.

*Exceto que os espinhos deles podem ser arrancados. O que te apunhala só se enterra mais e ulcera.* Os seus olhos profundos passaram pelos meus num relance enquanto partilhava os seus contundentes pensamentos.

*Porque é que não vais caçar um coelho?*

*Mandaste embora o rapaz e o seu arco.*

“Podias abatê-lo tu próprio, sabes? Tempos houve em que fazias isso.”

*Tempos houve em que tu ias caçar comigo. Porque é que não vamos os dois caçar, em vez desta busca infrutífera? Quando irás aceitar que não há lá longe ninguém que te consiga ouvir?*

*Eu tenho de... tentar.*

*Porquê? O meu companheirismo não é suficiente para ti?*

*É suficiente para mim. Tu és sempre suficiente para mim.* Abri-me mais ao vínculo de Manha que partilhávamos e tentei fazer-lhe sentir como o Talento me puxava. *É a magia que quer isto, não sou eu.*

*Afasta-a. Não quero ver isso.* E depois de isolar dele essa parte, perguntou com tristeza. *Será que nunca nos deixará em paz?*

Não tinha resposta a dar àquilo. Passado algum tempo, o lobo sentou-se, pousou a grande cabeça nas patas e fechou os olhos. Eu sabia que ele ficaria junto a mim porque temia por mim. Por duas vezes, no inverno anterior ao último, eu cedera demasiado ao Talento, queimando energia física nesse esforço mental até ficar incapaz até de cambalear de volta a casa sozinho. De ambas as vezes Olhos-de-Noite tivera de ir buscar Zar. Desta vez estávamos sozinhos.

Eu sabia que era uma tolice inútil. Também sabia que não podia travar-me. Como um homem esfomeado que come erva para aplacar o terrível vazio na barriga, eu sondava com o Talento, tocando as vidas que passassem ao meu alcance. Conseguia roçar-lhes nos pensamentos e aplacar temporariamente a grande ânsia que me enchia de vazio. Conseguia ficar a saber um pouco sobre a família que saíra para a pesca num dia ventoso. Conseguia conhecer as preocupações dum capitão cuja carga era apenas um pouco mais pesada do que o navio transportaria bem. O imediato no mesmo navio estava preocupado com o homem com que a filha queria casar; era um tipo preguiçoso, apesar de todos os seus floreados. O

moço do navio estava a amaldiçoar a sorte; chegariam à Cidade de Torre do Cervo tarde demais para a Festa da Primavera. Nada restaria quando lá chegasse exceto grinaldas murchas a acastanhar nas sarjetas. Era sempre aquela a sua sorte.

Havia uma certa mas escassa distração em saber aquelas coisas. Devolvia-me a noção de que o mundo era maior do que as quatro paredes da minha casa, maior mesmo do que os confins do meu jardim. Mas isso não era igual a comunicar realmente pelo Talento. Não se podia comparar com aquele momento de completude em que as mentes se uniam e se sentia a unicidade do mundo como uma grande entidade na qual o nosso corpo não era mais do que um grão de poeira.

Os firmes dentes do lobo no meu pulso tinham-me arrancado à sondagem. *Vem daí. Já chega. Se cáíres aqui, vais passar uma noite fria e molhada. Eu não sou o rapaz para te pôr em pé. Vem daí, vá lá.*

Eu levantara-me, vendo negrume na periferia da visão quando me erguera. Passara, mas o negrume de espírito que viera na sua esteira não. Seguiu o lobo de regresso, através da escuridão que aumentava sob as árvores que gotejavam, voltando para onde o fogo já ardia com pouca intensidade na lareira e as velas quase se haviam apagado sobre a mesa. Fiz chá de casco-de-elfo para mim, negro e amargo, sabendo que a bebida só tornaria o meu estado de espírito mais desolado, mas sabendo também que me apaziguaria a cabeça dorida. Queimara a energia nervosa do casco-de-elfo trabalhando num pergaminho que descrevia o jogo das pedras e o modo como se jogava. Já antes tentara por várias vezes completar esse tratado, e de todas as vezes desistira por o achar um caso perdido. Só se podia aprender a jogar jogando, dissera a mim próprio. Daquela vez estava a acrescentar um conjunto de ilustrações ao texto, a fim de mostrar como poderia progredir um jogo típico. Quando o pus de parte logo antes de romper a aurora, parecia-me a mais estúpida das minhas tentativas mais recentes. Fui para a cama mais cedo do que tarde.

Acordei com metade da manhã passada. No canto mais distante do pátio, as galinhas andavam a esgravatar e a mexericar entre si. O galo cantou uma vez. Eu gemi. Devia levantar-me. Devia ir ver se havia ovos e espalhar uma mancheia de grão para manter as aves mansas. O jardim estava mesmo a rebentar. Já precisava de ser limpo de ervas daninhas, e eu devia voltar a semear a fileira de fesque que as lesmas tinham comido. Precisava de colher mais algumas bandeiras púrpuras enquanto ainda estavam em flor; a minha última tentativa de obter delas tinta corra mal, mas queria voltar a tentar. Havia lenha a cortar e a empilhar. Papas a cozinhar, uma lareira a varrer. E eu devia trepar ao freixo que havia por cima

da capoeira e cortar aquele ramo rachado antes que uma tempestade o fizesse cair sobre a capoeira propriamente dita.

*E devíamos descer ao rio e ver se já começaram a chegar os peixes. Peixe fresco seria bom.* Olhos-de-Noite acrescentou as suas próprias preocupações à minha lista mental.

*No ano passado quase morreste por teres comido peixe podre.*

*Mais um motivo para ir já, enquanto ele está fresquinho e aos saltos. Podias usar a lança do rapaz.*

*E ficar ensopado e enregelado.*

*Antes ensopado e enregelado do que faminto.*

Dei uma volta na cama e voltei a adormecer. Ia preguiçar durante uma manhã, e depois? Quem saberia ou se importaria? As galinhas? Pareceu não se ter passado mais do que momentos quando os pensamentos dele me despertaram.

*Irmão, acorda. Um cavalo desconhecido aproxima-se.*

Fiquei alerta num instante. A inclinação da luz que me entrava pela janela disse-me que tinham passado horas. Levantei-me, enfiei uma túnica pela cabeça, cingi-a à cintura e enfiei os pés em sapatos estivais. Pouco mais eram do que solas de couro com algumas tiras para as manter nos pés. Afastei o cabelo do rosto. Esfreguei os meus olhos que pareciam cheios de areia. “Vai ver quem é,” pedi a Olhos-de-Noite.

*Vê tu. Ele está quase à porta.*

Não esperava ninguém. Esporana aparecia três ou quatro vezes por ano, para uns dias de visita e me trazer mexericos, bom papel e bom vinho, mas ela e Zar não regressariam tão depressa. Outros visitantes à minha porta eram raros. Havia o Baior, que tinha a sua cabana e os seus porcos no vale seguinte, mas ele não possuía cavalo. Um latoeiro aparecia duas vezes por ano. Começara por descobrir-me por acidente durante uma trovoada, quando ficara com o cavalo coxo e a minha luz, que se avistava por entre as árvores, o desviara da estrada. Desde a sua visita, tivera outras visitas de viajantes do mesmo género. O latoeiro gravara um gato enrolado, símbolo de casa hospitaleira, numa árvore junto do trilho que levava à minha cabana. Eu descobrira-o, mas deixara-o intacto, para que atraísse de vez em quando um visitante à minha porta.

Portanto este visitante seria provavelmente um viajante perdido, ou um mercador cansado da estrada. Disse a mim próprio que um hóspede podia ser uma distração agradável, mas a ideia não chegava a ser convincente.

Ouvi o cavalo parar lá fora e os sons pouco intensos dum homem a desmontar.

*O Cinzento, rosnou o lobo baixinho.*

O coração quase me parou no peito. Abri lentamente a porta enquanto o velho estendia a mão para bater. Ele olhou para mim, e então o sorriso desabrochou. “Fitz, meu rapaz. Ah, Fitz!”

Estendeu os braços para me estreitar. Por um instante, fiquei gelado, incapaz de me mover. Não sabia o que estava a sentir. Que o meu velho mentor me tivesse encontrado após todos aqueles anos era assustador. Haveria um motivo, algo mais do que apenas voltar a ver-me. Mas também senti aquele sobressalto de familiaridade, aquele súbito agitar de interesse que Breu sempre despertara em mim. Quando fora rapaz em Torre do Cervo as suas convocatórias secretas chegavam à noite, pedindo-me para subir a escada oculta que levava ao seu covil na torre por cima do meu quarto. Fora aí que ele misturara os venenos, me ensinara o ofício de assassino e me tornara irreversivelmente seu. O meu coração sempre batera mais depressa quando se abria aquela porta secreta. Apesar de todos os anos e da dor, ele ainda me afetava dessa forma. Segredos e a promessa de aventuras colavam-se-lhe.

Portanto dei por mim a estender os braços para lhe ir envolver os ombros que já se curvavam e o puxar para mim num abraço. Magro, o velho estava outra vez a ficar magro, tão ossudo como era quando o conhecera. Mas agora o recluso vestido com a túnica gasta de lã cinzenta era eu. Ele trazia umas calças de azul real e um gibão da mesma cor com cortes de um verde que cintilava nos seus olhos. As botas de montar eram de couro negro, e as luvas macias que usava também. O manto verde combinava com os cortes no gibão e era forrado de peles. Renda branca derramava-se-lhe do colarinho e das mangas. As cicatrizes que outrora o tinham envergornado e levado ao isolamento tinham-se desvanecido, transformando-se num conjunto de manchas pálidas na cara enrugada. O cabelo branco descia-lhe solto até aos ombros e estava encaracolado por cima da testa. Havia esmeraldas nos seus brincos, e outra encrustada mesmo no centro da faixa de ouro que trazia à garganta.

O velho assassino fez um sorriso trocista quando me viu interiorizar o seu esplendor. “Ah, mas um conselheiro duma rainha tem de ter um aspeto adequado ao papel, se quer obter o respeito que tanto ele como ela merecem nos seus negócios.”

“Estou a ver,” disse eu num murmúrio e depois, reencontrando a língua: “Mas entra, entra. Temo que vás achar a minha casa um pouco mais rústica do que aquilo a que é evidente que te habituaste, mas és bem-vindo na mesma.”

“Não vim implicar com a tua casa, rapaz. Vim ver-te.”

“Rapaz?” perguntei-lhe em voz baixa enquanto sorria e o levava para dentro.

“Ah, bem. Para mim sê-lo-ás sempre, talvez. É uma das vantagens da idade, posso chamar quase tudo o que me apeteça seja a quem for, e ninguém se atreve a contrariar-me. Ah, vejo que ainda tens o lobo. Olhos-de-Noite, não era? Já estás um bocado velhote; não me lembrava desse branco no teu focinho. Vem cá, isto é que é um bom rapaz. Fitz, importas-te de cuidar do meu cavalo? Passei a manhã inteira na sela, e ontem à noite dormi numa estalagem que era uma completa desgraça. Estou um bocado hirto, sabes? E traz os alforges para dentro, sim? Isto é que é um bom moço.”

Inclinou-se para coçar as orelhas do lobo, de costas voltadas para mim, certo de que lhe iria obedecer. E eu sorri e obedeci. A égua preta que ele montara era um belo animal, amável e obediente. Há sempre prazer em cuidar duma criatura daquela qualidade. Dei-lhe bastante água e algum do grão para as galinhas, e meti-a no cercado vazio do pônei. Os alforges que levei para dentro de casa eram pesados e um deles sacolejava de forma promissora.

Quando entrei fui encontrar Breu no meu estúdio, sentado à mesa onde eu escrevia, a ler atentamente os meus papéis como se fossem seus. “Ah, aí estás tu. Obrigado, Fitz. Isto, isto aqui, é o jogo das pedras, não é? Aquele que Panela te ensinou para te ajudar a concentrar a mente e afastá-la da estrada do Talento? Fascinante. Gostava de ficar com isto quando acabares.”

“Se quiseres,” disse eu em voz baixa. Passei por um momento de inquietação. Ele arremessava palavras e nomes que eu enterrara e deixara sossegados. Panela. A estrada do Talento. Empurrei-as de volta para o passado. “Já não é Fitz,” disse-lhe num tom agradável. “É Tomé Texugo.”

“Ah sim?”

Toquei a madeixa branca que tinha no cabelo, causada pela cicatriz. “Por causa disto. As pessoas lembram-se do nome. Digo-lhes que nasci com a madeixa branca e que os meus pais me batizaram assim.”

“Estou a ver,” disse ele, sem se comprometer. “Bem, faz sentido e é sensato.” Recostou-se na minha cadeira de madeira. Esta rangeu. “Há brande nesses alforges, se tiveres copos para nós. E alguns dos bolos de gengibre da velha Sara... Duvido que estivesses à espera de que eu me lembrasse de como gostavas deles. É provável que estejam um pouco espalmados, mas nesses bolos o que importa é o sabor.” O lobo já se sentara. Veio pousar o focinho na borda da mesa. Apontava diretamente para os alforges.

“Então a Sara ainda é cozinheira em Torre do Cervo?” perguntei enquanto procurava dois copos apresentáveis. Louça lascada não me incomodava, mas fiquei subitamente relutante em pô-la para Breu.

Breu saiu do estúdio e veio para junto da minha mesa da cozinha.



“Oh, não propriamente. Os seus velhos pés incomodam-na se ficar muito tempo em pé. Tem uma grande cadeira almofadada, posta numa plataforma ao canto da cozinha. Supervisiona daí. Cozinha aquilo que gosta de cozinhar, a pastelaria fina, os bolos temperados e os doces. Há um jovem chamado Massapão que faz agora a maior parte das lides da cozinha diária.” Estava a tirar coisas dos alforjes enquanto falava. Pôs na mesa duas garrafas rotuladas como brande de Orla d’Areia. Não me conseguia lembrar da última vez que saboreara aquilo. Os bolos de gengibre, um pouco espalmados como fora previsto, apareceram, derramando migalhas do linho em que ele os envolvera. O lobo farejou profundamente, após o que começou a salivar. “Também são os preferidos dele, estou a ver,” observou secamente Breu, e atirou-lhe um. O lobo apanhou-o no ar e levou-o consigo para o ir devorar em cima do tapete que havia à frente da lareira.

Os alforjes cederam rapidamente os seus outros tesouros. Uma resma de bom papel, potes de tinta azul, vermelha e verde. Uma grossa raiz de gengibre, mesmo a começar a rebentar, pronta a ser envasada para o verão. Alguns pacotes de especiarias. Um luxo raro para mim, um queijo maduro e redondo. E, numa pequena arca de madeira, outras coisas, perturbadoramente estranhas na sua familiaridade. Pequenas coisas que eu julgara estarem há muito perdidas para mim. Um anel que pertencera ao príncipe Rurisk do Reino da Montanha. A ponta de seta que perfurara o peito do príncipe e quase o matara. Uma pequena caixa esculpida, feita anos antes pelas minhas mãos e destinada a conter os meus venenos. Abri-a. Estava vazia. Voltei a pôr a tampa na caixa e pousei-a na mesa. Olhei para ele. Não era apenas um velho que me viera visitar. Trouxera todo o meu passado atrás de si, da mesma forma que uma cauda bordada segue uma mulher ao entrar num salão. Quando o deixara cruzar a minha porta deixara entrar o meu velho mundo com ele.

“Porquê?”, perguntei em voz baixa. “Porque foi que, depois de todos estes anos, me procuraste?”

“Oh, enfim.” Breu puxou uma cadeira até à mesa e sentou-se com um suspiro. Tirou a rolha do brande e serviu-o para ambos. “Uma dúzia de motivos. Vi o teu moço com Esporana. E soube imediatamente quem ele era. Não que se pareça contigo, tal como Urtiga não se parece com Castro. Mas tem os teus tiques, a tua maneira de se conter e olhar para uma coisa com a cabeça inclinada mesmo antes de decidir se se aproxima ou não. Fez-me tanto lembrar como tu eras naquela idade que...”

“Viste Urtiga,” interrompi em voz baixa. Não era uma pergunta.

“Claro que sim,” respondeu ele, com a voz igualmente baixa. “Queres saber como ela está?”

Não confiei na língua para responder. Todas as minhas velhas caute-

las me avisavam contra mostrar demasiado interesse nela. No entanto senti uma pontada de antecipação de que Urtiga, a minha filha que eu nunca vira exceto em visões, era o motivo por que Breu viera até ali. Olhei para o meu copo e sopesei os méritos de beber brande ao pequeno-almoço. Depois voltei a pensar em Urtiga, a bastarda que eu abandonara involuntariamente antes de nascer. Bebi. Já me esquecera de como o brande de Orla d'Areia escorria bem. O seu calor espalhou-se por mim, tão rápido como o desejo juvenil.

Breu mostrou-se misericordioso ao não me forçar a dar voz ao meu interesse. “Ela parece-se muito contigo, duma forma magricela e feminina,” disse, e depois sorriu ao ver que eu me indignava. “Mas, estranhamente, assemelha-se ainda mais a Castro. Tem mais dos seus tiques e formas de falar do que qualquer um dos seus cinco filhos.”

“Cinco!”, exclamei, espantado.

Breu fez um sorriso. “Cinco rapazes, todos tão respeitosos e deferentes para com o pai como qualquer homem poderia desejar. Nada parecidos a Urtiga. Ela interiorizou aquele olhar sombrio que o Castro tem e atira-lho de volta quando ele lhe franze o sobrolho. O que acontece raramente. Não direi que é a sua filha preferida, mas penso que lhe conquista mais favores por se lhe opor do que todos os rapazes com o respeito sincero que mostram. Ela tem a impaciência de Castro, e o seu penetrante sentido do certo e do errado. E toda a tua teimosia, mas talvez também tenha aprendido isso com Castro.”

“Então viste Castro?” Ele criara-me, e agora estava a criar a minha filha como se fosse sua. Tomara como esposa a mulher que eu aparentemente abandonara. Ambos me julgavam morto. As suas vidas tinham prosseguido sem mim. Ouvir falar deles misturou a dor com o afeto. Afastei o sabor que isso tinha com brande de Orla d'Areia.

“Teria sido impossível ver Urtiga se não tivesse também visto Castro. Ele vigia-a como, bem, como um pai. Está bem. O coxear não melhorou com os anos. Mas raramente se desloca a pé, portanto parece incomodá-lo pouco. Com ele é tudo a cavalo, sempre a cavalo, como sempre foi.” Pigarreou. “Sabias que a Rainha e eu tratámos de que lhe fossem dados potros tanto de Ruivo como de Fuligem? Bem, fundou o seu negócio com esses dois cavalos reprodutores. A égua a que tiraste a sela, Brasa, recebi-a dele. Agora treina e cria cavalos. Nunca será um homem rico, pois no momento em que tem dinheiro a mais vai à procura de outro cavalo ou comprar mais forragem. Mas quando lhe perguntei como ia passando, disse-me: ‘Bastante bem.’”

“E que disse Castro da tua visita?”, perguntei. Senti-me orgulhoso por conseguir falar com uma voz não estrangulada.

Breu voltou a sorrir, mas havia algo de triste no sorriso. “Depois de ultrapassar o choque de me ver, foi mais cortês e acolhedor. E quando me acompanhou até ao meu cavalo na manhã seguinte, que um dos gémeos, acho que o Nim, já tinha selado, prometeu-me calmamente que me mataria antes de tolerar qualquer interferência com a Urtiga. Pronunciou as palavras com pesar, mas com grande sinceridade. Não duvidei delas vindas dele, portanto não preciso que sejam repetidas por ti.”

“Ela sabe que Castro não é seu pai? Sabe alguma coisa sobre mim?” Perguntas atrás de perguntas vieram-me à mente. Afastei-as. Odiei a avidez com que fizera aquelas duas, mas não consegui resistir. Era como o vício do Talento, aquela fome de saber, finalmente *saber*, essas coisas após tantos anos.

Breu afastou os olhos de mim e bebeu o seu brande. “Não sei. Chama-lhe papá. Ama-o ferozmente, sem quaisquer reservas. Oh, discorda dele, mas é sobre as coisas e não sobre o próprio Castro. Temo que com a mãe as coisas sejam mais tempestuosas. Urtiga não tem qualquer interesse por abelhas ou velas, mas Moli gostaria de ver a filha a seguir o seu ofício. Teimosa como Urtiga é, acho que Moli vai ter de se contentar com um filho ou dois em vez dela.” Olhou para a janela. Acrescentou em voz baixa: “Não proferimos o teu nome na presença de Urtiga.”

Virei o copo nas mãos. “Que coisas a interessam?”

“Cavalos. Falcões. Espadas. Aos quinze anos, esperava pelo menos algumas conversas sobre rapazes vindas dela, mas parece não ter qualquer interesse neles. É possível que ainda não tenha despertado nela a mulher, ou talvez tenha demasiados irmãos para ter alguma ilusão romântica sobre rapazes. Gostaria de fugir para Torre do Cervo e juntar-se a uma das companhias de guardas. Sabe que Castro foi lá em tempos mestre dos estábulos. Um dos motivos por que fui visitá-lo foi para lhe voltar a oferecer essa posição em nome de Kettricken. Castro recusou-a. Urtiga não consegue entender porquê.”

“Eu entendo.”

“Tal como eu. Mas quando o visitei disse-lhe que podia arranjar lá um lugar para Urtiga, mesmo se ele decidisse não ir. Ela no mínimo podia servir-me como pajem, se bem que eu tenha a certeza de que a Rainha Kettricken adoraria ficar com ela. Que ela veja como é um castelo e uma cidade, que tenha uma experiência da vida na Corte, disse-lhe eu. Castro recusou nesse mesmo instante, e pareceu quase ofendido por eu ter feito a proposta.”

Sem tencionar fazê-lo, suspirei baixinho de alívio. Breu bebeu mais um gole de brande e ficou ali a olhar-me. À espera. Conhecia tão bem a minha pergunta seguinte como eu. Porquê? Porque foi que procurou Cas-

tro, porque foi que se ofereceu para levar Urtiga para Torre do Cervo? Bebi mais do meu brande e pensei no velho. Velho. Sim, mas não como alguns homens envelhecem. O seu cabelo pusera-se completamente branco, mas o verde dos seus olhos parecia arder com mais violência sob aqueles caracóis de neve. Perguntei a mim próprio com que força batalharia ele com o corpo para evitar que a inclinação nos seus ombros se transformasse numa curva, que drogas tomaria para prolongar o vigor e o que essas drogas lhe custariam de outros modos. Ele era mais velho do que o Rei Sagaz, e Sagaz estava morto há todos aqueles anos. Realeza bastarda da mesma linhagem que eu, parecia prosperar na intriga e no conflito como eu não conseguira. Eu fugira da corte e de tudo o que ela continha. Breu decidira ficar e tornar-se indispensável a mais uma geração de Visionários.

“Bom. E como passa Paciência nos tempos que correm?” Escolhi a pergunta com cuidado. Novidades sobre a esposa do meu pai estavam bem longe daquilo que queria saber, mas podia usar a resposta dele para me aproximar.

“A dama Paciência? Ah, enfim, já se passaram alguns meses desde que a vi. Mais de um ano, agora que penso nisso. Reside em Vaudefeira, sabes? Governa lá, e bastante bem. Estranho, se pensarmos bem. Quando era realmente rainha e casada com o teu pai nunca se afirmou. Viúva, mostrou contentar-se em ser a excêntrica dama Paciência. Mas quando todos os outros fugiram tornou-se rainha de facto em Torre do Cervo, ainda que não em título. A Rainha Kettricken foi sábia em dar-lhe um domínio próprio, pois nunca voltaria a suportar Torre do Cervo sendo algo menos que rainha.”

“E o príncipe Respeitador?”

“Tão parecido com o pai como poderia ser,” observou Breu, abanando a cabeça. Observei-o com atenção, perguntando a mim próprio que sentido pretendia o velho dar ao comentário. O que saberia ele? Breu franziu o sobrolho enquanto continuava. “A Rainha tem de o deixar sair um pouco. As pessoas falam de Respeitador como falavam do teu pai, Cavalaria. ‘Correto em excesso,’ dizem, e temo bem que quase tenham razão.”

Houvera uma ligeira mudança na sua voz. “Quase?”, perguntei eu em voz baixa.

Breu dirigiu-me um sorriso que quase pedia perdão. “Nos últimos tempos o rapaz não tem estado em si. Sempre foi um rapaz solitário... mas isso é normal quando se é o único príncipe. Ele sempre teve de ter a sua posição em mente, sempre teve de ter cuidado para não parecer favorecer um companheiro em detrimento de outro. Isso tornou-o introspectivo. Mas recentemente mudou para um temperamento mais sombrio. Anda distraído e temperamental, tão embrenhado nos seus pensamentos

internos que parece completamente inconsciente do que se vai passando nas vidas daqueles que o rodeiam. Não é descortês nem indiferente; pelo menos não o é deliberadamente. Mas...”

“Ele tem, quê?, catorze anos?”, perguntei. “Não me parece assim tão diferente do comportamento de Zar nos últimos tempos. Tenho andado a pensar coisas muito semelhantes sobre ele; que tenho de o deixar sair um pouco. Está na altura de ele sair e aprender algo de novo, com alguém que não seja eu.”

Breu confirmou com a cabeça. “Acho que tens toda a razão. A Rainha Kettricken e eu chegámos à mesma decisão sobre o príncipe Respeitador.”

O tom utilizado por ele fez-me suspeitar de que acabara de enfiar a cabeça na armadilha. “Ah?”, disse, cautelosamente.

“Ah?”, imitou Breu, e depois inclinou-se para a frente a fim de despejar mais brande no seu copo. Fez um sorriso, informando-me de que o jogo estava no fim. “Ah, sim. Com certeza adivinhaste. Queríamos que viesses para Torre do Cervo e instruisses o príncipe no Talento. E Urtiga também, se for possível convencer Castro a abrir mão dela e se ela tiver alguma aptidão.”

“Não.” Disse rapidamente a palavra antes de poder ser seduzido. Não tenho bem a certeza de quão definitiva a minha resposta soou. Assim que Breu abordara a ideia, o desejo de a pôr em prática ergueu-se em mim. Era a resposta, a resposta tão simples, após todos aqueles anos. Treinar um novo círculo de utilizadores de Talento. Sabia que Breu tinha os pergaminhos e as tabuinhas relacionados com a magia do Talento. Galeno, o mestre do Talento, e depois o príncipe Majestoso, tinham-no-los sonegado indevidamente tantos anos antes. Mas agora eu podia estudá-los, podia aprender mais e podia treinar outros, não como Galeno fizera, mas corretamente. O príncipe Respeitador teria um círculo Talentoso para o auxiliar e proteger, e eu teria um fim para a minha solidão. Haveria alguém para responder quando eu sondava.

E ambos os meus filhos me conheceriam, como pessoa, ainda que não como seu pai.

Breu era tão matreiro como sempre fora. Deve ter detetado a minha ambivalência. Deixou que a negativa pairasse sozinha no ar entre nós. Ergueu o copo com ambas as mãos. Olhou-o brevemente, fazendo-me lembrar muito Veracidade. Depois voltou a erguer o olhar, cruzando sem hesitar os olhos verdes com os meus. Não fez perguntas, não fez exigências. Tudo o que tinha de fazer era esperar.

Conhecer a sua tática não me protegia contra ela. “Sabes que não posso. Conheces todos os motivos por que não devo.”

Ele abanou lentamente a cabeça. “Não propriamente. Porque haveria de ser negado ao príncipe Respeitador o seu direito de nascença enquanto Visionário?” Mais baixo acrescentou: “Ou a Urtiga?”

“Direito de nascença?” Tentei soltar uma gargalhada amarga. “É mais como uma doença familiar, Breu. É uma fome, e quando nos ensinam como satisfazê-la transforma-se num vício. Um vício que pode acabar por se tornar suficientemente forte para nos pôr os pés nos caminhos que levam para lá do Reino da Montanha. Viste o que aconteceu a Veracidade. O Talento devorou-o. Ele usou-o para os seus próprios fins; fez o seu dragão e despejou-se nele. Salvou os Seis Ducados. Mas mesmo se não tivesse havido Navios Vermelhos a combater, Veracidade teria acabado por ir para as Montanhas. Aquele lugar chamava-o. É o fim predestinado a todos os Talentosos.”

“Eu compreendo os teus medos,” confessou ele em voz baixa. “Mas acho que te enganas. Creio que Galeno instilou deliberadamente esse medo em ti. Limitou o que aprendeste, e incutiu-te medo. Mas eu li os pergaminhos do Talento. Não decifrei tudo o que eles dizem, mas sei que é muito mais do que ser-se simplesmente capaz de comunicar através da distância. Com o Talento, um homem pode prolongar a vida e a saúde. O Talento pode aumentar os poderes de persuasão dum orador. O teu treino... não sei até onde chegou, mas aposto que Galeno te ensinou o mínimo possível.” Conseguia ouvir a excitação a acumular-se na voz do velho, como se falasse dum tesouro escondido. “O Talento tem em si tantas coisas, tantas. Há pergaminhos que insinuem que pode ser usado como ferramenta de cura, não só para descobrir exatamente o que há de errado com um guerreiro ferido mas para encorajar mesmo a cura desses males. Alguém que seja fortemente Talentoso pode ver através dos olhos de outra pessoa, ouvir o que essa pessoa ouve e sente. E...”

“Breu.” A suavidade da minha voz interrompeu-o. Eu experimentara um momento de indignação quando ele admitira ter lido os pergaminhos. Não tinha esse direito, pensara, e depois compreendera que se a sua rainha lhos dera para ler, tinha tanto direito como qualquer outra pessoa. Quem mais haveria de os ler? Já não havia um mestre do Talento. Essa linhagem de capacidades morrera. Não. Eu matara-a. Matara, um por um, os últimos utilizadores treinados do Talento, o último círculo criado em Torre do Cervo. Eles tinham sido infiéis ao seu rei, portanto eu destruíra-os, e à magia com eles. A parte de mim que era racional sabia que era melhor essa magia ficar morta. “Eu não sou mestre do Talento, Breu. Não só o meu conhecimento do Talento é incompleto, como o próprio talento é errático. Se leste os pergaminhos, então tenho a certeza de que descobriste por ti próprio, ou ouviste Kettricken dizer que usar casco-de-elfo é a pior

coisa que um Talentoso pode fazer. A droga suprime ou mata a capacidade. Eu tentei ficar longe dela; não gosto do que me faz. Mas mesmo a tristeza que traz consigo é melhor do que a fome de Talento. Houve alturas em que usei constantemente casco-de-elfo durante dias de cada vez, quando a ânsia era forte.” Afastei os olhos da preocupação no seu rosto. “Qualquer capacidade que eu tenha tido está agora, provavelmente, atrofiada de forma irrecuperável.”

A sua voz soou baixa quando ele observou. “A mim parece-me que as tuas ânsias continuadas indicam o contrário, Fitz. Lamento saber que tens andado a sofrer; não fazíamos mesmo nenhuma ideia. Eu tinha partido do princípio de que a fome de Talento seria como o apetite que se tem por bebida ou pelo fumo, e que depois dum período de abstinência forçada o desejo diminuía.”

“Não. Não diminui. Por vezes adormece. Passam-se meses, mesmo anos. Mas depois, por nenhum motivo que eu consiga encontrar, volta a despertar.” Fechei os olhos com força por um instante. Falar sobre aquilo, pensar sobre aquilo, era como espicaçar um furúnculo. “Breu. Eu sei que foi por causa disto que fizeste toda esta viagem para me procurar. E ouviste-me dizer não. Podemos falar agora de outras coisas? Esta conversa... é dolorosa.”

Durante algum tempo ele ficou em silêncio. Havia uma falsa cordialidade na sua voz quando disse de repente: “Claro que podemos. Eu disse a Ketricken que duvidava que tu concordasses com o nosso plano.” Soltou um breve suspiro. “Vou simplesmente ter de fazer o melhor que puder com o que deduzi dos pergaminhos. Bom. Já disse o que tinha a dizer. De que mais queres que eu fale?”

“Não podes querer dizer que vais tentar ensinar o Talento a Respeitador com aquilo que leste nuns velhos pergaminhos?” Eu estava subitamente à beira da ira.

“Não me deixas alternativa,” fez ele notar num tom agradável.

“Dás-te conta do perigo a que o estarás a expor? O Talento atrai os homens, Breu. Puxa pela mente e pelo coração como um íman. Respeitador vai querer ser uno com ele. Se o príncipe ceder a essa atração, nem que seja por um instante enquanto estiver a aprender, estará perdido. E não haverá nenhum Talentoso para o ir buscar, para o reconstruir e o arrastar para fora da corrente.”

Apercebi-me pela expressão na cara de Breu de que ele não tinha nenhum entendimento daquilo que eu lhe estava a dizer. Limitou-se a responder com obstinação: “O que eu leio nos pergaminhos é que existe perigo em deixar uma pessoa possuidora dum forte Talento completamente destreinada. Em alguns casos, esses jovens começam a usá-lo quase por

instinto, mas sem fazerem a mínima ideia do perigo ou do modo de o controlar. Julgo que mesmo um pouco de conhecimento pode ser melhor do que deixar o jovem príncipe numa ignorância total.”

Abri a boca para falar, e voltei a fechá-la. Inspirei profundamente e expirei devagar. “Eu não vou ser puxado para isso, Breu. Recuso-me. Fiz essa promessa há anos. Sentei-me ao lado de Vontade e vi-o morrer. Não o matei. Porque tinha prometido a mim próprio que já não era um assassino, que já não era uma ferramenta. Não serei manipulado e não serei usado. Já fiz sacrifícios suficientes. Acho que ganhei esta reforma. E se tu ou Kettricken discordarem e já não quiserem fornecer-me dinheiro, bem, também posso suportar isso.”

Mais valia pôr isso em pratos limpos. Da primeira vez que encontrara um saco de moedas junto da minha cama, depois duma visita de Esporana, sentira-me insultado. Remoera a afronta durante meses até que ela voltara a visitar-me. Ela limitara-se a rir de mim, e dissera-me que não se tratava duma dádiva sua pelos meus serviços, se era isso que eu pensava, mas duma pensão oferecida pelos Seis Ducados. Fora então que eu me forçara a admitir que tudo o que Esporana sabia de mim, Breu também saberia. Também era ele a fonte do papel fino e das boas tintas que ela por vezes trazia. Era provável que lhe fizesse um relatório de todas as vezes que regressava para Torre do Cervo. Dissera a mim próprio que isso não me incomodava. Mas agora interrogava-me se todos aqueles anos a seguir os meus movimentos teriam sido apenas Breu à espera de que eu voltasse a ser útil. Acho que ele me leu o rosto.

“Fitz, Fitz, acalma-te.” O velho estendeu a o braço por sobre a mesa para me dar palmadinhas tranquilizadoras na mão. “Não se falou de nada desse género. Estamos ambos bem conscientes não só daquilo que te devemos, mas também do que todos os Seis Ducados te devem. Enquanto viveres, os Seis Ducados garantirão a tua subsistência. E quanto ao treino do príncipe Respeitador, esquece. Na verdade não é nada que te diga respeito.”

Uma vez mais perguntei a mim próprio, intranquilo, quanto saberia ele. Depois endureci-me. “É como dizes, não é nada que me diga respeito. Tudo o que posso fazer é avisar-te para seres cuidadoso.”

“Ah, Fitz, alguma vez me viste a ser outra coisa?” Os seus olhos sorriram-me por cima da borda do copo.

Pus a questão de parte, mas proibir-me a ideia era quase como arrancar uma árvore pelas raízes. Parte do problema era o meu medo de que a tutela inexperiente de Breu sobre o jovem príncipe o pusesse em perigo. Mas de longe a maior parte do meu desejo de ensinar um novo círculo era simplesmente poder fornecer-me um modo de satisfazer os



meus próprios anseios. Após ter reconhecido isso, não havia hipótese de poder, em boa consciência, impor esse vício a outra geração.

Breu foi fiel à palavra dada. Não voltou a falar de Talento. Em vez disso, conversámos durante horas sobre todas as pessoas que eu conhecera em tempos em Torre do Cervo e o que lhes acontecera. Espada era avô, e Renda era atormentada por articulações dolorosas que tinham acabado por forçá-la a pôr finalmente de parte o seu interminável tricotar. Mãos era agora mestre dos estábulos em Torre do Cervo. Casara com uma mulher do interior com um ardente cabelo ruivo e um temperamento a condizer. Todos os filhos deles tinham cabelo ruivo. A mulher mantinha Mãos sob rédea curta, e, de acordo com Breu, ele parecia inteiramente contente assim. Nos últimos tempos andava a insistir com ele para voltarem para Vara, a sua terra natal, e ele parecia disposto a fazer-lhe a vontade; daí a viagem de Breu para falar com Castro e voltar a oferecer-lhe o seu antigo lugar. E assim por diante, ele foi-me raspando os calos da memória e trazendo de novo à mente as velhas caras reavivadas. A conversa fez-me ter saudades de Torre do Cervo e não me consegui abster de fazer perguntas. Quando se nos esgotaram as pessoas sobre as quais mexericar, levei-o a dar uma volta pela minha terra como se fôssemos duas velhas tias a visitar-se uma à outra. Mostrei-lhe as galinhas e os vidoeiros, o jardim e os caminhos. Mostrei-lhe o meu barracão de trabalho, onde fazia as tintas coloridas que Zar levava para o mercado por mim. Essas, pelo menos, surpreenderam-no. “Trouxe-te tintas de Torre do Cervo, mas agora pergunto a mim próprio se as tuas não serão melhores.” Deu-me palmadinhas no ombro, precisamente como fazia outrora quando eu misturava corretamente um veneno, e a velha onda de prazer pelo seu orgulho em mim voltou a percorrer-me.

É provável que lhe tenha mostrado muito mais do que pretendia. Quando ele olhou para os meus canteiros de ervas, sem dúvida reparou na preponderância de sedativos e analgésicos entre as plantas medicinais. Quando lhe mostrei o banco na falésia com vista para o mar, até disse em voz baixa: “Sim, Veracidade teria gostado disto.” Mas apesar do que viu e adivinhou não voltou a falar do Talento.

Ficámos a pé até tarde nessa noite, e eu ensinei-lhe as noções básicas do jogo de pedras de Panela. Olhos-de-Noite aborreceu-se com a nossa longa conversa e foi caçar. Detetei um pouco de ciúme no lobo, mas decidi resolver isso com ele mais tarde. Quando pusemos o jogo de parte dirigi a conversa para o próprio Breu e para como ele passava. Sorridente, admitiu que apreciava o regresso à corte e à sociedade. Falou-me da juventude, como raramente falara antes. Tivera uma vida alegre antes de ter manejado erradamente a poção que o marcara e o

deixara tão envergonhado com a sua aparência que se retirara para uma vida secreta nas sombras como assassino do rei. Nos últimos anos parecia ter reatado a vida desse jovem que gostara tanto de dançar e de jantares privados com damas espirituosas. Senti-me contente por ele, e foi principalmente como gracejo que perguntei: “Mas então como é que conjugas o teu trabalho discreto para a coroa com todos esses outros encontros e divertimentos?”

A resposta dele foi franca. “Cá me arranjo. E o meu atual aprendiz está a mostrar-se rápido a aprender e dotado. Não demorará muito até que possa pôr completamente essas velhas tarefas em mãos mais jovens.”

Experimentei um perturbador momento de ciúme por ele ter posto outro no meu lugar. Um instante mais tarde, reconheci a tolice que isso era. Os Visionários teriam sempre necessidade de um homem capaz de dispensar discretamente a Justiça do Rei. Eu declarara que não continuaria a ser assassino real; isso não significava que a necessidade de um assassino tivesse desaparecido. Tentei recuperar o autodomínio. “Quer dizer que as velhas experiências e lições ainda prosseguem na torre?”

Ele acenou uma vez, com gravidade. “Sim. Por falar nisso...” Levantou-se subitamente de onde estava sentado, junto da lareira. Por um velho hábito retomado, tínhamos adotado as nossas velhas posturas, com ele sentado numa cadeira em frente do fogo e eu na lareira, a seus pés. Só nesse momento me apercebi de como isso era estranho e me espantei por me parecer tão natural. Abanei a cabeça repreendendo-me enquanto Breu remexia os alforges em cima da mesa. Voltou com um frasco de couro endurecido e manchado. “Trouxe isto para te mostrar e depois com toda a conversa quase me esqueci. Lembras-te do meu fascínio com fogos anti-naturais, fumos e coisas do género?”

Revirei os olhos. O “fascínio” dele tinha-nos chamuscado a ambos por mais de uma vez. Recusei a recordação da última vez em que testemunhara a sua magia do fogo: ele fizera os archotes de Torre do Cervo arder com fogo azul e crepitar na noite em que o príncipe Majestoso se declarara falsamente o herdeiro imediato da coroa Visionária. Essa noite também assistira ao assassinio do Rei Sagaz e ao meu subsequente encarceramento por esse pretexto.

Se Breu fez essa ligação, não o mostrou. Regressou avidamente para junto da lareira com o frasco. “Tens um rolo de papel? Não trouxe nenhum.”

Arranjei-lhe papel, e observei cheio de dúvidas enquanto ele pegava numa longa tira do meu papel, a dobrava no sentido do comprimento e depois espalhava prudentemente uma quantidade de pó ao longo do sulco da dobra. Com cuidado, dobrou o papel por cima do pó, voltou a

dobrá-lo, e depois prendeu-o com uma torção em espiral. “Agora observa isto!”, convidou com avidez.

Eu observei com ansiedade como ele pôs o papel no fogo da lareira. Mas fosse o que fosse que aquilo supostamente deveria fazer, um clarão, centelhas ou fumo, não o fez. O papel ficou castanho, pegou fogo e ardeu. Houve um ligeiro cheiro a enxofre. E foi tudo. Ergui uma sobranceira para Breu.

“Não era nada disto!”, protestou, enervado. Trabalhando com rapidez, preparou outra tira de papel, mas desta vez foi mais generoso com o pó tirado do pequeno frasco. Pôs o papel na parte mais quente do fogo. Eu afastei-me da lareira, preparei-me para o efeito, mas voltámos a ficar desapontados. Esfreguei a boca para cobrir o sorriso que o desgosto patente na cara dele me causou.

“Vais pensar que perdi o jeito!”, declarou Breu.

“Oh, isso nunca,” respondi, mas era difícil manter o divertimento longe da voz. Da terceira vez, o papel que ele preparou assemelhava-se mais a um gordo tubo, e pó derramou-se do seu interior quando o torceu e fechou. Levantei-me e afastei-me da lareira enquanto ele o colocava entre as chamas. Mas, tal como antes, o papel limitou-se a arder.

Breu soltou uma grande fungadela de descontentamento. Espreitou pelo estreito gargalo do pequeno frasco e depois sacudiu-o. Com uma exclamação descontente, rolhou-o. “Entrou humidade, não sei como. Enfim. Isso estragou o meu espetáculo.” Atirou o frasco para o fogo, gesto que em Breu indicava grande exasperação.

Enquanto eu voltava a sentar-me junto da lareira, senti a agudeza do seu desapontamento e tive um pouco de piedade pelo velho. Tentei tirar importância ao caso. “Isto fez-me lembrar aquela altura em que confundi o pó de fumo com a raiz de lanceta em pó. Lembras-te? Fiquei horas a lacrimejar.”

Ele soltou uma curta gargalhada. “Lembro-me.” Ficou em silêncio durante algum tempo, sorrindo para dentro. Eu sabia que a sua mente tinha regressado aos dias antigos que passáramos juntos. Depois inclinou-se para a frente para me pôr uma mão no ombro. “Fitz,” disse, muito sério, com os olhos fixos nos meus. “Eu nunca te enganei, pois não? Fui justo. Disse-te o que te estava a ensinar logo desde o início.”

Vi então o inchaço da cicatriz que havia entre nós. Cobri a mão dele com a minha. Os nós dos seus dedos eram ossudos, a sua pele tornara-se fina como papel. Voltei a olhar para as chamas enquanto lhe falava. “Sempre foste honesto comigo, Breu. Se alguém me enganou, fui eu próprio. Ambos servíamos o nosso rei, e fizemos o que tivemos de fazer nessa causa. Não voltarei para Torre do Cervo. Mas não é por causa de alguma coisa

que tu tivesses feito, só por causa da pessoa em que me tornei. Não sinto por ti qualquer má vontade, por nenhum motivo.”

Virei-me para o olhar. O seu rosto estava muito grave, e eu vi nos seus olhos o que ele não me dissera. Sentia a minha falta. O seu pedido para que eu regressasse para Torre do Cervo era tanto por si como por qualquer outro motivo. Descobri então uma pequena réstia de cura e paz. Ainda era amado, pelo menos por Breu. Comovi-me e senti a garganta apertar-se. Tentei encontrar palavras mais leves. “Nunca afirmaste que ser teu aprendiz me daria uma vida calma e segura.”

Como que para confirmar aquelas palavras, um súbito clarão irrompeu da lareira. Se eu não tivesse a cara virada para Breu suponho que podia ter ficado cego. Assim, uma explosão que foi como um relâmpago e um trovão juntos ensurdeceu-me. Carvões e centelhas voadoras atingiram-me e o fogo rugiu de súbito como fera irritada. Ambos nos pusemos em pé de um salto e nos afastámos atabalhoadamente da lareira. Um instante mais tarde, uma avalanche de fuligem proveniente da minha negligenciada chaminé apagou a maior parte do fogo na lareira. Breu e eu precipitámo-nos pela sala fora, a pisar as centelhas brilhantes e a pontapear bocados de frasco a arder para a lareira antes que o soalho pegasse fogo. A porta escancarou-se perante o assalto de Olhos-de-Noite. O lobo entrou em voo na sala, raspando no chão com as garras em busca de apoio enquanto escorregava até parar.

“Estou bem, estou bem,” assegurei-lhe, e então apercebi-me de que estava a berrar por cima do ressoar nos meus ouvidos. Olhos-de-Noite soltou uma fungadela repugnada com o cheiro que havia na sala. Sem sequer partilhar um pensamento comigo, voltou a sair para a noite.

Breu bateu-me de repente várias vezes no ombro. “A apagar uma brasa,” assegurou-me em voz alta. Precisámos de algum tempo para restaurar a ordem e renovar o fogo no seu lugar próprio. Mesmo assim, ele puxou a cadeira para mais longe deste, e eu não me sentei na lareira. “Era isto que o pó devia fazer?”, perguntei tardiamente depois de nos voltarmos a instalar com mais brande de Orla d’Areia.

“Não! Pelos tomates de El, rapaz, achas que eu faria isto deliberadamente na tua lareira? O que eu tinha produzido antes era um súbito clarão de luz branca, quase capaz de cegar. O pó não devia ter feito aquilo. Em todo o caso, pergunto a mim próprio porque o terá feito. Qual foi a diferença? Bolas. Gostava de me conseguir lembrar da última coisa que guardei naquele frasco...” Franziu as sobranceiras e fitou ferozmente as chamas, e eu compreendi que o seu novo aprendiz iria ser posto a investigar o que fora ao certo que causara aquela explosão. Não lhe invejava a série de experiências que sem dúvida se seguiriam.

Ele passou a noite em minha casa, ocupando a minha cama enquanto eu me contentava com a de Zar. Mas quando se levantou na manhã seguinte ambos sabíamos que a visita estava no fim. De repente parecia nada mais haver a discutir, e pouco interesse em falar sobre fosse o que fosse. Uma espécie de tristeza cresceu em mim. Porque teria eu perguntado por gente que nunca mais veria; porque teria ele falado da última vaga de intrigas políticas quando elas não me tocavam a vida de nenhuma forma? Durante uma longa tarde e noite, as nossas vidas tinham-se voltado a enredar, mas agora que o dia cinzento amanhecia ele observou-me a tratar das minhas tarefas domésticas; a ir buscar água e a dar comida às aves, a cozinhar o pequeno almoço para ambos e a lavar a louça. Pareceu ir ficando mais distante a cada silêncio incómodo. Quase comecei a desejar que não tivesse vindo.

Após o pequeno almoço ele disse que tinha de ir andando e eu não tentei dissuadi-lo. Prometi-lhe que ficaria com os papéis do jogo quando eu terminasse. Dei-lhe vários velos que escrevera sobre dosagens para chás sedativos, e umas raízes para plantar as poucas ervas do meu jardim que ele ainda não conhecia. Dei-lhe vários recipientes de tinta de várias cores. O mais perto que ele chegou de me fazer mudar de ideias foi quando observou que havia melhor mercado para coisas daquelas em Torre do Cervo. Limitei-me a anuir, e disse que talvez enviasse Zar até lá de vez em quando. Depois selei e aparelhei a bela égua e trouxe-lha. Ele despediu-se de mim com um abraço, montou e partiu. Fiquei a vê-lo percorrer o caminho. Atrás de mim, Olhos-de-Noite enfiou-me a cabeça sob a mão.

*Tens pena disto?*

*Tenho pena de muitas coisas. Mas sei que se fosse com ele e fizesse o que ele quer acabaria por ter ainda mais pena. E no entanto não conseguia sair de onde estava a fitá-lo. Não era tarde demais, tentei-me. Um grito, e ele daria meia volta e regressaria. Apertei os maxilares.*

Olhos-de-Noite deu-me uma pancadinha na mão com o focinho. *Vem daí. Vamos caçar. Sem rapaz, sem arcos. Só tu e eu.*

“Parece-me bem,” ouvi-me a dizer. E foi o que fizemos, e até apanhámos um belo coelho de primavera. Foi bom estender os músculos e provar que ainda podia fazê-lo. Decidi que não era um velho, ainda não, e que eu, tanto quanto Zar, precisava de sair e fazer algumas coisas novas. Aprender algo de novo. Sempre fora essa a cura de Paciência para o aborrecimento. Essa noite, ao passar os olhos pela minha casa de campo, ela pareceu-me mais sufocante do que confortável. O que fora familiar e acolhedor algumas noites antes parecia agora gasto e sem interesse. Eu sabia que era apenas o contraste entre as histórias de Breu sobre Torre do Cervo e a minha vida calma. Mas o desassossego, depois de despertado, é coisa poderosa.

Tentei pensar na última vez que dormira fora da minha cama. A minha era uma vida estável. Na época das colheitas, todos os anos, deixava-me à estrada durante um mês, em busca de trabalho na apanha de forragem ou na colheita de cereais, ou como apanhador de maçãs. O dinheiro extra era bem-vindo. Costumara ir a Baía de Como duas vezes por ano, para trocar as minhas tintas por tecido para fazer roupa e tachos e coisas do género. Nos últimos dois anos mandara o rapaz no seu velho e gordo pônei. A minha vida instalara-se tão profundamente na rotina que eu nem sequer reparara nesse facto.

*Bom. Que queres tu fazer?* Olhos-de-Noite espreguiçou-se e depois bocejou, resignado.

*Não sei,* admiti perante o velho lobo. *Qualquer coisa de diferente. O que achavas de vaguear pelo mundo durante algum tempo?*

Por um momento ele retirou para aquela parte da sua mente que era apenas sua. Depois perguntou, com uma certa dose de mau humor: *E iríamos os dois a pé, ou tu esperas que eu acompanhe um cavalo o dia inteiro?*

*Pergunta justa. E se fôssemos ambos a pé?*

*Se tiver de ser,* concedeu ele de má vontade. *Estás a pensar naquele lugar nas Montanhas, não estás?*

*A cidade antiga? Sim.*

Ele não se me opôs. *Vamos levar o rapaz?*

*Acho que vamos deixar o Zar aqui a arranjar-se sozinho durante algum tempo. Pode ser bom para ele. E alguém tem de cuidar das galinhas.*

*Então suponho que não partimos até que o rapaz regresse?*

Confirmei com a cabeça. Perguntei a mim próprio se teria perdido completamente o juízo.

Perguntei a mim próprio se conseguiríamos mesmo regressar.

CAPÍTULO II

## *Esporana*



*Esporana Cantodave, menestrel da Rainha Kettricken, inspirou tantas canções como aquelas que escreveu. Lendária companheira da Rainha Kettricken na sua busca de auxílio Antigo durante a Guerra dos Navios Vermelhos, ela prolongou o serviço ao trono Visionário ao longo de décadas durante a reconstrução dos Seis Ducados. Dotada com o talento de estar à vontade em qualquer companhia, foi indispensável à Rainha nos anos instáveis que se seguiram à Limpeza de Cervo. À menestrel foram confiados não só tratados e acordos entre nobres, mas ofertas de amnistia a bandos de ladrões e famílias de contrabandistas. Ela própria fez canções de muitas dessas missões, mas podemos ter a certeza de que tinha outros empreendimentos, levados a cabo em segredo em prol do reinado Visionário, e demasiado sensíveis para alguma vez se transformarem em tema de versos.*

Esporana manteve Zar consigo durante dois meses completos. O meu divertimento com esta prolongada ausência transformou-se primeiro em irritação e depois em aborrecimento. O aborrecimento era principalmente comigo próprio. Não me apercebera do ponto a que passara a depender das fortes costas do rapaz até ter de dobrar as minhas para executar as tarefas que delegava nele. Mas não foi só com as tarefas normais do rapaz que me ocupei durante esse mês adicional da sua ausência. A visita de Breu despertara algo em mim. Não tinha nome para esse algo, mas parecia

um demónio que me dilacerava, mostrando-me todos os aspetos miseráveis da minha pequena propriedade. A paz da minha casa isolada parecia agora complacência ociosa. Ter-se-ia mesmo passado um ano desde que enfiara uma pedra por baixo do degrau descaído do alpendre e prometera a mim próprio que o arranjaría mais tarde? Não, passara-se algo de mais próximo a um ano e meio.

Pus o alpendre em condições, e depois não só limpei à pazada a capoeira, como a lavei com lixívia antes de ir colher canas frescas para lhe cobrir o chão. Arranjei a goteira no telhado do barracão de trabalho e finalmente cortei o buraco e instalei a janela de pele engordurada que andava a prometer a mim próprio há dois anos. Dei à casa uma limpeza de primavera mais profunda do que ela tivera durante anos. Cortei o ramo rachado do freixo, fazendo-o cair com precisão através do telhado da capoeira acabada de limpar. Refiz o telhado da capoeira. Estava precisamente a concluir essa tarefa quando Olhos-de-Noite me disse que estava a ouvir cavalos. Desci, peguei na camisa e dei a volta até à parte da frente da casa para saudar Esporana e Zar que se aproximavam pelo caminho.

Não sei se foi o tempo de separação, ou o meu desassossego acabado de semear, mas de repente vi Zar e Esporana como se fossem estranhos. Não era apenas o novo traço que Zar usava, embora isso lhe acentuasse as longas pernas e os ombros que se iam alargando. Ele tinha um ar cómico em cima do velho pônei, facto de que tenho a certeza que estava consciente. O pônei era tão desadequado para o jovem em crescimento como a cama de criança na minha casa e o meu modo de vida tranquilo. De repente apercebi-me de que não tinha o direito de lhe pedir para ficar em casa a vigiar as galinhas enquanto eu partia à aventura. De facto, se não o mandasse em breve em busca da sua própria fortuna, o leve descontentamento com o regresso a casa que via nos seus olhos desiguais depressa se transformaria num amargo desapontamento com a vida que levava. Zar fora um bom companheiro para mim; o enjeitado que eu acolhera tinha-me salvo tanto como eu o salvara a ele, talvez. Seria muito melhor para mim mandar este jovem para o mundo enquanto ambos ainda gostávamos um do outro em vez de esperar até me tornar num pesado dever para os seus jovens ombros.

Não foi apenas Zar a mudar aos meus olhos. Esporana estava tão vibrante como sempre, sorrindo enquanto atirava uma perna por cima do cavalo e deslizava para o chão. E no entanto, quando se aproximou de mim com os braços bem abertos para me abraçar, apercebi-me do pouco que conhecia da sua vida atual. Fixei os seus alegres olhos escuros e reparei pela primeira vez nos pés de galinha que partiam dos cantos. O seu vestuário fora-se tornando mais rico com os anos, a qualidade das suas



montadas melhor, e as suas joias mais caras. Hoje, o seu espesso cabelo escuro estava preso com uma mola de pesada prata. Era evidente que prosperava. Três ou quatro vezes por ano caía sobre mim, para ficar por alguns dias e pôr de pantanas a minha vida calma com as suas histórias e canções. Durante os dias que passava em minha casa insistia em temperar a comida a seu gosto, espalhava-me sobre a mesa, secretária e chão uma camada de posses suas, e a minha cama deixava de ser um lugar que eu procurava quando estava exausto. Os dias que se seguiam à sua partida faziam-me lembrar uma estrada de campo com poeira a pairar, pesada, no ar, na esteira duma caravana de bonecreiro. Ficava com a mesma sensação de respiração sufocada e visão enevoada até voltar a instalar-me na minha enfadonha rotina.

Abracei-a também, com força, cheirando poeira e perfume no seu cabelo. Ela deu um passo para trás, olhou-me no rosto, e imediatamente perguntou: “Que se passa? Há alguma coisa de diferente.”

Fiz um sorriso pesaroso. “Conto-te mais tarde,” prometi, e ambos soubemos que essa seria uma das nossas conversas de fim de noite.

“Vai-te lavar,” concordou ela. “Cheiras ao meu cavalo.” Deu-me um ligeiro empurrão, e eu afastei-me dela para cumprimentar Zar.

“Então, rapaz, como foi? Uma Festa da Primavera de Torre do Cervo correspondeu às histórias de Esporana?”

“Foi bom,” disse ele num tom neutro. Dirigiu-me um olhar direto e os seus olhos dissonantes, um castanho, o outro azul, estavam cheios de tormento.

“Zar?”, comecei, preocupado, mas ele encolheu-se para longe de mim antes de lhe conseguir tocar no ombro.

Afastou-se de mim, mas talvez se tenha arrependido da saudação mal-humorada, pois um momento mais tarde resmungou: “Vou até ao ribeiro para me lavar. Estou coberto de poeira da estrada.”

*Vai com ele. Não tenho a certeza do que se passa, mas ele precisa dum amigo.*

*De preferência um que não faça perguntas,* concordou Olhos-de-Noite. De cabeça baixa, com a cauda esticada, o lobo seguiu o rapaz. À sua maneira, gostava tanto de Zar como eu e tivera a mesma influência na sua educação que eu tivera.

Quando eles se afastaram o suficiente para não nos ouvirem, virei-me para Esporana. “Sabes o que provocou aquilo?”

Ela encolheu os ombros, com um sorriso malicioso nos lábios. “Ele tem quinze anos. Será que mau humor tem de ser provocado por alguma coisa naquela idade? Não te preocupes. Pode ser qualquer coisa: uma rapariga na Festa da Primavera que não o beijou ou uma que beijou. Deixar

Torre do Cervo ou vir para casa. Uma salsicha estragada ao pequeno-almoço. Deixa-o em paz. Vai ficar bem.”

Olhei-os enquanto rapaz e lobo desapareciam por entre as árvores. “Talvez me lembre de ter quinze anos numa forma um pouco diferente da tua,” comentei.

Tratei do cavalo dela e de Trevo, o pônei, enquanto Esporana entrava na casa, pensando enquanto o fazia que fosse qual fosse o meu estado de espírito Castro ter-me-ia ordenado que tratasse do cavalo antes de me ir embora. Bem, eu não era Castro, pensei com os meus botões. Perguntei a mim próprio se ele manteria com Urtiga, Cavalaria e Nim o mesmo tipo de disciplina que mantivera comigo, e depois desejei ter pedido a Breu o resto dos nomes dos miúdos. Quando os cavalos ficaram confortáveis já eu estava a desejar que Breu não tivesse aparecido. A sua visita trouxera demasiadas memórias antigas à superfície. Resoluto, afastei-as. Ossos com quinze anos de idade, ter-me-ia dito o lobo. Toquei-lhe brevemente na mente com a minha. Zar salpicara a cara com um pouco de água e penetrara na floresta, resmungando e caminhando de forma tão descuidada que não haveria hipótese de chegarem a ver alguma caça. Suspirei por ambos e entrei em casa.

Lá dentro, Esporana despejara o conteúdo dos seus alforques na mesa. As botas que descalçara estavam atravessadas na soleira da porta; o manto engrinaldava uma cadeira. A chaleira estava a começar a ferver. Ela estava empoleirada num banco à frente do meu armário. Quando entrei estendeu-me uma pequena caneca castanha. “Este chá ainda está bom? Tem um cheiro esquisito.”

“Está excelente, quando tenho dores suficientes para o engolir. Desce daí.” Pus-lhe as mãos na cintura e ergui-a com facilidade, embora a velha cicatriz nas minhas costas me desse uma pontada quando a pus no chão. “Senta-te. Eu faço o chá. Fala-me da Festa da Primavera.”

E foi o que ela fez, enquanto eu punha a mesa, cortava fatias do meu último pão e punha o guisado de coelho a aquecer. As suas histórias de Torre do Cervo eram do género que eu me acostumara a ouvi-la contar: falou de menestrais que tinham tocado bem ou mal, mexericou sobre senhores e senhoras que eu nunca conhecera, e condenou ou elogiou a comida das mesas de vários nobres que visitara. Contava todas as histórias numa forma espirituosa, fazendo-me rir ou abanar a cabeça, consoante elas pediam, sem causar nem uma ponta da dor que Breu despertara em mim. Suponho que isso acontecera porque ele falara sobre as pessoas que ambos tínhamos conhecido e amado e contara as suas histórias a partir dessa perspectiva íntima. Não era pela própria Torre do Cervo ou pela vida de cidade que eu me consumia, mas pelos dias da minha infância e pe-

los amigos que conhecera. Nisso, eu estava em segurança; era impossível regressar a esse tempo. Só algumas dessas pessoas sequer sabiam que eu ainda estava vivo, e era assim que eu queria que as coisas ficassem. Disse isso mesmo a Esporana: “Às vezes, as tuas histórias puxam-me pelo coração e fazem-me desejar poder regressar a Torre do Cervo. Mas esse é um mundo que está agora fechado para mim.”

Ela franziu-me o sobrolho. “Não vejo porquê.”

Soltei uma sonora gargalhada. “Não te parece que haveria quem ficasse surpreendido por me ver vivo?”

Ela inclinou a cabeça para o lado e fitou-me com uma expressão franca. “Acho que haveria poucos, mesmo entre os teus velhos amigos, que te reconhecessem. A maioria lembra-te como um jovem sem cicatrizes. O nariz partido, o corte na cara, até o branco no teu cabelo podem bastar como disfarce. Nessa época tu vestias-te como o filho dum príncipe; agora usas os trajos dum camponês. Nessa época movias-te com a graça dum guerreiro. Agora, bem, de manhã ou num dia frio mexes-te com a cautela dum velho.” Abanou a cabeça com pena enquanto acrescentava: “Não tomaste qualquer cuidado com a tua aparência, e os anos não foram gentis contigo. Podias acrescentar cinco ou mesmo dez anos à tua idade e ninguém o questionaria.”

Aquela avaliação franca vinda da minha amante doeu. “Bem, é bom saber isso,” respondi com sarcasmo. Tirei a chaleira do fogo, sem querer enfrentar-lhe o olhar naquele momento.

Ela interpretou erroneamente as minhas palavras e tom de voz. “Sim. E quando acrescentas a isso o facto de as pessoas verem o que esperam ver, e não esperarem ver-te vivo... acho que podias arriscar. Quer dizer que estás a pensar num regresso a Torre do Cervo?”

“Não.” Ouvi a secura na palavra, mas não consegui pensar em nada para lhe acrescentar. Isso não pareceu incomodá-la.

“É pena. Perdes tanto a viver assim sozinho.” Atirou-se imediatamente a um relato das danças da Festa da Primavera. Apesar da minha disposição azeda, tive de sorrir com o relato que ela fez sobre Breu a ser convidado insistentemente para dançar por uma jovem admiradora de dezasseis verões. Ela tinha razão. Eu teria adorado estar lá.

Enquanto preparava comida para todos nós, dei pela mente a desviar-se para o velho tormento do “e se.” E se eu tivesse podido regressar a Torre do Cervo com a minha Rainha e Esporana? E se tivesse ido para casa ter com Moli e com a nossa filha? Mas acabava sempre em desastre, torcesse a premissa como torcesse. Se tivesse regressado a Torre do Cervo, vivo quando todos me julgavam executado por praticar a Manha, só teria gerado divisões numa altura em que Kettricken estava a atentar reunificar

o território. Teria havido uma facção que me teria favorecido em desfavor dela pois, apesar de ser bastardo, era um Visionário pelo sangue enquanto ela reinava apenas em virtude do casamento. Uma facção mais forte estaria a favor de voltar a executar-me, e duma forma mais rigorosa.

E se tivesse regressado para junto de Moli e da pequena, se tivesse regressado para a levar e tornar minha? Suponho que poderia tê-lo feito, se não tivesse interesse por ninguém além de mim. Tanto ela como Castro tinham-se convencido de que eu estava morto. A mulher que fora minha esposa em tudo menos em nome e o homem que me educara e fora meu amigo tinham-se virado um para o outro. Ele mantivera um telhado sobre a cabeça de Moli e assegurara-se de que ela estava alimentada e aquecida enquanto a minha filha crescia no seu ventre. Com as próprias mãos, dera à luz a minha bastarda. Juntos tinham mantido Urtiga longe dos homens de Majestoso. Castro reclamara como suas tanto a mulher como a criança, não só para as proteger como para as amar. Eu podia ter voltado para elas, e torná-los-ia a ambos infiéis aos seus próprios olhos. Podia ter transformado a sua ligação em algo de vergonhoso. Castro ter-me-ia entregue Moli e Urtiga. O seu severo sentido de honra não lhe teria deixado outra alternativa. E eu interrogar-me-ia para sempre se ela me comparava com ele, se o amor que eles tinham partilhado seria mais forte e mais honesto do que...

“Estás a queimar o guisado,” fez Esporana notar, aborrecida.

E estava. Servi-nos com o que estava no topo da panela, e fui-me juntar a ela à mesa. Pus todos os passados de lado, os reais e os imaginários. Não precisava de pensar neles. Tinha Esporana para me ocupar a mente. Como de costume, eu era o ouvinte e ela a contadora de histórias. Começou a fazer um longo relato sobre um menestrel arrivista na Festa da Primavera que não só se atrevera a cantar uma das canções dela, só com a alteração de um verso ou dois, como ainda por cima reclamara para si a autoria. Esporana gesticulava com o pão enquanto falava e quase conseguiu prender-me à história. Mas as minhas recordações de outras Festas da Primavera não paravam de se intrometer. Teria eu perdido todo o prazer na vida simples que criara para mim? O rapaz e o lobo tinham-me sido suficientes durante muitos anos. Que me afligia agora?

Daí saltei para mais um pensamento dissonante. Onde estava Zar? Eu fizera chá para os três, e também dividira a comida por três. Zar ficava sempre faminto após qualquer tipo de tarefa ou viagem. Era perturbador que não conseguisse ultrapassar o mau humor para vir juntar-se-nos. Enquanto Esporana continuava a falar, apercebi-me de que os meus olhos se desviavam repetidamente para a tigela intacta de guisado que pusera na mesa para ele. Ela apanhou-me o gesto.

“Não te preocupes com ele,” disse-me quase com irritação. “É um rapaz, com os modos carrancudos dum rapaz. Quando tiver fome suficiente, virá para casa.”

*Ou então estragará peixe perfeitamente bom queimando-o numa fogueira.* O pensamento do lobo surgiu em resposta à minha sondagem de Manha na sua direção. Os dois estavam na margem do ribeiro. Zar fizera uma lança temporária com um pau, e o lobo limitara-se a mergulhar na água para caçar ao longo das margens erodidas do curso de água. Quando havia muito peixe, não lhe era difícil encurralar um aí, mergulhar a cabeça e capturá-lo com a boca. A água fria fazia-lhe doer as articulações, mas a fogueira do rapaz depressa o aqueceria. Estavam bem. *Não te preocupes.*

Conselho inútil, mas eu fingi segui-lo. Acabámos de comer e eu levantei a mesa. Enquanto arrumava as coisas, Esporana sentou-se na lareira ao lado do fogo noturno, dedilhando a harpa até que as notas aleatórias se transformaram na velha canção sobre a filha do moleiro. Quando ficou tudo arrumado, fui-me juntar a ela com um copo de brande de Orla d’Areia para cada um. Sentei-me numa cadeira, mas ela sentou-se perto do fogo, no chão. Encostou-se às minhas pernas enquanto tocava. Observei as suas mãos a dedilhar as cordas, reparando na curvatura que mostravam no local onde os seus dedos tinham sido quebrados em tempos, como aviso para mim. No fim da canção inclinei-me e beijei-a. Ela respondeu ao beijo, pondo a harpa de parte e colocando nele mais intensidade.

Então levantou-se e pegou-me nas mãos para me pôr em pé. Enquanto eu a seguia para o quarto, ela observou: “Hoje estás pensativo.”

Fiz um ruídozinho qualquer de confirmação. Dizer-lhe que me magoara os sentimentos pouco antes teria parecido lamuriento e infantil. Quereria eu que ela me mentisse, me dissesse que eu ainda era jovem e bem parecido quando era evidente que não era? O tempo fizera o que quisera comigo. Era só isso, e era de esperar. Mesmo assim, Esporana não deixava de voltar para mim. Durante todos aqueles anos, regressara sempre para mim e para a minha cama. Isso tinha de contar para alguma coisa.

“Ias-me contar qualquer coisa?”, perguntou ela.

“Mais tarde,” disse-lhe. O passado tentava agarrar-me, mas eu pus os seus ávidos dedos de parte, determinado a submergir-me no presente. Aquela vida não era assim tão má. Era simples e ordenada, sem conflito. Não seria aquela a vida com que sempre sonhara? Uma vida em que tomava por mim as minhas decisões? E na verdade não estava sozinho. Tinha Olhos-de-Noite e Zar, e Esporana quando ela vinha ter comigo. Abri-lhe o colete e depois a blusa para lhe desnudar os seios enquanto ela me desabotoava a camisa. Abraçou-me, esfregando-se contra mim com o

prazer descarado duma gata ronronante. Apertei-a contra mim e baixei o rosto para lhe beijar o topo da cabeça. Também aquilo era simples e isso só lhe aumentava a doçura. O meu colchão acabado de rechear estava tão profundo e perfumado como as ervas que o enchiam. Esporana deixou-se cair sobre ele. Durante algum tempo, parei por completo de pensar, enquanto tentava persuadir-nos a ambos de que, apesar das aparências, ainda era um jovem.

Algum tempo mais tarde, demorava-me nas fronteiras do sono. Por vezes penso que existe mais descanso nesse lugar intermédio entre a vigília e o sono do que no sono verdadeiro. A mente caminha pelo ocaso de ambos os estados, e encontra as verdades que estão ocultas tanto pela luz do dia como pelos sonhos. As coisas que não estamos prontos para saber habitam nesse lugar, à espera desse estado de espírito sem defesas.

Acordei. Os meus olhos estavam abertos, a estudar os detalhes do meu quarto escurecido, antes de me aperceber de que o sono fugira. O braço aberto de Esporana estava apoiado no meu peito. No sono, ela afastara a manta de ambos. A noite ocultava a sua nudez descuidada, envolvendo-a em sombras. Fiquei quieto, a ouvi-la respirar e a cheirar o seu suor misturado com o perfume, e perguntei a mim próprio o que me teria despertado. Não consegui determinar o que teria sido, mas também não era capaz de voltar a fechar os olhos. Deslizei de debaixo do braço dela e levantei-me ao lado da cama. Na escuridão procurei às apalpadelas a camisa e as calças que despira.

Os carvões na lareira davam uma luz hesitante à sala principal, mas não me demorei aí. Abri a porta e saí descalço para a suave noite primaveril. Fiquei imóvel por um momento, deixando que os olhos se me ajustassem, e depois afastei-me da casa e do jardim e desci até à margem do ribeiro. O caminho sob os meus pés era de lama fria e endurecida, bem comprimida pelas minhas viagens diárias para ir buscar água. As árvores encontravam-se sobre a minha cabeça e não havia lua, mas os meus pés e nariz conheciam o caminho tão bem como os meus olhos. Tudo o que tinha a fazer era seguir a Manha até ao meu lobo. Em breve distingui o clarão cor de laranja da fogueira gasta de Zar, e o odor a peixe cozinhado que permanecia no ar.

Eles dormiam junto da fogueira, o lobo enroscado com o focinho sobre a cauda, e Zar enrolado à volta dele, com o braço em torno do pescoço de Olhos-de-Noite. Olhos-de-Noite abriu os olhos quando me aproximei, mas não se mexeu. *Eu disse-te para não te preocupares.*

*Não estou preocupado. Estou só aqui.* Zar deixara uns restos de lenha perto da fogueira. Acrescentei-os às brasas. Sentei-me e fiquei a ver o fogo lambê-los. A luz surgiu com o calor. Compreendi que o rapaz estava acor-

dado. Não se pode ser educado com um lobo sem apanhar alguma da sua prudência. Esperei por ele.

“O problema não és tu. Não és só tu, pelo menos.”

Não olhei para Zar, mesmo quando ele falou. Há coisas que é melhor dizer ao escuro. Esperei. O silêncio pode fazer todas as perguntas, ao passo que a língua é propensa a só perguntar a errada.

“Eu tenho de saber,” disse ele de repente. O meu coração parou perante a pergunta que se aproximava. Nalgum canto da minha alma, sempre temera que ele a fizesse. Não o devia ter deixado ir à Festa da Primavera, pensei, assustado. Se o tivesse mantido ali, o meu segredo nunca teria sido ameaçado.

Mas não foi essa a pergunta que ele fez.

“Tu sabias que Esporana é casada?”

Então olhei-o, e a cara deve ter respondido por mim. Ele fechou os olhos com compaixão. “Desculpa,” disse em voz baixa. “Devia saber que não sabias. Devia ter arranjado uma maneira melhor para te dizer.”

E o simples conforto duma mulher que vinha aos meus braços quando queria, porque desejava estar comigo, e as doces noites de histórias e música junto à lareira e os seus olhos escuros e alegres a olhar para dentro dos meus tornaram-se de súbito culpados e enganadores e furtivos. Eu era tão tolo como sempre fora, não, mais estúpido ainda, pois o que é ingenuidade num rapaz é fatuidade num homem. Casada. Esporana casada. Ela julgara que nunca ninguém quererá casar com ela, por ser estéril. Dissera-me que teria de ganhar a vida com canções, pois nunca haveria um homem para cuidar dela, nem filhos para a sustentar na idade avançada. Era provável que quando me dissera aquelas coisas acreditasse que eram verdadeiras. A minha loucura estivera em acreditar que essa verdade nunca mudaria.

Olhos-de-Noite levantara-se e espreguiçara-se duma forma hirta. Agora veio deitar-se a meu lado. Pôs-me a cabeça no joelho. *Não percebo. Estás doente?*

*Não. Só estúpido.*

*Ah. Então não há nada de novo. Bom, até agora não morreste disso.*

*Mas às vezes estive perto.* Respirei fundo. “Conta-me.” Não queria ouvir o que Zar tinha a contar, mas sabia que ele tinha de contar. Era melhor despachar o assunto.

Zar aproximou-se com um suspiro, e sentou-se do outro lado de Olhos-de-Noite. Pegou num graveto que estava no chão ao seu lado e remexeu com ele a fogueira. “Não me parece que ela quisesse que eu descobrisse. O marido não vive em Torre do Cervo. Fez a viagem para lhe fazer uma surpresa, para passar a Festa da Primavera com ela.” Enquanto

falava, o graveto incendiou-se. Ele atirou-o para dentro da fogueira. Os dedos vagabundearam e puseram-se a escovar ociosamente o pelo de Olhos-de-Noite.

Imaginei um velho agricultor honesto, casado com uma menestrel nos anos sossegados da vida, talvez com filhos crescidos dum casamento anterior. Fazer uma viagem até Torre do Cervo para lhe fazer uma surpresa significava que a amava. A Festa da Primavera era tradicionalmente para amantes, novos e velhos.

“O nome dele é Orvalhino,” prosseguiu Zar. “E é uma espécie qualquer de parente do príncipe Respeitador. Um primo distante, ou coisa do género. É um homem alto, sempre vestido numa forma muito imponente. Usava um manto com o dobro da largura que precisava de ter e com um colarinho de peles. E usa prata nos dois pulsos. E também é forte. No baile da Festa da Primavera levantou Esporana no ar e fê-la dar uma volta, e toda a gente recuou para os ver.” Zar estava a observar-me o rosto enquanto falava. Julgo que achou a minha óbvia consternação reconfortante. “Eu devia saber que tu não sabias. Não terias enganado um homem distinto como aquele.”

“Eu não teria enganado homem nenhum,” consegui dizer. “Pelo menos conscientemente.”

Ele suspirou como se estivesse aliviado. “Foi isso que me ensinaste.” De forma pueril, a sua mente regressou instantaneamente ao modo como o assunto o afetara a ele. “Fiquei incomodado quando os vi beijarem-se. Nunca tinha visto ninguém beijar-se assim além de ti e de Esporana. Pensei que ela estava a trair-te, e depois quando o ouvi a ser apresentado como marido dela...” Ergueu a cabeça para mim. “Isso magoou-me mesmo. Nessa altura pensei que sabias e não te importavas. Pensei que se calhar tinhas andado todos estes anos a ensinar-me uma coisa e a fazer outra. Perguntei a mim próprio se me acharias tão palerma que nunca descobrisse, se tu e Esporana se ririam do assunto por ser engraçado eu ser tão estúpido. Aquilo foi-se acumulando na minha cabeça até que eu comecei a questionar tudo o que me ensinaste sobre tudo.” Voltou a olhar para a fogueira. “Foi uma sensação horrível ser assim traído.”

Fiquei contente por ouvi-lo a encarar o problema daquela forma. Era muito melhor que ele só pensasse no que significava para ele, em vez de como me podia ferir a mim. Ele que seguisse os seus próprios pensamentos até onde o levassem. A minha mente estava a deslocar-se numa direção diferente, rangendo como uma velha carroça puxada de dentro dum barracão e acabada de ser oleada para a primavera. Resisti ao virar das rodas que me levavam a uma conclusão inevitável. Esporana era casada. E



porque não? Não tivera nada a perder e tudo a ganhar. Uma casa confortável com o seu distinto senhor, sem dúvida algum titular menor, riqueza e segurança para a velhice, e para ele uma esposa adorável e encantadora, menestrel célebre, e podia refastelar-se à luz da sua glória refletida e desfrutar da inveja dos outros homens.

E quando ela se cansava dele, podia meter-se à estrada como os menestréis faziam sempre e vir ter uma aventura comigo, e nem um nem outro ficaríamos a saber. Nem um nem outro? Poderia eu partir do princípio de que éramos só dois?

“Achas que foste o único com quem ela dormiu?”

Um moço sem rodeios, este Zar. Perguntei a mim próprio que perguntas teria ele feito a Esporana durante a viagem para casa.

“Suponho que nem sequer pensei nisso,” admiti. Havia tantas coisas com que era mais fácil viver se não se pensasse muito nelas. Suponho que soubera que Esporana se partilhava com outros homens. Ela era uma menestrel; os menestréis faziam esse tipo de coisa. Por isso, desculpara o facto de dormir com ela perante mim próprio, e indiretamente perante Zar. Ela nunca falara do assunto, eu nunca perguntara, e os seus outros amantes eram seres hipotéticos, sem cara e sem corpo. Mas certamente não eram maridos. Ela prestara-lhe votos, e ele a ela. Isso, para mim, fazia toda a diferença.

“Que vais fazer agora?”

Excelente pergunta. Uma pergunta na qual eu estivera cuidadosamente a evitar pensar. “Não tenho a certeza,” menti.

“Esporana disse que eu não tinha nada a ver com isso, que não fazia mal a ninguém. Disse que se te contasse seria eu quem era cruel, quem te magoaria, não ela. Disse que sempre tinha tido o cuidado de não te magoar, que já tinhas tido dor suficiente na tua vida. Quando eu disse que tinhas o direito de saber, ela disse que tinhas um direito maior de não saber.”

A língua inteligente de Esporana. Não lhe deixara maneira de se sentir bem consigo próprio. Zar olhava-me agora, com os olhos desiguais leais como os dum cão, e esperava que eu o julgasse. Disse-lhe a verdade. “Prefiro saber a verdade da tua boca a que me vejas a ser enganado.”

“Então magoei-te?”

Abanei lentamente a cabeça. “Quem me magoou fui eu, rapaz.” E magoara. Nunca fora um menestrel; não tinha direito aos costumes dos menestréis. Aqueles que ganham a vida com os dedos e as línguas têm corações mais insensíveis do que o resto de nós, suponho. “Mais depressa se encontra uma doninha amável do que um menestrel fiel,” segundo reza o ditado. Perguntei a mim próprio se o marido de Esporana lhe teria prestado atenção.

“Julguei que te zangasses. Ela avisou-me de que te podias zangar o suficiente para lhe fazeres mal.”

“E tu acreditaste?” Aquilo feria tão fortemente como a revelação.

Ele inspirou rapidamente, voltou a hesitar, e depois disse depressa: “Tens o teu temperamento. E eu nunca precisei de te dizer uma coisa que te pudesse magoar. Uma coisa que pudesse fazer com que te sentisses estúpido.”

Rapaz perspicaz. Mais do que eu julgava. “Estou zangado, Zar. Estou zangado comigo próprio.”

Ele olhou para a fogueira. “Sinto-me egoísta, porque agora me sinto melhor.”

“Estou contente por te sentires melhor. Estou contente por as coisas serem outra vez fáceis entre nós. Bom. Põe tudo isso de lado e fala-me do resto da Festa da Primavera. O que achaste da Cidade de Torre do Cervo?”

E ele falou e eu escutei. Ele vira Torre do Cervo e a Festa da Primavera com os olhos de um rapaz, e enquanto falava eu apercebi-me da dimensão das mudanças sofridas tanto pelo castelo como pela cidade desde os dias em que lá vivera. A partir das suas descrições, compreendi que a cidade conseguira crescer, arrancando espaço de construção às severas falésias que se erguiam acima dela, e expandindo-se sobre pilares. Descreveu tabernas e comércios flutuantes. Também falou de mercadores de Vilamonte e das ilhas mais longínquas, bem como de outros vindos das Ilhas Externas. A Cidade de Torre do Cervo ampliara o seu estatuto como porto comercial. Quando falou no Grande Salão de Torre do Cervo e da sala em que ficara como convidado de Esporana, reconheci que muito fora o que mudara também na fortaleza. Ele falou de tapetes e fontanários, de ricas tapeçarias em todas as paredes, e de cadeiras almofadadas e cintilantes candelabros. As suas descrições fizeram-me lembrar mais a bela mansão de Majestoso em Vaudefeira do que a severa fortaleza a que eu em tempos chamara casa. Suspeitei de que havia aí influência tanto de Breu como de Kettricken. O velho assassino sempre apreciara coisas de boa qualidade, já para não falar do conforto. Eu já decidira nunca regressar a Torre do Cervo. Porque seria então tão desencorajador ficar a saber que o lugar que recordava, essa severa fortaleza de pedra negra, já não existia realmente?

Zar também tinha outras histórias sobre as localidades por que tinham passado a caminho de Torre do Cervo e durante o regresso. Uma das que me contou deixou-me as entranhas geladas. “Uma manhã em Ponta de Ardino ia morrendo de susto,” começou e eu não reconheci o nome da aldeia. Sabia, vagamente, que muitas pessoas que tinham fugido da costa durante os anos dos Navios Vermelhos tinham regressado para

fundar novas localidades, nem sempre sobre as cinzas das antigas. Anuí como se conhecesse o sítio. Era provável que da última vez que passara por lá não fosse mais do que um ponto largo na estrada. Os olhos de Zar estavam dilatados enquanto falava, e eu percebi que ele, de momento, esquecera tudo a respeito da traição de Esporana.

“Foi a caminho da Festa da Primavera. Tínhamos passado a noite na estalagem que lá há, Esporana pagou-nos o jantar e um quarto com canções, e eles foram todos tão gentis e amáveis connosco por lá que eu pensei que Ponta de Ardino era um sítio muito bom. Na sala comum, quando Esporana não estava a cantar, ouvi conversas zangadas sobre um Manhoso que tinha sido apanhado por enfeitiçar vacas para não darem bezerros, mas prestei-lhes pouca atenção. Pareciam só homens a conversar alto demais depois de muita cerveja. A estalagem deu-nos um quarto no primeiro andar. Eu acordei cedo, cedo demais para Esporana, mas não conseguia dormir mais. Por isso sentei-me à janela e pus-me a ver as pessoas a andar dum lado para o outro nas ruas lá em baixo. Lá fora, na praça, começou a juntar-se gente. Pensei que podia ser um mercado ou uma feira de primavera. Mas depois arrastaram uma mulher para lá, toda cheia de nódoas negras e de sangue. Ataram-na a um poste, e eu pensei que iam açoiar. Depois reparei que algumas das pessoas tinham trazido cestos cheios de pedras. Acordei Esporana e perguntei-lhe o que era aquilo, mas ela pediu-me para ficar calado, que não havia nada que nenhum de nós pudesse fazer quanto àquilo. Disse-me para me afastar da janela, mas eu não afastei. Não consegui. Não conseguia acreditar que uma coisa daquelas pudesse acontecer, não parava de pensar que alguém havia de aparecer para os obrigar a todos a parar. Tomé, ela estava lá atada, indefesa. Um homem qualquer apareceu e leu um papel enrolado. Depois recuou, e eles apedrejaram-na.”

Parou de falar. Ele sabia que nas aldeias havia punições severas para ladrões de cavalos e assassinos. Tinha ouvido falar de flagelações e enforcamentos. Mas nunca tivera de ver um desses castigos. Engoliu em seco no silêncio que surgiu entre nós. O frio insinuou-se em mim. Olhos-de-Noite ganiu, e eu pus-lhe uma mão em cima.

*Podias perfeitamente ter sido tu.*

*Eu sei.*

Zar respirou fundo. “Pensei que devia ir até lá abaixo, que alguém devia fazer alguma coisa, mas estava demasiado assustado. Estava envergonhado por estar tão assustado, mas não consegui obrigar-me a mexer-me. Limitei-me a ficar ali a ver, e as pedras atingiram-na. E ela só tentava esconder a cabeça com os braços. Senti-me doente. Depois ouvi um som que nunca tinha ouvido antes, como se fosse um rio a

correr pelo ar. O céu da manhã ficou mais escuro, como se nuvens de tempestade se estivessem a acumular, mas não havia vento. Eram corvos, Tomé, uma inundação de pássaros pretos. Nunca tinha visto tantos, a crocitar e a guinchar, precisamente como fazem quando encontram uma águia ou um falcão e tentam espantá-los. Só que não estavam a atacar uma águia. Ergueram-se das colinas por trás da vila e encheram o céu, como uma manta preta a esvoaçar numa corda. Depois, de repente, caíram sobre a multidão, mergulhando e crocitando. Vi um deles pousar no cabelo duma mulher e atacar-lhe os olhos à bicada. Havia pessoas a correr em todas as direções, aos gritos e a atirar palmadas aos pássaros. Eles assustaram uma parelha e os cavalos endoideceram, arrastando a carroça mesmo pelo meio da multidão. Estava toda a gente a gritar. Até Esporana se levantou para vir até à janela. Depressa as ruas ficaram vazias de tudo menos das aves. Estavam empoleiradas por todo o lado, em telhados e parapeitos de janelas, e enchiam de tal maneira as árvores que os ramos baixavam com o seu peso. A mulher que tinha sido atada, a Manhosa, tinha desaparecido. Só lá restavam as cordas ensanguentadas, atadas ao poste. Depois, de repente, todos os pássaros simplesmente levantaram voo. E a seguir desapareceram.” A sua voz baixou até um sussurro. “Mais tarde, nessa manhã, o estalajadeiro disse que achava que ela se tinha simplesmente transformado num pássaro e levantado voo com os outros.”

Mais tarde, disse eu a mim próprio. Mais tarde dir-lhe-ia que aquilo não era verdade, que ela podia ter chamado as aves para a ajudar a escapar mas nem mesmo os manhosos podiam mudar de forma dessa maneira. Mais tarde dir-lhe-ia que não era cobarde por não ter descido, que a multidão o teria simplesmente apedrejado juntamente com ela. Mais tarde. Aquela história que ele estava a contar agora era como veneno a escorrer de uma ferida. Era melhor deixá-lo escoar sem empecilhos.

Retomei o rasto às suas palavras. “... E chamam a si próprios Sangue Antigo. O estalajadeiro disse que começaram a ter ideias grandiosas de si próprios. Que gostavam de conquistar o poder, diz ele, como fizeram nos tempos em que o príncipe Pigarço governava. Mas se conquistarem vingam-se-ão de todos nós. Aqueles que não têm a magia da Manha serão seus escravos. E se alguém tentar desafia-los será atirado aos animais dos Manhosos.” A voz do rapaz morreu num sussurro. Pigarreou. “Esporana disse-me que aquilo era uma estupidez, que os Manhosos não são assim. Disse que basicamente só querem ser deixados em paz para viver em sossego.”

Pigarreei. Fiquei surpreendido pela vaga de gratidão que senti por Esporana. “Bem. Ela é uma menestrel. Eles conhecem todo o género de

peessoas, e têm muitos recantos esquisitos de saber. Por isso podes acreditar no que ela te disse.”

Ele dera-me muito mais em que pensar do que eu desejaria. Quase não me consegui manter atento ao resto das suas histórias. Ele estava intrigado com uma história estranha que dizia que Vilamonte estava a criar dragões e que em breve as cidades podiam comprar um dragão de Vilamonte para animal de guarda. Assegurei-lhe que vira dragões verdadeiros e que histórias dessas não mereciam crédito. Mais realistas eram os rumores de que a guerra de Vilamonte com Calcede podia alastrar até aos Seis Ducados. “A guerra chegaria aqui?”, quis ele saber. Jovem como era, tinha apenas memórias vagas mas assustadoras da nossa guerra com os Navios Vermelhos. Apesar disso, era um rapaz, e uma guerra parecia um acontecimento tão interessante como uma Festa da Primavera.

Citei-lhe o velho provérbio: “Mais tarde ou mais cedo, há sempre uma guerra com Calcede.’ Mesmo quando não estamos em guerra com Calcede, há sempre escaramuças fronteiriças e um certo grau de pirataria e de incursões. Não deixes que isso te preocupe. Os ducados de Razos e Rasgão suportam sempre o grosso desses ataques, e com grande prazer. Não havia nada de que o Ducado de Razos mais gostasse do que devorar mais um bocado das terras pertencentes ao Duque de Calcede.”

E assim se dirigiu a conversa para notícias mais seguras e prosaicas sobre a sua Festa da Primavera. Falou de malabaristas que passavam de mão em mão archotes e lâminas nuas, voltou a contar os melhores gracejos de um espetáculo obscuro de marionetas que vira, e falou-me duma bonita bruxa ambulante chamada Gina, que lhe vendera um amuleto contra carteiristas e prometera um dia visitar-nos aqui. Eu ri ruidosamente quando ele me contou que menos de uma hora depois o amuleto lhe tinha sido roubado por um ladrão. Comera peixe em vinagre e gostara muito até que uma noite bebera demasiado vinho e vomitara o vinho e o peixe. Jurou que nunca mais conseguiria comê-lo. Eu deixei-o continuar a falar, satisfeito por o rapaz estar finalmente a retirar prazer da partilha das suas aventuras de Torre do Cervo comigo. E, no entanto, todas as histórias que ele contava me mostravam com mais clareza que a minha vida simples já não era adequada para Zar. Estava na altura de lhe arranjar um aprendizado e o deixar lutar pela vida sozinho.

Por um instante, foi como estar à beira de um abismo. Tinha de entregar Zar a um mestre que podia ensinar-lhe um verdadeiro ofício, e tinha também de pôr Esporana fora da minha vida. Sabia que se a expulsasse da minha cama ela não se humilharia voltando para mim como amiga. Todo o simples conforto do nosso companheirismo dos últimos anos desapare-

ceria. A voz de Zar continuava a soar, as suas palavras caíam à minha volta como chuva. Ia sentir a falta do rapaz.

Senti o peso morno da cabeça do lobo quando ele me pousou no joelho. Fitou firmemente a fogueira. *Uma vez sonhaste com uma época em que seríamos só nós os dois.*

Um vínculo de Manha deixa muito pouco espaço para o engano cortês. *Nunca esperei ter tanta fome da companhia da minha espécie,* admiti.

Um breve relance cintilante dos seus olhos profundos. *Só nós somos da nossa espécie. Sempre foi esse o problema com as ligações que tentámos forjar com os outros. Eles eram lobos ou eram humanos. Mas nunca eram da nossa espécie. Nem mesmo aqueles que chamam a si próprios Sangue Antigo estão tão profundamente geminados como nós.*

Eu sabia que ele falava a verdade. Pus a mão no seu crânio largo e fiz passar a sua orelha entre os meus dedos. Não pensei absolutamente em nada.

Ele não conseguiu deixar o assunto em paz. *A mudança cai de novo sobre nós, Alterador. Consigo senti-la à beira do horizonte, quase que a cheiro. É como um predador maior que entrou no nosso território de caça. Não a sentes?*

*Não sinto nada.*

Mas ele ouviu a mentira. Soltou um pesado suspiro.

CAPÍTULO III

## *Despedidas*



*A Manha é uma magia suja, afligindo normalmente as crianças de uma casa pouco asseada. Embora seja frequentemente atribuída a ter-se tido relações com animais, há outras origens para esta magia baixa. Um pai sensato não permitirá que o seu filho brinque com cachorrinhos ou gatinhos ainda em idade de mamar, nem permitirá que a sua descendência durma onde dorme um animal. A mente adormecida dum criança está muito vulnerável à invasão pelos sonhos dum animal, e portanto a adotar a língua do animal como a do seu coração. É frequente que esta magia sórdida aflija gerações dum família devido aos seus hábitos nojentos, mas não é inaudito que uma criança Manhosa apareça de súbito no seio de famílias do melhor sangue. Quando isto acontece, os pais devem endurecer os corações e fazer o que tem de ser feito, a bem de todas as crianças da família. Também devem procurar entre os criados para determinar de qual é a malícia ou o descuido que está na origem desse contágio, e o culpado deve ser tratado da forma adequada.*

— DOENÇAS E MALEITAS, DE SARCOGINO

Pouco depois de as primeiras aves da alvorada darem início aos seus chamamentos, Zar voltou a adormecer. Eu fiquei por algum tempo breve sentado junto da sua fogueira a observá-lo. A ansiedade tinha sido afastada do seu rosto, deixando-o calmo. Zar era um rapaz sossegado e simples que nunca gostara do conflito. Não era rapaz para segredos. Senti-me satisfeito pelo facto de que contar-me sobre Esporana o pusera

em paz consigo próprio. O meu rumo até à paz seguiria um caminho mais pedregoso.

Deixei-o a dormir ao sol do início da manhã junto da fogueira moribunda. “Vigia-o,” disse a Olhos-de-Noite. Sentia a dor nas ancas do lobo, num eco da dor devoradora que sentia nas cicatrizes que trazia nas costas. As noites a céu aberto já não eram meigas para nenhum de nós. No entanto, ter-me-ia deitado de bom grado na terra fria e húmida em vez de regressar para casa e confrontar Esporana. Mais cedo é normalmente melhor do que mais tarde no que toca a enfrentar coisas desagradáveis, disse a mim próprio. Caminhando como um homem muito velho, regressei a casa.

Parei no galinheiro para recolher ovos. As minhas aves já estavam acordadas e a esgravatar. O galo voou para cima do telhado arranjado, bateu duas vezes as asas e cantou energicamente. Manhã. Sim. Uma manhã que eu temia.

Dentro de casa, espevitei o fogo e pus os ovos a cozer. Pus na mesa o meu último pão, o queijo que Breu trouxera e ervas para o chá. Esporana nunca fora de acordar cedo. Tive tempo com fartura para pensar no que queria dizer e no que não queria dizer. Enquanto punha a sala em condições, principalmente recolhendo as coisas que ela espalhara, a minha mente recuou até aos anos que partilháramos. Fora mais do que uma década de conhecimento mútuo. De *pensar* que a conhecia, corriji-me. Depois amaldiçoei-me por ser mentiroso. Eu conhecia-a mesmo. Peguei no manto que ela deixara sobre a cadeira. O seu odor estava encurralado na boa lã de que o traje era feito. Muito boa qualidade, disse a mim próprio. O marido abastecia-a do melhor. O pior daquilo era que o que Esporana fizera não me surpreendia. Estava só envergonhado comigo próprio, por não o ter previsto.

Nos seis anos após a Limpeza de Cervo andara sozinho pelo mundo. Não fizera nenhum contacto com ninguém que me conhecesse em Torre do Cervo. A minha vida como Visionário, como o bastardo do príncipe Cavalaria, como assassino aprendiz de Breu, estava morta para mim. Transformei-me em Tomé Texugo e entrei de corpo e alma nessa nova vida. Como sonhara durante tanto tempo, viajei, e as minhas decisões foram partilhadas apenas com o meu lobo. Encontrei uma espécie de paz em mim. Isso não quer dizer que não tivesse saudades daqueles que amara em Torre do Cervo. Tinha, por vezes violentamente. Mas, ao sentir-lhes a falta, também descobri a liberdade do meu passado. Um homem com fome pode ansiar por carne quente e sumarenta sem desdenhar os prazeres simples do pão e do queijo. Dei forma a uma vida para mim, e se lhe faltava muito do que fora agradável na minha vida anterior, também for-



necia prazeres simples que a vida antiga me negara durante muito tempo. Vivera satisfeito.

Então, numa manhã de nevoeiro cerca de um ano após ter-me estabelecido na casa situada perto das ruínas de Forja, o lobo e eu regressámos de uma caçada ao encontro da mudança que nos montara uma emboscada. Um veado de um ano pesava-me nos ombros, fazendo-me doer a velha cicatriz da seta. Estava a tentar decidir se o conforto de um longo banho de água quente valeria a dor de carregar os baldes e a espera por que a água aquecesse quando ouvira o inconfundível som de um casco ferrado a cair sobre pedra. Deixara cair a nossa presa, e de seguida eu e Olhos-de-Noite descrevêramos um largo e discreto círculo em torno da cabana. Não havia nada para ver além dum cavalo, ainda selado, preso a uma árvore perto da minha porta. Era provável que o cavaleiro estivesse dentro do nosso lar. O cavalo sacudira as orelhas quando nos esgueiráramos para mais perto, consciente da minha presença, mas ainda sem a certeza de que eu fosse motivo de alarme.

*Deixa-te ficar para trás, irmão. Se cheirar a lobo ao cavalo, ele vai relinchar. Se eu avançar com muito cuidado talvez consiga aproximar-me o suficiente para olhar para dentro antes de ele fazer soar o alarme.*

Silencioso como o nevoeiro que nos cobria a ambos, Olhos-de-Noite retirara-se para o interior de um turbilhão de cinzento. Eu dera a volta até às traseiras da nossa casa, e depois deslizara para ir parar junto de uma parede. Conseguia ouvir o intruso lá dentro. Um ladrão? Ouvira o tinir de louça, e o som de água a ser despejada. Um estrondo de alguém a atirar um toro para a lareira. Carregara o cenho, confuso. Fosse quem fosse, parecia estar a instalar-se. Um instante mais tarde ouvira uma voz a erguer-se no refrão duma velha canção, e o coração dera-me uma volta no peito. Apesar dos anos que tinham passado, reconhecera a voz de Esporana.

*A cadela uivadora, confirmara Olhos-de-Noite. Apanhara-lhe o cheiro. Como sempre, tive um estremecimento desagradado perante a maneira como o lobo pensava na menestrel.*

*Deixa-me ir à frente.* Apesar de saber quem era, continuava cauteloso ao aproximar-me da minha porta. Aquilo não era nenhum acidente. Ela encontrara-me. Porquê? Que queria de mim?

“Esporana,” dissera, ao abrir a porta. Ela rodopiara para me encarar, de bule na mão. Os seus olhos viajaram por mim rapidamente, depois encontraram os meus e ela exclamou “Fitz!”, num tom de felicidade e lançou-se sobre mim. Abraçara-me e, após um momento, eu pusera também os braços à volta dela. Ela apertara-me com força. Tal como a maioria das mulheres de Cervo, Esporana era baixa e morena, e eu sentira uma força dura no seu abraço.

“Olá,” dissera eu, hesitante, olhando o topo da cabeça dela.

Ela inclinara a cara para mim. “Olá?” dissera, incrédula. Soltara uma gargalhada perante a minha expressão. “Olá?” Debruçara-se para pousar o bule na mesa. Depois erguera os braços, pegara-me na cara entre as mãos e puxara-me para baixo para me beijar. Eu acabara de chegar da humidade e do frio. O contraste entre isso e a sua boca morna na minha fora espantoso, tão surpreendente como ter uma mulher nos braços. Ela mantivera-se colada a mim, e fora como se a própria vida voltasse a abraçar-me. O seu odor intoxicara-me. Calor corra por mim, e o meu coração desatara a correr. Afastara a boca da dela. “Esporana,” comecei.

“Não,” dissera ela com firmeza. Deitara-me um relance por sobre um ombro, após o que me pegara em ambas as mãos e me puxara para a alcova onde eu dormia, fora da sala principal. Eu cambaleara atrás dela, bêbado de surpresa. Ela parara junto da minha cama e desabotoara a camisa. Quando me limitava a olhá-la, boquiaberto, ela rira e erguera a mão para desatar os nós da minha. “Não fales ainda,” avisara. E erguera-me a mão enregelada e pousara-a num dos seus seios nus.

Nesse momento, Olhos-de-Noite abrira a porta com um encontrão e entrara na cabana. O frio entrara em turbilhão para dentro da sala tépida como nevoeiro. Por um instante, ele limitara-se a olhar-nos. Depois sacudira a humidade da pelagem. Fora a vez de Esporana se imobilizar. “O lobo. Tinha-me quase esquecido... ainda o tens?”

“Ainda estamos juntos. Claro.” Começara a erguer a mão do seu seio, mas ela pegara-me na mão e mantivera-a lá.

“Não me importo. Suponho.” Fizera uma expressão de desconforto. “Mas ele tem de... estar aqui?”

Olhos-de-Noite voltara a sacudir-se. Olhara para Esporana e afastara o olhar. O frio na sala não vinha apenas da porta aberta. *A carne vai ficar fria e dura se eu esperar por ti.*

*Então não esperes, sugerira eu, picado.*

Ele voltara a deslizar para fora, para o interior do nevoeiro. Sentira-o a isolar a mente de nós. Ciúme ou cortesia?, perguntara a mim próprio. Atravessara a sala e fechara a porta. Ficara parado junto dela, perturbado pela reação de Olhos-de-Noite. Os braços de Esporana rodearam-me por trás, e quando eu me virara sob o seu abraço ela estava nua e expectante. Não tomara qualquer decisão. A junção acontecera entre nós de um modo muito semelhante à noite a cair sobre a terra.

Pensando naquilo, perguntei a mim próprio se ela o planeara daquela forma. Provavelmente não. Esporana capturara aquela parte da minha vida sem pensar mais nisto do que teria pensado em colher uma baga à beira da estrada. Estava ali, era doce, porque não comê-la? Tínhamo-nos

tornado amantes sem declaração de amor, como se dormirmos juntos fosse inevitável. Amá-la-ia eu, mesmo agora, depois de todos os anos em que ela entrara e saíra da minha vida?

Ter tais pensamentos era tão estranho como manusear os artefactos que Breu trouxera da minha vida anterior. Em tempos, tais pensamentos ter-me-iam parecido tão importantes. Questões sobre amor, honra e dever... Eu amava Moli, seria que Moli me amava a mim? Amá-la-ia eu mais do que amava o meu rei, seria ela mais importante para mim do que o meu dever? Em jovem, eu angustiara-me com tais questões, mas com Esporana nem sequer as colocara até àquele momento.

E no entanto, como sempre, as respostas eram fugidias. Eu amava-a, não como uma pessoa cuidadosamente escolhida para partilhar a minha vida, mas como uma parte familiar da minha existência. Perdê-la seria como perder a lareira da sala. Eu acabara por depender do seu calor intermitente. Sabia que tinha de lhe dizer que não podia continuar como dantes. O terror que sentia fazia-me recordar como o tempo se arrastara e como eu trancara a alma contra a curandeira que me escavara as costas para arrancar a ponta da seta. Sentia o mesmo medo hirto de uma grande dor que se aproximava.

Ouvi o roçar dos meus lençóis quando ela acordou. A sua passada soou ligeira no chão atrás de mim. Não me virei para ela enquanto despejava a água no chá. De repente vi-me incapaz de a olhar. E no entanto, ela não veio ter comigo nem me tocou. Após uma pausa, falou.

“Então o Zar contou-te.”

“Sim,” respondi eu em voz calma.

“E tu estás decidido a deixar que isso estrague tudo entre nós.”

Não parecia haver resposta a para aquilo.

A ira introduziu-se-lhe na voz. “Mudaste de nome mas, depois de todos estes anos, não mudaste de atitude. O Tomé Texugo é um puritano precisamente tão rígido como era FitzCavalaria Visionário.

“Para,” avisei-a, não por causa do seu tom de voz mas devido àquele nome. Sempre tivéramos muito cuidado para que Zar me conhecesse apenas como Tomé. Eu sabia que não era acidente ela proferir aquele nome agora em voz alta, mas sim um lembrete de que conhecia os meus segredos.

“Paro,” assegurou-me, mas foi uma faca embainhada. “Só te estou a fazer lembrar de que geres duas vidas, e gere-las muito bem. Porque haverias de levar a mal que eu faça o mesmo?”

“Não encaro as coisas dessa maneira. Esta é a única vida que tenho agora. E simplesmente procuro comportar-me com o teu marido como gostaria que outro homem se comportasse comigo. Ou será que vais dizer-me que ele sabe de mim e não se importa?”

“Precisamente o oposto. Não sabe e por isso não se importa. E se olhares com atenção, verás que vai dar precisamente no mesmo.”

“Para mim, não.”

“Bem, durante algum tempo foi o mesmo para ti. Até que Zar achou por bem estragar tudo. Impingiste os teus rígidos padrões a mais um jovem. Espero que tenhas um grande orgulho de teres educado outro pedante moralista e arrogante como tu.” As suas palavras esbofetearam-me enquanto ela se pôs a percorrer a sala com estrondo, juntando as suas coisas. Finalmente virei-me para a olhar. Estava muito corada e tinha o cabelo emaranhado de dormir. Usava apenas a minha camisa. A bainha roçava-lhe nas coxas. Parou quando eu me virei para a olhar e fitou-me de volta. Endireitou-se bem, como que para se assegurar de que eu veria tudo o que estava a recusar. “Faz mal a alguém?”, exigiu saber.

“Ao teu marido, se ele alguma vez souber,” disse eu em voz baixa. “O Zar deu-me a entender que é uma espécie de nobre. Mexericos podem causar mais dano a esse tipo de homem do que uma faca. Pensa na sua dignidade, na dignidade da sua casa. Não o transformes num velho pateta, enamorado duma mulher mais nova e cheia de vida...”

“Velho pateta?” Ela pareceu perplexa. “Eu não... o Zar disse-te que ele era velho?”

Senti-me perturbado. “Disse que era um homem distinto...”

“Distinto, sim, mas nem por isso velho. Pelo contrário.” Fez um estranho sorriso, preso entre o orgulho e o embaraço. “Ele tem vinte e quatro anos, Fitz. Um belo dançarino e forte como um touro jovem. Que julgavas tu, que eu me tinha acomodado a aquecer a cama dum senhor idoso qualquer?”

Sim. “Pensei...”

Ela mostrou-se de repente quase desafiadora, como se eu a tivesse menosprezado. “Ele é bonito e encantador, e podia ter escolhido entre uma porção de mulheres. Escolheu-me a mim. E à minha maneira amo-o realmente. Ele faz-me sentir jovem e desejável e capaz de verdadeira paixão.”

“Que foi que eu te fiz sentir?”, perguntei com relutância, em voz baixa. Sabia que estava a fazer um convite a mais dor, mas não conseguí impedir-me.

Isso confundiu-a durante algum tempo. “Confortável,” disse por fim, sem pensar nos meus sentimentos. “Aceite e valorizada.” Fez um súbito sorriso, e a sua expressão feriu-me. “Generosa, por te dar o que ninguém mais queria dar. E mais. Mundana e aventureira. Como uma ave canora de cores vivas que viesse visitar uma carriça.”

“Eras isso,” admiti. Afastei os olhos dela, virei-os para a janela. “Mas

já não és, Esporana. Nunca mais. Talvez julgues a minha vida coisa pouca, mas é minha. Não vou roubar as migalhas da mesa de outro homem. Tenho pelo menos esse orgulho.”

“Tu não te podes dar ao luxo de ter esse tipo de orgulho,” disse ela sem rodeios. Afastou o cabelo do rosto. “Olha à volta, Fitz. Uma dúzia de anos sozinho, e que tens? Uma casa na floresta e um punhado de galinhas. Que tens tu para te dar brilho, calor ou doçura? Só a mim. Talvez seja só um dia ou dois da minha vida, de vez em quando, mas eu sou a única pessoa verdadeira da tua vida.” A sua voz tornou-se mais dura. “Migalhas da mesa de outro homem é melhor do que passar fome. Tu precisas de mim.”

“Zar. Olhos-de-Noite,” fiz eu notar com frieza.

Ela pô-los de parte. “Um órfão que *eu* te trouxe e um lobo decrepito.”

Que ela os rebaixasse assim não só me afrontou como me forçou a encarar o modo como víamos as coisas de forma diferente. Suponho que, se tivéssemos vivido juntos, dia após dia, esses desacordos se teriam manifestado há muito tempo. Mas os interlúdios que partilhámos não tinham servido para discussões filosóficas, ou até para considerações práticas. Tínhamo-nos juntado quando lhe era conveniente, para partilhar a minha cama e a minha mesa. Ela dormira, comera e cantara e observara-me a desempenhar as minhas tarefas numa vida que não partilhava. Os desacordos menores que tivéramos foram esquecidos entre uma visita e a seguinte. Ela trouxera-me Zar como se fosse um gatinho perdido, e nunca mais pensara naquilo em que nos podíamos ter tornado um para o outro. Aquela discussão estava não só a pôr fim ao que partilhámos, mas a pôr a nu que na verdade tínhamos partilhado muito pouco. Senti-me duplamente devastado por esse facto. Palavras amargas vindas duma vida passada ocorreram-me. O Bobo avisara-me: “Ela não tem um verdadeiro afeto pelo Fitz, sabes? Só por poder dizer que conheceu FitzCavalaria.” Talvez, apesar de todos os anos que partilhámos, isso ainda fosse verdade.

Contive a língua com medo de tudo o que poderia dizer; acho que ela interpretou o meu silêncio como uma vacilação na minha determinação. De súbito respirou fundo. Dirigiu-me um sorriso fatigado. “Oh, Fitz. Nós precisamos um do outro de maneiras que nenhum de nós gosta de admitir.” Soltou um pequeno suspiro. “Faz o pequeno almoço. Vou vestir-me. As coisas parecem sempre piores de manhã com o estômago vazio.”

Uma paciência fatalista submergiu-me. Organizei as coisas do pequeno almoço enquanto ela se vestia. Sabia que tinha chegado à minha decisão. Era como se as palavras de Zar na noite anterior tivessem apagado uma vela em mim. Os meus sentimentos por Esporana tinham mudado

com toda essa completude. Sentámo-nos juntos à mesa, e ela tentou fazer com que tudo parecesse ser como fora antes, mas eu não parei de pensar: Esta é provavelmente a última vez que vou ver como ela faz rodopiar o chá para o arrefecer, ou como sacode o pão por todo o lado enquanto fala. Deixei-a falar, e ela manteve a conversa em banalidades, tentando prender-me o interesse ao local para onde planeava ir de seguida e àquilo que a dama Amizade usara numa ocasião qualquer. Quanto mais falava, mais distante me parecia. Enquanto a observava, tive a mais forte das sensações de que algo fora esquecido, de que faltava algo. Ela cortou mais um bocadinho de queijo, alternando dentadas nele e no pão.

Uma súbita tomada de consciência escorreu por mim como água fria pelas costas abaixo. Interrompi-a.

“Tu sabias que Breu vinha visitar-me?”

Uma fração de segundo tarde demais, ela ergueu as sobrancelhas em surpresa. “Breu? Aqui?”

Aqueles eram hábitos mentais que eu julgava ter deixado fora. Maneiras de pensar, que me tinham sido diligentemente ensinadas por um mentor talentoso nas horas entre o ocaso e a aurora durante os anos da minha juventude. Era uma maneira de peneirar factos e de os reunir, um treino que permitia que a mente desse rápidos saltos até conclusões que não eram conjeturas. Começar com uma simples observação. Esporana não fizera comentários a propósito do queijo. Qualquer queijo era um luxo para mim e para o rapaz, quanto mais um belo queijo curado como aquele. Ela devia ter ficado surpreendida ao vê-lo na minha mesa, mas não ficara. Nada dissera sobre o brande de Orla d’Areia na noite anterior. Porque nem uma coisa nem a outra a tinham surpreendido. Fiquei simultaneamente espantado e satisfeito, duma maneira horrorizada, com a rapidez com que a minha mente saltava de ponto em ponto, até de súbito poder olhar a paisagem que os factos formavam. “Nunca te ofereceste para levar o Zar a lado nenhum antes. Levaste o rapaz para Torre do Cervo para que Breu pudesse falar comigo a sós.” Uma conclusão possível a partir daí causou-me arrepios. “Para o caso de ele ter de me matar. Não haveria testemunhas.”

“Fitz!”, censurou-me ela, tanto zangada como chocada.

Quase não a ouvi. Depois das pedrinhas do pensamento começarem a saltar, a avalanche de conclusões tinha de se seguir. “Todos estes anos. Todas as tuas visitas. Foste os olhos dele postos em mim, não foste? Diz-me. Também vais ver como estão Castro e Urtiga várias vezes por ano?”

Ela olhou-me friamente, sem nada negar. “Tive de os procurar. Para dar a Castro os cavalos. Tu querias que eu o fizesse.”

Sim. A minha mente continuou a correr. Os cavalos teriam servido

perfeitamente como apresentação. Qualquer outro presente teria sido recusado por Castro. Mas Ruivo era legitimamente seu, um presente de Veracidade. Naquela altura, Esporana ter-lhe-ia dito que a Rainha enviara também o potro de Fuligem em paga dos serviços prestados aos Visionários. Olhei-a, à espera do resto. Ela era uma menestrel. Adorava falar. Tudo o que eu tinha de fazer era fornecer o silêncio.

Pousou o pão. “Quando estou nessa zona visito-os, sim. E quando regresso a Torre do Cervo, se Breu sabe que estive lá, pergunta sobre eles. Tal como pergunta sobre ti.”

“E o Bobo? Também sabes por onde ele anda?”

“Não.” A resposta foi sucinta e eu acreditei que era verdadeira. Mas ela era uma menestrel, e para ela o poder de um segredo residia sempre em contá-lo. Teve de acrescentar: “Mas acho que Castro sabe. Uma ou duas vezes, quando fui lá de visita, havia brinquedos espalhados pela casa, muito melhores do que qualquer coisa que Castro pudesse comprar para Urtiga. Um deles era uma boneca que me fez lembrar muito as marionetas do Bobo. De outra vez, havia um fio de contas de madeira, todas elas esculpidas como pequenas caras.”

Aquilo era interessante, mas não deixei que isso transparecesse nos meus olhos. Fiz-lhe diretamente a pergunta que ocupava o primeiro lugar na minha mente. “Porque haveria Breu de me considerar uma ameaça para os Visionários? É a única razão que conheço que o poderia levar a pensar que tinha de me matar.”

Algo de semelhante à piedade surgiu no rosto dela. “Tu acreditas mesmo nisso, não acreditas? Que Breu podia matar-te. Que eu o ajudaria atraindo o rapaz para longe.”

“Eu conheço Breu.”

“E ele conhece-te a ti.” As palavras eram quase uma acusação. “Ele disse-me uma vez que eras incapaz de confiar por inteiro em alguém. Que querer confiar, e temer fazê-lo, iriam sempre dividir a tua alma. Não. Acho que o velho quis simplesmente ver-te sozinho para poder falar contigo livremente. Ter-te para si, e veria por si próprio como passavas, depois de todos os teus anos de silêncio.”

Ela tinha o talento de um menestrel para as palavras e o tom de voz. Fazia parecer que o facto de eu evitar Torre do Cervo fora ao mesmo tempo indecente e cruel para com os meus amigos. A verdade era que fora uma questão de sobrevivência.

“De que falou Breu contigo?”, perguntou ela, duma forma demasiado indiferente.

Eu enfrentei o seu olhar com firmeza. “Acho que tu sabes,” respondi, perguntando a mim próprio se saberia.

A sua expressão mudou e eu consegui ver-lhe a mente a trabalhar. Bom. Então Breu não lhe confiara a verdade da sua missão. No entanto, ela era inteligente e rápida, e tinha muitas das peças. Esperei que as montasse.

“Sangue Antigo,” disse em voz baixa. “As ameaças dos Pigarços.”

Tinha havido muitas alturas na minha vida em que me sentira chocado e tivera de o esconder. Aquela vez, parece-me, foi mais difícil para mim. Ela observou-me a cara com atenção enquanto falava. “É um problema que está há algum tempo em lume brando, e parece estar agora a levantar fervura. Na Festa da Primavera, na Noite dos Menestréis, em que todos competem para atuar para o seu monarca, um menestrel cantou a velha canção sobre o príncipe Pigarço. Lembras-te dela?”

Lembrava. Falava de uma princesa levada por um Manhoso sob a forma de um ganhão pigarço. Depois de estarem sozinhos, ele adotara a forma de homem e seduzira-a. Ela dera à luz um filho bastardo, sarapintado de claro e escuro tal como o pai. Através de traição e malevolência, o bastardo subira ao trono, para governar cruelmente com o auxílio do seu bando de Manhosos. Todo o reino sofrera, até que, segundo a canção, o primo, de puro sangue Visionário, juntara à sua causa seis filhos de nobres. No solstício do verão, quando o sol se erguera bem alto ao meio-dia e os poderes do príncipe Pigarço estavam mais enfraquecidos, caíram sobre ele e mataram-no. Enforcaram-no, depois fizeram-lhe o corpo em pedaços e depois queimaram os pedaços por cima de água para que esta lhe levasse o espírito para longe em vez de lhe permitir encontrar um lar no corpo de algum animal. O método de lidar com o príncipe Pigarço que a canção mostrava tinha-se transformado na forma tradicional para garantir o extermínio de Manhosos. Majestoso ficara muito desapontado por não ser capaz de me tratar assim.

“Não é a minha canção preferida,” disse eu em voz baixa.

“Compreensivelmente. No entanto, Seleque cantou-a bem, recebendo muitos aplausos, mais do que a sua voz realmente merece. Tem aquele requebro no fim das frases que muitos acham cativante mas na verdade é o sinal duma voz com fraco controlo...” De súbito apercebeu-se de que estava a desviar-se do assunto. “Os sentimentos estão exacerbados contra os Manhosos nos dias que correm. Os Manhosos têm andado agitados nos últimos tempos, e ouvem-se histórias fantásticas. Ouvi dizer que numa aldeia em que um Manhoso foi enforcado e queimado todas as ovelhas morreram quatro dias mais tarde. Limitaram-se a cair mortas nos campos. As pessoas disseram que foi a vingança da família dele. Mas quando foram vingar-se da família, descobriram que ela se fora há muito embora. Havia um rolo de papel entalado na porta da casa



deles. Tudo o que dizia era: ‘Vós merecestes.’ E houve também outros incidentes.”

Olhei-a nos olhos. “Foi o que Zar me contou,” admiti.

Ela fez um aceno seco. Levantou-se e afastou-se da mesa. Menestrel até ao tutano, tinha uma história para contar e precisava de um palco para a contar. “Bem. Depois de Seleque cantar ‘O príncipe Pigarço’, outro menestrel avançou. Era muito novo, e talvez tivesse sido por isso que se mostrou tão insensato. Tirou o barrete à Rainha Kettricken e depois disse que a seguir a ‘O príncipe Pigarço’ iria cantar outra canção, de mais recente criação. Quando disse que a ouvira cantada pela primeira vez numa aldeia de gente Manhosa, houve murmúrios na multidão. Todos haviam ouvido boatos sobre tais lugares, mas eu nunca ouvira alguém afirmar que tinha estado num deles. Quando o burburinho se acalmou, ele atirou-se a uma canção que eu nunca tinha escutado. A melodia era adaptada, mas as palavras eram novas para mim, tão cruas como a voz dele.” Inclinou a cabeça para mim e olhou-me com um ar inquiridor. “Essa canção era sobre o Bastardo de Cavalaria. Tocava em tudo o que ele fizera antes da revelação da mácula da sua Manha. Ele até roubou uma ou duas frases à minha canção ‘A Torre da Ilha da Armação,’ se consegues acreditar no desplante de tal coisa! Depois, a canção prosseguiu dizendo que este ‘filho Visionário com Sangue Antigo abençoado, de sangue real e selvagem, o mais dotado’ não tinha morrido na masmorra do Pretendente. De acordo com esta canção, o Bastardo sobrevivera, e mantivera-se fiel à família do pai. O menestrel cantou que quando o Rei Veracidade partiu em busca dos Antigos, o Bastardo ergueu-se da tumba para correr em auxílio do seu legítimo rei. O menestrel cantou um episódio emocionante sobre o modo como o Bastardo chamou Veracidade de volta através das portas da morte, para lhe mostrar um jardim de dragões de pedra que podiam ser despertados para servir a causa dos Seis Ducados. Isso, pelo menos, soava como verdadeiro. Fez-me endireitar-me curiosa, mesmo que a voz dele estivesse já a ficar rouca por essa altura.” Fez uma pausa, esperando que eu falasse, mas eu não tinha palavras. Encolheu os ombros, após o que observou causticamente: “Se querias que fosse feita uma canção sobre esses dias podias ter pensado primeiro em mim. Eu estava lá, sabes? De facto, era por isso que eu estava lá. E sou muito melhor menestrel do que aquele rapaz.” Havia um toque de indignação ciumenta na sua voz.

“Não tive nada a ver com essa canção, como tenho a certeza que podes compreender. Gostava que nunca ninguém a tivesse ouvido.”

“Bem, aí tens bem pouco a temer.” Ela disse as palavras com profunda satisfação. “Nunca a tinha ouvido antes desse dia, e nunca a ouvi depois.

Não estava bem feita, a melodia não se adequava ao tema, a letra era defeituosa, a...”

“Esporana.”

“Oh, está bem. Ele deu à canção o final heroico tradicional. Que se alguma vez a coroa Visionário o exigisse, o fiel Bastardo Manhoso regressaria para ajudar o reino. No fim da canção, parte da multidão da Festa da Primavera berrou-lhe insultos e alguém disse que era provável que ele próprio fosse Manhoso e bom para queimar. A Rainha Kettricken ordenou silêncio, mas ao fim da noite não lhe deu uma bolsa, como deu aos outros menestréis.”

Mantive-me em silêncio, sem emitir opinião. Como não mordi o isco que me lançara, Esporana acrescentou: “Porque ele tinha desaparecido quando chegou a altura dela recompensar aqueles que lhe tinham agradado. Chamou o seu nome em primeiro lugar, mas ninguém sabia para onde o homem tinha ido. O seu nome era-me estranho. Rótules.”

Filho de Rótulo, neto de Salteador, podia eu ter-lhe dito. E tanto Salteador como Rótulo tinham sido membros muito capazes da guarda que Veracidade mantinha em Torre do Cervo. A minha mente viajou no tempo para ver a cara de Rótulo quando ele se ajoelhou perante Veracidade no Jardim de Pedra, às portas da morte. Sim, supunha que seria assim que aquilo lhe parecera, Veracidade a sair do rígido e negro pilar de Talento e a penetrar no círculo incerto da luz das fogueiras. Rótulo reconheceu o seu rei, apesar do efeito que as dificuldades haviam tido em Veracidade. Proclamara-lhe a sua lealdade, e Veracidade mandara-o embora, pedindo-lhe que regressasse a Torre do Cervo e contasse lá a todos que o legítimo rei regressaria. Ao pensar nesse momento, tive quase a certeza de que Veracidade chegara a Torre do Cervo antes do soldado. Dragões em voo são bastante mais rápidos do que um homem a pé.

Não sabia que Rótulo também me tinha reconhecido. Quem teria previsto que ele transmitiria essa história, quanto mais que teria um filho menestrel?

“Estou a ver que o conheces,” disse Esporana em voz baixa.

Olhei-a de relance e fui encontrar os seus olhos a ler-me avidamente o rosto. Suspirei. “Não conheço nenhum Rótules. Temo bem que a minha mente tenha recuado até uma coisa que disseste antes. Os Manhosos têm andado agitados. Porquê?”

Ela ergueu uma sobrancelha na minha direção. “Pensava que saberias melhor do que eu.”

“Eu vivo uma vida solitária, Esporana, como tu bem sabes. Estou em má posição para ouvir notícias de qualquer tipo, exceto as que tu me tra-

zes.” Era a minha vez de a estudar. “E isto é informação que nunca tinhas partilhado comigo.”

Ela afastou os olhos de mim e eu perguntei aos meus botões: será que decidi não me dizer? Ter-lhe-ia Breu pedido para não me falar do assunto? Ou será que foi afastado da sua mente pelas histórias de nobres para quem tocara, e dos aplausos que recebera? “Não é uma história bonita. Suponho que começou há ano e meio... talvez há dois. Pareceu-me então que tinha começado a ouvir falar com mais frequência de Manhosos descobertos e punidos. Ou mortos. Sabes como as pessoas são, Fitz. Durante algum tempo, depois da Guerra dos Navios Vermelhos, tenho a certeza de que estiveram saciados de morte e sangue. Mas depois de o inimigo ser finalmente afastado para longe das nossas costas, depois de as nossas casas estarem restauradas, os nossos campos começarem a dar boas colheitas e os nossos rebanhos a aumentar, ora, então chega a altura de voltar a descobrir os defeitos dos vizinhos. Acho que Majestoso despertou nos Seis Ducados uma ânsia pelos divertimentos sangrentos, com a sua Arena do Rei e a justiça por combate. Pergunto a mim mesma se alguma vez nos veremos realmente livres desse legado.”

Ela tocara num antigo pesadelo. A Arena do Rei em Vaudefeira, os animais engaiolados e o cheiro a sangue velho, o julgamento por batalha... a memória cobriu-me como uma onda, deixando náuseas na sua esteira.

“Há dois anos... sim,” prosseguiu Esporana. Deslocou-se inquieta pela sala enquanto pensava. “Foi quando o velho ódio contra os Manhosos voltou a explodir. A Rainha interveio contra ele, imagino que por causa de ti. É uma rainha amada, e conseguiu fazer muitas mudanças durante o seu governo, mas nisto a tradição é demasiado profunda. As pessoas nas aldeias pensam: Bem, que pode ela saber dos nossos costumes, tendo nascido nas Montanhas? Portanto, embora a Rainha Kettricken não o tenha aprovado, a caça aos Manhosos prosseguiu como sempre. Depois, em Trenúria, em Vara, há cerca de ano e meio, houve um horrível incidente. Reza a história, tal como chegou a Torre do Cervo, que uma rapariga Manhosa tinha uma raposa e não se importava com o local em que ela caçava, desde que corresse sangue todas as noites.”

Interrompi-a. “Uma raposa domesticada?”

“Não é propriamente comum. Era ainda mais suspeito porque a rapariga que tinha esta raposa não era nem de sangue nobre nem rica. Que tinha a filha de um lavrador a ver com um animal desses? Os boatos espalharam-se. As capoeiras dos aldeãos próximos de Trenúria foram as que sofreram mais, mas o golpe definitivo foi dado quando algo entrou no aviário de Dom Dopelim e transformou em jantar as suas aves canoras e

as aves de capoeira importadas dos Ermos Chuvosos. Ele pôs os caçadores à procura da rapariga e da raposa que, segundo constava, estavam na origem do caso, e eles foram apanhados, sem gentilezas, e trazidos à presença de Dom Dopelim. Ela jurou que não tinha sido obra da raposa, jurou que não era Manhosa, mas quando os ferros em brasa foram encostados à pele da raposa, diz-se que gritou com tanta força como o animal. Então, para cerrar o círculo das suas provas, Dopelim mandou arrancar as unhas dos dedos das mãos e dos pés da rapariga, e a raposa também guinchou com ela.”

“Um momento.” As palavras dela tinham-me entontecido. Conseguia imaginar aquilo bem demais.

“Eu acabo depressa. Elas morreram, devagar. Mas na noite seguinte, mais aves canoras de Dopelim foram mortas, e um velho caçador disse que tinha sido uma doninha, e não uma raposa, pois a doninha limita-se a beber o sangue enquanto que uma raposa teria feito as aves em pedaços. Acho que foi tanto a injustiça da morte da rapariga como a sua crueldade que fizeram com que os Manhosos se erguessem contra ele. No dia seguinte, o próprio cão de Dopelim mordeu-lhe. Dopelim mandou abater tanto o cão como o tratador dos cães. Afirmou que quando atravessava os estábulos todos os cavalos revolviam os olhos à sua passagem, virando as orelhas para trás e escoiceando as paredes das cocheiras. Mandou enforcar dois moços de cavalaria por cima de água e queimá-los. Afirmou que moscas tinham começado a afluir à sua cozinha de tal modo que todos os dias as achava mortas na comida e que...”

Abanei a cabeça. “Isso é a fantasia da consciência perturbada de um homem, não a obra de quaisquer Manhosos que eu tenha conhecido.”

Ela encolheu os ombros. “Seja como for, as pessoas apelaram à Rainha por justiça quando mais de uma dúzia dos seus criados foram torturados ou mortos. E ela enviou Breu.”

Recostei-me na cadeira e cruzei os braços ao peito. Com que então. O velho assassino ainda era o executor da justiça Visionário. Perguntei a mim próprio quem o teria acompanhado para fazer o trabalho mais discreto. “Que aconteceu?”, perguntei, como se não soubesse.

“Breu arranjou uma solução simples para tudo. Por ordem da Rainha, proibiu Dopelim de ter cavalos, falcões, cães ou animais de qualquer espécie na sua herdade. Não pode montar a cavalo, fazer falcoaria, ou qualquer forma de caça. Breu até o proibiu, e a todos os que vivem na sua fortaleza, de comer qualquer tipo de carne ou peixe durante um ano.”

“Isso vai tornar a propriedade desoladora.”

“Diz-se entre os menestréis que já ninguém visita Dopelim a menos que seja obrigado, que os seus criados são poucos e carrancudos, e que

perdeu estatuto junto dos outros nobres, uma vez que a sua hospitalidade passou a dar umas boas-vindas tão miseráveis. E Breu obrigou-o a pagar ouro de sangue, não só às famílias dos criados mortos, mas também à da rapariga da raposa.”

“E aceitaram-no?”

“As famílias dos criados, sim. Era justo. A família da rapariga da raposa tinha desaparecido, ou morta ou em fuga, ninguém soube ou quis dizer. Breu exigiu que o dinheiro de sangue dela fosse dado ao contabilista da Rainha, para ser guardado para a família.” Encolheu os ombros. “Isso devia ter resolvido o assunto. Mas desde essa altura até agora os incidentes multiplicaram-se. Não só as purgas de Manhosos, mas a vingança que os Manhosos por sua vez desencadeiam contra os que os atormentam.”

Franzi o sobrolho. “Não vejo por que motivo isso haveria de provocar mais revoltas entre os Manhosos. Parece-me que Dopelim foi punido com justeza.”

“E há quem diga que a punição foi mais severa do que ele merecia, mas Breu mostrou-se inflexível. E não parou por aí. Pouco depois, todos os seis duques receberam mensagens da Rainha Kettricken, que diziam que ser Manhoso não era crime, exceto no caso de um Manhoso usar a magia para fins malignos. Disse aos duques que eles tinham de proibir os respetivos nobres e senhores de executar Manhosos, exceto se os crimes por eles cometidos fossem provados com tanta certeza como os de qualquer homem comum. O édito não caiu bem, como podes imaginar. Onde não foram ignoradas, as provas da culpa de um homem são sempre amplas após a sua morte. Em vez de acalmar as coisas, a declaração da Rainha pareceu despertar todos os antigos ressentimentos contra os Manhosos.

“Mas entre os Manhosos isso pareceu uni-los em desafio. Não admitem que o seu sangue seja executado sem dar luta. Por vezes contentam-se apenas em libertar os seus antes que os possam matar, mas é bastante frequente que retaliem por vingança. Quase sempre que há a execução de um Manhoso, algum mal cai rapidamente sobre os responsáveis. O seu gado morre, ou ratazanas doentes mordem os seus filhos. Tem sempre a ver com animais. Numa aldeia, o peixe de água doce de que dependiam limitou-se a não migrar nesse ano. As redes ficaram vazias, e as pessoas passaram fome.”

“Ridículo. As pessoas atribuem a culpa dos azares à malícia. Os Manhosos não têm o tipo de poderes que lhes atribuem.” Falei com grande certeza.

Ela deitou-me um olhar desdenhoso. “Então, se a obra não é sua, porque é que os Pigarços reivindicam esses atos?”

“Os Pigarços? Quem são os Pigarços?”

Ela ergueu um ombro, encolhendo-o. “Ninguém sabe. Não se fazem anunciar. Deixam mensagens presas a portas de estalagens ou a árvores, e enviam missivas aos nobres. Cantam sempre a mesma cantilena com palavras diferentes: ‘Fulano de Tal foi morto injustamente, por crime nenhum, apenas por possuir a magia do Sangue Antigo. Agora, a nossa ira cai sobre vós. Quando o príncipe Pigarço regressar, não teremos misericórdia de vós.’ E não estão assinadas com nomes, mas apenas com uma imagem de um garanhão pigarço. Deixam as pessoas em fúria.

“A Rainha recusou-se a mandar a sua guarda persegui-los. Portanto agora o falatório entre a nobreza diz que a própria Rainha Kettricken tem culpa do aumento de execuções de Manhosos, pois a punição de Dom Dopelim levou-os a pensar que têm direito à sua magia perversa.” Perante o meu cenho franzido ela lembrou: “Uma menestrel limita-se a repetir o que ouviu dizer. Não crio os boatos, nem ponho palavras na boca das pessoas.” Aproximou-se mais de mim e, por trás, pôs-me as mãos nos ombros. Inclinou-se para baixo, encostando o rosto ao meu. Em voz baixa, acrescentou: “Depois de todos os anos que passámos juntos, decerto que já sabes que não te considero maculado.” Beijou-me na cara.

A conversa que vínhamos tendo quase me afastara a determinação da mente. Quase que a tomei nos braços. Mas, em vez disso, levantei-me, desajeitado, pois ela estava mesmo atrás da minha cadeira. Quando tentou abraçar-me, congelei o coração. Afastei-a de mim. “Tu não és minha,” disse-lhe em voz baixa.

“Nem sou *dele!*” enfureceu-se de repente. Os seus olhos escuros brilharam de fúria. “Pertença a mim própria, e sou eu que decido com quem partilho o corpo. Para mim não faz mal nenhum estar com ambos. Não ficarei grávida de nenhum de vós. Se algum homem pudesse engravidar-me, já teria acontecido há muito tempo. Portanto que importa que camas partilho?”

Ela tinha uma inteligência rápida, e as palavras serviam a sua língua muito melhor do que a minha. Não arranjei resposta inteligente. Por isso ecoei as suas palavras. “Também eu pertença a mim próprio, e sou eu que decido com quem partilho o corpo. E não o partilharei com a mulher de outro homem.”

Acho que foi então que ela finalmente acreditou. Eu pusera os seus pertences numa pilha arrumada ao lado da lareira. Ela deixou-se cair sobre os joelhos ao lado da pilha. Agarrando no alforge, começou a enchê-lo furiosamente. “Não sei por que foi que perdi tempo contigo,” resmungou.

Azar, fiel ao seu nome, escolheu esse momento para entrar na cabana. O lobo seguia-o de perto. Ao ver a cara zangada de Esporana, Zar virou-se para mim. “Queres que eu saia?”, perguntou sem rodeios.

“Não!” Esporana cuspiu a palavra. “Tu podes ficar. É a mim que ele está a pôr na rua. Graças a ti. Podias refletir um momento ou dois, Zar, naquilo que te teria acontecido se eu te tivesse deixado a escavar a lixeira daquela aldeia. De ti merecia gratidão, não esta traição!”

Os olhos do rapaz esbugalharam-se. Nada do que ela fizera, nem mesmo o modo como me enganara, me enfureceu tanto como vê-la a magoá-lo. Ele deitou-me um olhar dolorido, como se esperasse que também eu me virasse contra ele. Depois precipitou-se pela porta fora. Olhos-de-Noite fulminou-me com o olhar antes de girar sobre si próprio para o seguir.

*Eu já lá vou. Deixa-me acabar isto primeiro.*

*Era melhor que nunca tivesses começado.*

Deixei a sua censura sem resposta, pois não havia uma resposta boa para ela. Esporana ergueu para mim um olhar furibundo e, ao responder-lhe na mesma moeda, vi algo que era quase como medo a passar pela sua cara. Cruzei os braços sobre o peito. “É melhor saíres,” disse numa voz tensa. A expressão prudente nos seus olhos era um insulto tão grande para mim como o insulto que atirara contra Zar. Saí de casa e fui-lhe buscar a égua. Um belo cavalo e uma bela sela, ambos sem dúvida presentes de um belo jovem. O animal pressentiu a minha agitação e empinou-se sem parar enquanto o selei. Respirei fundo, recuperei o controlo sobre mim próprio e pousei as mãos no animal. Enviei-lhe calma. Ao fazê-lo, acalmei-me a mim. Afaguei-lhe o pescoço lustroso. A égua virou-se para resfolegar contra a minha camisa. Suspirei. “Cuida dela, está bem? Porque ela não tem cuidado nenhum consigo própria.”

Não tinha qualquer vínculo com a criatura, e as minhas palavras não passavam de sons tranquilizadores para ela. Detetei em resposta a sua aceitação do meu domínio. Levei-a até à frente da casa e fiquei lá fora, a segurar-lhe as rédeas. Um momento depois, Esporana apareceu no alpendre. “Mal podes esperar que eu me vá embora, não é?”, observou com amargura. Atirou as coisas para cima da sela, voltando a inquietar o cavalo.

“Isso não é verdade e tu sabes,” respondi. Tentei manter a voz uniforme e calma. A dor que estivera a conter atravessou a minha humilhação pela minha ingenuidade, e a ira por ela me ter usado assim. A nossa ligação não fora um amor terno e sincero; fora um companheirismo que incluía a partilha dos corpos e a confiança de dormirmos nos braços um do outro. A traição de um amigo só é diferente da traição de um amante no grau de dor que provoca, não no tipo de dor. De súbito compreendi

que lhe mentira; queria desesperadamente que ela se fosse embora. A sua presença era como uma seta espetada numa ferida; não poderia ser curada até que partisse.

Apesar disso, tentei pensar em algumas palavras sentidas, algo que pudesse recuperar a parte boa daquilo que tínhamos partilhado. Mas nada me ocorreu, e por fim fiquei ali mudo enquanto ela me arrancava as rédeas da mão e montava. Olhou para mim de cima do cavalo. Tenho a certeza de que sentia alguma dor, mas a sua face mostrava apenas a ira por eu ter contrariado a sua vontade. Abanou a cabeça.

“Podias ter sido alguém. Independentemente de como nasceste, eles deram-te todas as possibilidades para fazeres alguma coisa de ti. Podias ter tido importância. Mas foi isto que escolheste. Nunca o esqueças. Foste tu que escolheste isto.”

Obrigou a cabeça do cavalo a virar-se, não com tanta força que lhe magoasse a boca, mas com mais dureza do que a necessária. Depois lançou a égua a trote e afastou-se de mim. Fiquei a vê-la partir. Ela não olhou para trás. Apesar da minha dor, senti, não a mágoa por um fim, mas o pressentimento de um início. Fui percorrido por um arrepio, como se o próprio Bobo estivesse a meu lado e me murmurasse ao ouvido. “Não estás a senti-lo? Uma encruzilhada, um vértice, um vórtice. A partir daqui, todos os caminhos mudam.”

Virei-me, mas não havia ali ninguém. Deitei um olhar de relance ao céu. Nuvens escuras apressavam-se vindas de sul; já as copas das árvores se agitavam com a borrasca que aí vinha. Esporana iniciaria a viagem com um banho. Disse a mim próprio que isso não me causava qualquer satisfação, e fui à procura de Zar.



## *A Bruxa Ambulante*



*Havia uma bruxa ambulante nessa zona, Arbórea Acalifa de seu nome, cujos amuletos eram duma tal força que a sua potência perdurava não só de ano para ano, como continuava a proteger as pessoas que os possuíam ao longo de gerações. Diz-se que fez para Cinturão Visionário um coador tão maravilhoso que purificava todas as águas que o atravessavam. Isso foi uma grande bênção para um rei tão frequentemente ameaçado por envenenadores.*

*Por cima do portão da vila fortificada de Eccese pendurou um amuleto contra a pestilência, e durante muitos anos os celeiros estiveram livres de ratos e os estábulos de pulgas e outras pragas. A vila prosperou sob esta proteção, até que os anciãos da vila, insensatamente, construíram um segundo portão nas suas muralhas para deixar entrar mais mercadoria. Isso abriu caminho para que a pestilência entrasse na vila, e todos os seus habitantes pereceram durante a segunda vaga da Peste de Sangue.*

— “VIAGENS NOS SEIS DUCADOS”, DE SELQUIM.

O pino do verão encontrou-me a mim e a Zar precisamente como nos encontrara nos últimos sete anos. Havia um jardim a tratar, galinhas a criar, e peixe a salgar e fumar para as carências do inverno. Os dias seguiam-se uns aos outros nas suas rodadas de tarefas e refeições, de adormecer e acordar. A partida de Esporana, disse eu a mim próprio, abafara com eficácia o desassossego que a visita de Breu criara. Falara com Zar, duma forma pouco sistemática, sobre encontrar para ele um aprendizado. Com um entusiasmo que me surpreendeu, ele falou-me dum

fabricante de armários em Torre do Cervo, cujo trabalho muito admirara. Mostrei-me relutante à ideia, sem qualquer desejo de visitar a Cidade de Torre do Cervo, mas julgo que ele suspeitou de que eu não podia pagar honorários de aprendizado tão elevados como um bom artesão como Gindaste poderia exigir. Era provável que quanto a isso tivesse razão. Quando lhe perguntei se reparara noutros artesãos em madeira, ele respondeu com valentia que havia um construtor naval em Angra de Marteleira cujo trabalho era frequentemente elogiado. Talvez pudesse tentar aí. Era um mestre muito mais humilde do que o fabricante de armários de Torre do Cervo. Perguntei a mim próprio, inquieto, se o rapaz não estaria a ajustar os sonhos à profundidade dos meus bolsos. O aprendizado que obtivesse determinaria o curso da sua vida de trabalho. Não queria que a minha falta de dinheiro o condenasse a um ofício que achava apenas tolerável.

Mas, apesar do interesse do rapaz, o aprendizado manteve-se tema de conversas ao fim da noite junto à lareira e pouco mais. Oh, eu pus de parte a pequena reserva de moedas que me restava para arranjar o suficiente para honorários. Até disse ao rapaz que nos arranjaríamos com menos ovos às refeições se quiséssemos deixar que as galinhas chocassem alguns. Havia sempre mercado para galinhas, e qualquer que fosse o preço que ele conseguisse por elas, podia poupá-lo para os honorários. Mesmo assim, perguntei a mim próprio se seria suficiente para lhe comprar um bom lugar. Mãos prestáveis e umas costas fortes podiam comprar um aprendizado para um rapaz, era certo, mas os melhores artesãos e artífices costumavam exigir honorários antes de aceitarem um rapaz prometedor nas suas lojas. Era esse o costume de Cervo. Os segredos do ofício de um homem e a boa vida que ganhava com esse ofício não eram para ser dados descuidadamente a estranhos. Se os pais amavam os filhos, então educavam-nos nos seus próprios ofícios, ou pagavam bem para os porem como aprendizes daqueles que tinham dominado outras artes. Apesar da humildade das nossas fortunas, eu estava determinado em ver Zar bem colocado. Isso, disse eu a mim próprio, era o motivo por que adiava, para juntar mais dinheiro. Não era por temer separar-me do rapaz. Só queria ajudá-lo.

O lobo não me fez perguntas a respeito da viagem que antes prometera. Acho que, no seu íntimo, estava aliviado por vê-la adiada. Havia dias em que eu sentia que as palavras de Esporana me tinham transformado num velho. Os anos tinham-no realmente feito ao lobo. Suspeitava de que ele era muito velho para a sua espécie, embora não fizesse ideia do tempo de vida que um lobo selvagem costumava ter. Perguntava a mim próprio, por vezes, se o nosso vínculo não lhe emprestaria uma vitalidade pouco natural. Uma vez até me passou pela cabeça que ele talvez estivesse a usar os meus anos para prolongar os seus. Mas esse pensamento não surgiu

acompanhado por nenhum ressentimento por ele poder levar os meus dias emprestados, mas pela esperança de podermos vir ainda a passar juntos um longo período. Pois uma vez que o rapaz estivesse entregue a um mestre, quem me restaria no mundo além de Olhos-de-Noite?

Durante algum tempo perguntei a mim próprio se Breu voltaria a visitar-me, agora que conhecia o caminho, mas os longos dias de verão foram-se apagando e o caminho até à nossa cabana manteve-se vazio. Fui por duas vezes ao mercado com o rapaz, levando frangos, as minhas tintas e as raízes e ervas que achei que talvez fossem pouco comuns por lá. Olhos-de-Noite ficou satisfeito por permanecer em casa, visto que lhe desagradava tanto a longa caminhada até à encruzilhada do mercado, como a poeira, o barulho e a confusão da multidão que aí se reunia. Eu tinha sentimentos muito semelhantes aos dele, mas forcei-me a ir mesmo assim. Não tivemos tanto lucro como eu esperara, pois as pessoas no pequeno mercado que frequentávamos estavam mais habituadas a negociar em bens do que com moedas. Ainda assim, fiquei agradavelmente surpreendido com a quantidade de pessoas que se lembravam de Tomé Texugo e que comentavam como era bom ver-me de novo no mercado.

Foi da segunda vez que fomos ao mercado que calhámos encontrar a bruxa ambulante que Zar conhecera em Torre do Cervo. Tínhamos disposto os nossos artigos na parte de trás da carroça que o pónei puxava. A meio da manhã, ela encontrou-nos aí, exclamando com prazer ao voltar a ver Zar. Eu fiquei de parte, em silêncio, a observar a conversa dos dois. Ele dissera-me que Gina era bonita, e era, mas confesso ter ficado surpreendido por descobri-la mais próxima da minha idade do que da dele. Julgara que fosse uma rapariga que lhe dera a volta à cabeça quando se tinham conhecido em Torre do Cervo. Mas em vez disso era uma mulher que se aproximava da meia-idade, com olhos cor de avelã, uma sementeira de sardas e cabelo encaracolado que ia do ruivo ao castanho. Tinha a figura redonda e agradável duma mulher madura. Quando ele lhe disse que o amuleto contra carteiristas lhe tinha sido roubado antes do fim do dia, ela riu-se alto, uma gargalhada aberta e sincera. Depois respondeu-lhe calmamente que era precisamente assim que se pretendia que o amuleto funcionasse. A sua bolsa fora protegida quando o ladrão levava o amuleto em vez daquela.

Quando Zar olhou em volta para me incluir na conversa, os olhos dela já me tinham encontrado. Estava a olhar-me com aquela expressão que os pais geralmente reservam para estranhos possivelmente perigosos. Quando sorri e acenei enquanto Zar me apresentava e lhe dei os bons dias, ela descontraíu-se visivelmente e o seu sorriso expandiu-se para me incluir. Aproximou-se mais enquanto o fazia, espreitando o meu rosto, e apercebi-me de que a sua visão não era apurada.

Ela trouxera os seus artigos para o mercado, e estendeu o tapete à sombra da nossa carroça. Zar ajudou-a a organizar os amuletos e as poções, e depois disso os dois alegraram o nosso dia de mercado, trocando as novidades ocorridas desde a Festa da Primavera. Eu fiquei a ouvir enquanto Zar lhe contava os nossos planos para o aprendizado. Quando ele falou com Gina tornou-se-me muito evidente como desejara tornar-se aprendiz do fabricante de armários em Torre do Cervo em vez do construtor naval de Angra de Marteleira. Dei por mim a pensar se ainda haveria maneira de se poder conseguir resolver não só a questão dos honorários mais elevados, como ter alguém que não eu que negociasse o aprendizado em seu nome. Poderia Breu ser persuadido a ajudar-me em tal empreendimento? Daí, a minha mente derivou para o que o velho poderia pedir-me em troca desse favor. Estava profundamente embrenhado em tais pensamentos quando o cotovelo de Zar nas minhas costelas me despertou sobressaltado do devaneio.

“Tomé!”, protestou, e eu compreendi instantaneamente que de algum modo o embaraçara. Gina estava a olhar-nos a ambos com um ar expectante.

“Sim?”

“Vês? Eu disse-te que não ia haver problema com ele,” disse Zar alegremente.

“Bem, agradeço-vos, desde que tenhais certeza de que não vou incomodar,” respondeu Gina. “A estrada é longa, com estalagens muito espaçadas e caras para alguém como eu.”

Acenei para concordar com aquela afirmação, e ao longo dos minutos seguintes da conversa fui-me apercebendo de que Zar lhe oferecera a hospitalidade da nossa casa da próxima vez que ela calhasse passar pela nossa zona. Suspirei interiormente. Zar adorava a novidade que os nossos hóspedes ocasionais constituíam, mas eu ainda olhava todos os estranhos como potenciais riscos. Perguntei a mim próprio quanto tempo teria de viver até que os meus segredos fossem tão velhos que já não importavam.

Sorri e fui acenando enquanto eles conversavam, mas pouco acrescentei à conversa. Em vez disso dei por mim a estudá-la como Breu me ensinara, mas não descobri nada que sugerisse que ela era algo mais do que a bruxa ambulante que afirmava ser.

O que é o mesmo que dizer que soube muito pouco dela. Bruxas e bruxos ambulantes são bastante comuns em todos os mercados, feiras ou festivais. Ao contrário do que acontece com o Talento, as pessoas comuns não veem a magia equívoca com reverência. Ao contrário do que acontece com a Manha, ela não leva o praticante à execução. A maior parte das pessoas parece encará-la com tolerância e ceticismo. Alguns dos que

se afirmam detentores da magia são completos e descarados charlatães. Há aqueles que tiram ovos dos ouvidos dos ingênuos, que preveem vastas riquezas e grandiosos casamentos para leiteiras, que vendem poções de amor que são principalmente compostas de lavanda e camomila, e que traficam talismãs feitos de coelhos desmembrados. São razoavelmente inofensivos, suponho.

Gina, no entanto, não era dessas. Não tinha uma tagarelice amigável para atrair as pessoas que passavam, nem trazia os véus e as joias garridas que essas fraudes costumavam exhibir. Vestia-se tão simplesmente como uma habitante da floresta, com uma túnica em vários tons de verde por cima de calças castanhas como a pelagem de um cervo e sapatos moles. Os amuletos que dispusera para venda estavam ocultos dentro dos tradicionais saquinhos de tecido colorido: cor-de-rosa para amuletos de amor, vermelho para despertar paixões demoradas, vermelho para boas colheitas, e outras cores cujos significados eu não conhecia. Também oferecia pacotes de ervas secas. A maioria eram ervas que eu conhecia e estavam corretamente etiquetadas no que tocava às suas virtudes: casca de olmo-vermelho para gargantas irritadas, folhas de framboeseiro para enjoos matinais, coisas do gênero. Misturados com as ervas havia pequenos cristais de qualquer coisa que Gina afirmava que lhes aumentava a potência. Suspeitei de sal ou de açúcar. Vários pratos de cerâmica que dispusera no tapete continham discos polidos de jade, jaspe ou marfim, com runas gravadas para dar sorte, fertilidade ou paz de espírito. Estes eram menos dispendiosos do que os amuletos construídos, pois serviam apenas para bons desejos genéricos, se bem que por um cobre ou dois a mais Gina “refinasse” as pedras segundo os desejos de cada cliente.

Fez um negócio razoavelmente animado enquanto a longa manhã se foi aventurando para a tarde. Por várias vezes os clientes a interrogaram sobre os amuletos tapados, e pelo menos três fizeram compras com boa prata. Se havia magia nas engenhocas que lhes vendia era uma magia que nem a minha Manha nem o meu Talento conseguiam detetar. Vi de relance um dos amuletos; era uma intrincada montagem de contas cintilantes e pequenas varetas de madeira e, pareceu-me, um penacho de penas. Vendeu-o a um homem que desejava atrair boa sorte para si e para sua casa enquanto procurava uma esposa. Era um homem largo, musculoso como um lavrador e rústico como um telhado de colmo. Parecia ter mais ou menos a minha idade, e desejei-lhe silenciosamente sorte naquilo que procurava.

O mercado já ia bem avançado quando Baior chegou. Veio com a carroça e o boi, e seis leitões amarrados para vender. Eu não conhecia bem o homem, apesar de ser que mais se aproximava de um vizinho que eu e Zar

tínhamos. Vivia no vale a seguir ao nosso e criava aí os seus porcos. Raramente o via. No outono, por vezes fazíamos negócio, um porco para abate em troca de galinhas, trabalho ou peixe fumado. Baior era um homem pequeno, magro mas forte, e sempre desconfiado. Deitou-nos um olhar furibundo em jeito de saudação. Depois, apesar do pouco espaço, forçou a carroça a enfiar-se ao lado da nossa. Não me agradou a sua companhia. A Manha dá-nos empatia pelas outras criaturas vivas. Eu aprendera a isolar-me dela, mas não podia desligá-la por completo. Sabia que aquele boi estava esfolado e em carne viva por causa dos arreios mal ajustados, e senti o terror e o desconforto dos leitões imobilizados e queimados pelo sol na carroça.

Por isso foi tanto por autodefesa como por boa vizinhança que o saudei com um “É bom voltar a ver-te, Baior. Boa ninhada de leitões. É melhor dares-lhes alguma água para os deixares animados, e hão de conseguir um bom preço.”

Ele deitou-lhes um olhar de relance indiferente. “Não vale a pena agita-los nem correr o risco de se soltarem. De qualquer maneira o mais certo é estarem feitos em carne antes do dia acabar.”

Respirei fundo e foi com esforço que evitei falar. Às vezes penso que a Manha é mais maldição do que bênção. A parte mais difícil de a possuir talvez seja testemunhar tão completamente a crueldade descontraída dos seres humanos. Há quem fale da selvajaria dos animais. Eu prefiro isso ao desprezo indiferente que alguns homens têm pelos animais.

Estava disposto a deixar que a nossa conversa terminasse, mas ele veio inspecionar os nossos artigos. Soltou um ruídozinho depreciativo, como se fosse para ele uma surpresa que nos tivéssemos incomodado a vir ao mercado. Depois, olhando-me nos olhos, observou num tom grave: “Aqueles são bons leitões, mas havia mais três na ninhada. Um deles era maior do que estes.”

Depois parou, à espera. Os seus olhos nunca deixaram a minha cara. Sem ter a certeza do que ele esperava, respondi: “Parece uma ninhada boa e grande.”

“Pois. Era. Até que os três desapareceram.”

“Uma pena,” repliquei. Quando ele manteve os olhos fixos em mim, acrescentei: “Perderam-se enquanto vagueavam com a porca, foi?”

Ele anuiu. “Um dia eram dez. No dia seguinte sete.”

Abanei a cabeça. “Uma pena.”

Ele deu um passo para mim. “Tu e o rapaz. Não os viram, por acaso? Sei que às vezes a minha porca vai quase até ao vosso ribeiro.”

“Não vi.” Virei-me para Zar. O rapaz tinha um ar apreensivo no rosto. Reparei que Gina e o cliente se tinham silenciado, com o interesse desper-

tado pelo tom sério de Baior. Detestava ser o centro de tanta atenção. Senti o sangue a começar a ferver em mim, mas perguntei ao meu rapaz num tom agradável: “Zar, viste algum sinal de três dos leitões de Baior?”

“Nem sequer um rasto ou um monte de bosta,” respondeu ele com gravidade. Manteve-se muito quieto enquanto falava, como se um movimento súbito pudesse precipitar o perigo.

Voltei-me para Baior. “Lamento,” disse.

“Bom.” Ele observou lentamente: “É estranho, não é? Sei que tu e o teu moço e aquele cão que tendes andam por todas aquelas colinas. Pensava que tivésseis visto qualquer coisa.” O comentário era estranhamente mordaz. “E se os tivésseis visto, saberíeis que eram meus. Saberíeis que não eram animais perdidos, livres para serem apanhados.” Os seus olhos não tinham deixado o meu rosto.

Encolhi os ombros, tentando manter a calma. Mas agora havia mais gente a interromper o que estava a fazer, a observar e a escutar. Os olhos de Baior percorreram de súbito a assistência e voltaram até mim.

“Portanto tens a certeza de que não viste os meus porcos? Não encontraste algum preso ou ferido nalgum sítio? Não o encontraste morto nem o usaste para dar de comer ao cão?”

Foi a minha vez de olhar em volta. A cara de Zar ficara vermelha. Gina parecia claramente desconfortável. A minha ira cresceu por aquele homem se atrever a acusar-me de roubo, por mais indiretas que fossem as palavras. Respirei fundo e consegui dominar o humor. Numa voz baixa, desagradavelmente cortês, respondi: “Não vi os teus porcos, Baior.”

“Tens a certeza?” Deu mais um passo para mim, confundindo a minha cortesia com passividade. “Porque me parece esquisito, três a desaparecerem de repente. Um lobo podia apanhar um, ou a porca podia perdê-lo, mas não a três. Não os viste?”

Eu estivera encostado à parte de trás da carroça. Endireitei-me bem direito, plantando solidamente os pés no chão, de pernas abertas. Apesar do esforço que estava a fazer para me controlar, sentia o peito e o pescoço a ficarem tensos de fúria.

Uma vez, há muito tempo, fora violentamente espancado, até às portas da morte. Os homens parecem reagir a essa experiência de uma de duas maneiras. Alguns acobardam-se, nunca mais voltando a oferecer resistência física. Durante algum tempo, eu conhecera esse medo abjeto. A vida forçara-me a recuperar dele: aprendera uma nova reação. O homem que se torna primeiro violento com eficácia é provavelmente aquele que no fim fica de pé. Eu aprendera a ser esse homem. “Estou a ficar farto dessa pergunta,” avisei-o num rosnar cavo.

No movimentado mercado, um círculo de silêncio rodeava-nos.

Não só Gina e o cliente estavam calados, como do outro lado do caminho o mercador de queijos nos fitava e um ajudante de padeiro, com uma bandeja cheia de mercadoria fresca, se encontrava em silêncio e de boca aberta. Zar estava imóvel, de olhos muito abertos, rosto tornado branco e rubro. Mas a mudança mais notória foi a que aconteceu na cara de Baior. Nem se um urso a rosnar se tivesse de repente erguido acima dele poderia este ter ficado com um ar mais intimidado. Deu um passo para trás, e desviou o olhar para a poeira. “Bom. Claro, não os viste, muito bem, então...”

“Não os vi.” Falei energicamente, interrompendo-o. Os sons do mercado tinham-se reduzido até um zunzum distante. Só via Baior. Dei um passo para ele.

“Bom.” Ele recuou mais um passo, e escondeu-se atrás do boi, para que o animal se interpusesse entre nós. “Eu não pensava que os tivesses visto, claro. Terias perseguido os bichos de volta para o meu lado, de certeza. Mas quis informar-te sobre o que se passou. Estranho, não é, que três tenham desaparecido de uma vez? Achei que te devia dizer, para o caso de teres galinhas a desaparecer.” De conciliadora, a sua voz passou de repente a conspirativa. “O mais certo é termos tido Manhosos na zona das nossas colinas, a roubar os meus animais como só eles sabem fazer. Nem precisavam de os perseguir, bastava-lhes enfeitiçar a porca e os leitões e irem-se embora com eles. Toda a gente sabe que eles conseguem fazer isso. O mais certo...”

A minha fúria explodiu. Consegui transformá-la em palavras. Falei em voz baixa, mordendo cada palavra. “O mais certo é que os leitões tenham caído da margem dum ribeiro e tenham sido levados, ou que se tenham separado da porca. Há raposas, gatos e glutões naquelas colinas. Se queres ter o gado em segurança, vigia-o melhor.”

“A mim desapareceu-me um bezerro esta primavera,” disse de súbito o mercador de queijos. “A vaca pôs-se a vaguear grávida e voltou para casa dois dias mais tarde, vazia como uma pipa.” Abanou a cabeça. “Nunca encontrei nem sinal daquele bezerro. Mas encontrei uma fogueira apagada.”

“Manhosos,” interveio sagazmente o ajudante de padeiro. “Apanharam uma lá em Ponta de Ardino no outro dia, mas escapou-se. Não há maneira de saber onde está agora. Ou onde estava!” Os seus olhos cintilaram com a alegria da suspeita.

“Bom, então isso explica tudo,” exclamou Baior. Atirou um olhar triunfante na minha direção, após o que afastou os olhos à pressa da minha expressão. “Então foi isso, Tomé Texugo. E eu só quis avisar-te como os vizinhos fazem uns pelos outros. Vigia bem essas tuas galinhas.” Acenou judiciosamente e, do outro lado do caminho, o mercador de queijos acenou também.



“O meu primo estava lá, em Ponta de Ardino. Ele viu aquela rameira de Manha ganhar penas e voar. As cordas caíram de cima dela e ela lá foi.”

Nem sequer virei a cabeça para ver quem falara. O movimento e ruído normais do mercado tinham-se reatado à nossa volta, mas agora a conversa zumbia com um alegre ódio pelos Manhosos. Eu fiquei isolado, com o sol quente de verão a bater-me na cabeça como batia nos desgraçados leitões na carroça de Baior. A agitação no meu coração era como um tremor dentro de mim. O momento em que eu o podia ter matado passara como uma febre a ceder. Vi Zar limpar suor da testa. Gina pôs-lhe uma mão no ombro e disse-lhe qualquer coisa em voz baixa. Ele abanou a cabeça, de lábios brancos. Depois olhou para mim e dirigiu-me um sorriso abalado. Acabara.

Mas o falatório no mercado prosseguiu. À minha volta, o mercado cacarejava, sarado pela perspetiva de um inimigo comum. Isso deixou-me nauseado, e senti-me pequeno e envergonhado por não gritar perante a injustiça de tudo aquilo. Em vez disso, peguei na arreata de Trevo. “Cuida do nosso negócio, Zar. Vou dar água ao pónei.”

Zar, ainda silencioso e grave, fez-me um aceno. Senti os olhos dele postos em mim enquanto me afastava com Trevo. Demorei algum tempo na tarefa e, quando regresssei, Baior fez questão de me sorrir e cumprimentar. Tudo o que consegui fazer foi um aceno com a cabeça. Foi um alívio quando um açougueiro comprou todos os leitões de Baior sob a condição de ele os ir entregar à loja do homem. Quando o boi dorido e os infelizes leitões se afastaram, soltei um suspiro. Doíam-me as costas da tensão que estivera a conter.

“Tipo agradável,” observou Gina em voz baixa. Zar soltou uma sonora gargalhada e até eu fiz um sorriso amargo. Mais tarde partilhámos com ela os nossos ovos cozidos, pão e peixe salgado. Ela tinha uma bolsa de maçãs secas e uma salsicha fumada. Fizemos um piquenique com aquilo, e quando eu me ri de um gracejo qualquer de Zar, ela fez-me corar dizendo: “Tens ar de mau quando franzes o sobrolho, Tomé Texugo. E quando cerras os punhos, não gostaria de te conhecer. Mas quando sorris ou ris alto, os teus olhos revelam a mentira desse aspeto.”

Zar resfolegou ao ver-me corar, e o resto do dia foi passado em boa companhia e numa conversa amigável. Quando o dia de mercado se aproximou do fim, Jenna saía-se bem. A sua provisão de amuletos reduzira-se apreciavelmente. “Depressa será altura de voltar para a Cidade de Torre do Cervo e deitar mãos à obra para fazer mais. Gosto mais disso do que de vender, embora goste de viajar por aí e conhecer gente nova,” observou enquanto arrumava o que restava dos seus artigos.

Zar e eu tínhamos trocado a maior parte dos nossos bens por coisas

que nos seriam úteis em casa, mas tínhamos ganho pouco em dinheiro propriamente dito para o pagamento do seu aprendizado. Ele tentou evitar que o desapontamento lhe transparecesse no rosto, mas eu vi a sombra da preocupação nos seus olhos. E se as nossas moedas nem para o construtor naval fossem suficientes? A pergunta também a mim me atormentava.

E no entanto nenhum de nós deu voz a essa preocupação. Dormimos na carroça para poupar o custo duma estalagem e partimos para casa na manhã seguinte. Gina apareceu para nos dizer adeus e Zar fez-lhe lembrar a oferta de hospitalidade. Ela assegurou-lhe de que se lembraria, mas os seus olhos prenderam-se nos meus quando o fez, como se não tivesse a certeza de quão bem-vinda na verdade seria. Fui obrigado a anuir e a sorrir e a acrescentar a minha esperança de a vermos em breve.

Tivemos um dia bom de viagem para casa. Havia nuvens altas e um vento ligeiro que evitavam que o dia de verão se tornasse opressivo. Fomos mordiscando o favo de mel que Zar recebera em troca de uma das galinhas. Conversámos sobre coisa nenhuma: que o mercado era muito maior do que da primeira vez que eu lá estivera, que a vila crescera, que a estrada era mais movimentada do que fora no ano anterior. Nenhum de nós falou de Baior. Passámos pela bifurcação na estrada que em tempos nos teria levado até Forja. Cresciam ervas nesse caminho. Zar perguntou se eu achava que as pessoas algum dia voltariam a estabelecer-se lá. Disse que esperava que não, mas que mais cedo ou mais tarde o minério de ferro traria para ali alguém de memória curta. Desse ponto, avançámos para histórias sobre o que acontecera em Forja e as dificuldades da Guerra dos Navios Vermelhos. Conteí-as todas como histórias que tivesse ouvido outros contar, não porque gostasse do ato de as contar, mas porque eram história que o rapaz devia saber. Era algo que toda a gente dos Seis Ducados devia recordar para sempre, e uma vez mais decidi tentar fazer uma história desse período. Pensei nos meus muitos corajosos inícios, nos rolos empilhados que reboavam de um lado para o outro nas prateleiras por cima da minha secretária, e perguntei a mim próprio se algum dia completaria algum deles.

Uma questão abrupta posta por Zar arrancou-me rudemente às minhas meditações.

“Eu fui um bastardo dos Navios Vermelhos, Tomé?”

A boca escancarou-se-me. Toda a antiga dor que aquela palavra me causara brilhava fresca nos olhos desiguais de Zar. Azar fora o nome que a mãe lhe dera. Esporana encontrara-o, um órfão a rebuscar no lixo que ninguém na sua aldeia queria para si. Isso era tudo o que eu sabia sobre ele. Forcei-me à honestidade. “Não sei, Zar. Podes ter sido gerado por Salteadores.” Usei a expressão mais suave.

Ele agora olhava mesmo em frente, caminhando firmemente enquanto falava. “Esporana disse que sim. Tenho idade para ser, e pode ser por isso que ninguém além de ti me quis acolher. Gostava de saber. Gostava de saber quem sou.”

“Oh,” disse eu por fim, interrompendo o silêncio suspenso.

Ele acenou vigorosamente, por duas vezes. A sua voz soou tensa quando acrescentou: “Quando eu disse que tinha de te contar o que descobri, Esporana disse que eu tinha o mesmo coração forjado do meu pai violador.”

De súbito desejei que ele fosse mais pequeno, para lhe poder pegar a meio de um passo e abraçá-lo. Em vez disso, pus-lhe o braço sobre os ombros e obriguei-o a parar. O pónei continuou tranquilamente a avançar sem nós. Não o obriguei a olhar-me nos olhos, nem permiti que a minha voz soasse grave demais. “Vou dar-te um presente, filho. Isto é um conhecimento que eu precisei de vinte anos para conquistar, portanto fica grato por to dar enquanto és novo.” Respirei fundo. “Quem o pai de um homem é não importa. Os teus pais fizeram um filho, mas fazer o homem que serás é contigo.” Sustentei por um momento o olhar dele. Depois: “Vem. Vamos para casa.”

Ele continuou a caminhar, com o meu braço sobre os ombros por algum tempo, até erguer a mão para me dar uma palmada no ombro. Então larguei-o para que caminhasse sozinho e concluisse os seus pensamentos em silêncio. Era o melhor que podia fazer por ele. Os pensamentos que dirigi a Esporana não eram caridosos.

A noite apanhou-nos antes de chegarmos a casa, mas havia luar e ambos conhecíamos a estrada. O velho pónei foi vagueando placidamente e o matraquear dos seus cascos e o ranger da carroça de duas rodas faziam uma estranha espécie de música. Uma chuva estival começou a cair, humedecendo a poeira e refrescando a noite. A pouca distância de casa, Olhos-de-Noite veio descontraidamente ter connosco, como se tivesse sido o mero acaso a trazê-lo à estrada. Viajámos juntos fraternalmente, o rapaz em silêncio, o lobo e eu na comunhão fácil da Manhã. Absorvemos as experiências do dia do outro como uma inspiração. Ele não conseguiu entender a minha preocupação com o futuro do rapaz.

*Ele sabe caçar e pescar. Que mais precisa de saber? Para quê enviar um dos nossos para outra alcateia, para aprender os costumes dela? Somos diminuídos pela perda da força dele. Não estamos a ficar mais novos, tu e eu.*

*Irmão, essa é talvez a razão mais forte por que ele deve ir. Tem de começar a seguir o seu próprio caminho no mundo, para que quando chegar o momento de encontrar parceira possa sustentá-la bem e aos seus filhos.*

*Então e tu e eu? Não o vamos ajudar nesse sustento? Não vigiaremos as*

*crias enquanto ele caça, não traremos o que matarmos para partilhar? Não somos alcateia com ele?*

*Nas alcateias humanas é assim que as coisas são.* Era uma resposta que lhe dera muitas vezes nos anos que passáramos juntos. Sabia como ele a interpretava. Era um costume humano que não fazia qualquer sentido, e ele não devia perder tempo a tentar entendê-lo.

*Então e o que será de nós quando ele se for embora?*

*Já te disse. Talvez voltemos a viajar.*

*Ah, sim. Abandonar um covil confortável e uma fonte de comida previsível. Isso faz tanto sentido como mandar o rapaz embora.*

Deixei aquele pensamento sem resposta, porque ele tinha razão. O desassossego que Breu despertara em mim talvez tivesse sido o último sobressalto da minha juventude. Talvez devesse ter comprado a Gina o amuleto para procurar esposa. De tempos a tempos pensara na ideia de procurar esposa, mas isso parecia-me uma maneira demasiado formal de arranjar parceira. Alguns faziam-no, bem o sabia, procurando apenas uma mulher ou um homem com objetivos semelhantes e sem hábitos excessivamente irritantes. Era frequente que tais parcerias se desenvolvessem e tornassem relações de amor. Mas tendo experimentado em tempos uma relação fundada não apenas em anos de conhecimento mútuo, mas abençoada com a entontecedora euforia do amor genuíno, não me parecia que me pudesse contentar com outra coisa. Pedir a outra mulher para viver na sombra de Moli não seria justo. Ao longo de todos os anos em que Esporana se partilhara intermitentemente comigo, nunca pensei em pedir-lhe para casar comigo. Esse pensamento deu-me que pensar por um momento: teria Esporana alguma vez esperado que o fizesse? Então o momento de dúvida passou, e sorri amargamente a mim próprio. Não. Esporana teria achado uma tal oferta desconcertante, ou mesmo risível.

A última parte da nossa viagem foi mais escura, pois o caminho que levava a nossa casa era estreito e ensombrado de ambos os lados por árvores. Caía chuva das folhas. A carroça foi avançando às sacudidelas. “Devíamos ter trazido uma lanterna,” observou Zar, e eu concordei com um grunhido. A nossa casa de campo era um montículo mais escuro no vazio sombrio a que chamávamos lar.

Entrei, acendi um fogo e guardei o que trouxéramos do mercado. Zar pegou numa luz e foi abrigar o pónei. Olhos-de-Noite instalou-se imediatamente junto à lareira, com um suspiro, tão perto do fogo como podia sem chamuscar a pelagem. Eu pus a chaleira ao lume e acrescentei as poucas moedas que tínhamos ganho ao pequeno mealheiro de Zar. Não ia chegar, admiti a contragosto. Mesmo se Zar e eu arranjassemos trabalho durante o resto do verão a colher feno e outras colheitas continuaria a não

ser suficiente. E não podíamos ambos trabalhar assim, a menos que nos resignássemos a deixar perecer as galinhas e a horta de negligência. Mas se só um de nós arranjasse trabalho, podia passar-se mais um ano, talvez mais ainda, antes de termos poupado o suficiente.

“Eu devia ter começado a poupar para isto há anos,” observei amargamente quando Zar entrou. Pôs a lanterna na respetiva prateleira antes de se deixar cair na outra cadeira. Indiquei com um aceno o bule que estava na mesa e ele serviu-se duma chávena de chá. As moedas empilhadas sobre a mesa eram uma muralha miserável entre nós.

“É tarde demais para pensar assim,” observou ele ao pegar na chávena. “Temos de começar da posição em que estamos.”

“Exatamente. Achas que tu e Olhos-de-Noite podiam arranjar-se aqui durante o resto do verão enquanto eu procuro trabalho?”

Ele sustentou-me o olhar. “Porque hás de ser tu a procurar trabalho? O dinheiro vai para o *meu* aprendizado.”

Passei por uma pequena e estranha mudança de perspectiva. Porque eu era “maior e mais forte e podia ganhar mais” já não era verdade. Os ombros dele eram tão largos como os meus, e em qualquer teste de resistência as suas jovens costas sair-se-iam provavelmente melhor. Fez um sorriso de simpatia ao ver que eu me apercebia do que ele já sabia. “Talvez porque é uma coisa que eu gostava de te dar,” disse eu em voz baixa, e ele fez um aceno, compreendendo o que aquelas palavras queriam realmente dizer.

“Já me deste mais do que eu alguma vez poderei pagar. Incluindo a possibilidade de ir eu próprio atrás deste objetivo.”

Foram aquelas as palavras com que fomos para a cama, e eu sorria ao fechar os olhos. Há uma monstruosa vaidade no orgulho que temos nos nossos filhos, disse a mim próprio. Eu andara aos tropeções com Zar, sem nunca pensar muito no que estava ou não estava a ensinar-lhe sobre como ser um homem. Então, uma bela noite, um jovem olha-me nos olhos e diz-me que pode tratar da vida sozinho se tiver de ser, e eu sinto o tépido arrebatamento do sucesso. O rapaz criara-se a si próprio, disse eu aos meus botões, mas ainda sorria quando adormeci.

É possível que o meu estado de espírito alegre me tivesse deixado mais aberto do que habitualmente, pois nessa noite tive um sonho de Talento. Esses sonhos aconteciam-me ocasionalmente, servindo mais para espicar o meu vício do que para mitigá-lo, pois eram coisas incontroláveis que me ofereciam breves vislumbres sem nenhuma da satisfação do pleno contacto. E no entanto aquele sonho foi um entusiasmo de possibilidades, pois senti que acompanhava uma mente individual em vez de experimentar os pensamentos perdidos duma multidão.

Parecia tanto recordação como visão. No sonho, esgueirava-me pelo

Grande Salão de Torre do Cervo. Uma multidão de pessoas elegantes, enfeitadas com as suas melhores roupas, enchia o salão. A música on-deava pelo ar e vislumbrei dançarinos, mas eu deslocava-me lentamente por entre pessoas em pé que conversavam umas com as outras. Algumas viravam-se para me cumprimentar quando eu passava, e eu murmurava as minhas respostas, mas os meus olhos nunca se demoravam nas suas caras. Não desejava estar ali; não podia estar mais desinteressado. Por um momento, o meu olhar prendeu-se numa cascata de cintilante cabelo brônzeo. A rapariga tinha as costas voltadas para mim. Vários anéis enfeitavam a mão esguia que se ergueu para endireitar nervosamente o colar. Ao sentir o meu olhar, ela virou-se. Apanhou os meus olhos postos nela e pôs-se cor-de-rosa ao fazer-me uma profunda vénia. Eu também lhe fiz uma, proferi um cumprimento qualquer, e continuei a deslocar-me por entre a multidão. Conseguia senti-la a olhar-me; isso aborreceu-me.

Ainda mais aborrecido foi ver Breu, tão alto e elegante em pé no estrado ao lado e ligeiramente atrás da cadeira da Rainha. Também ele estivera a observar-me. Agora dobrava-se para murmurar qualquer coisa ao ouvido dela, e os olhos dela vieram direitinhos ter comigo. Um pequeno gesto da mão dela chamou-me para me ir juntar a eles lá em cima. O coração caiu-me aos pés. Quando teria eu tempo que fosse meu para fazer o que quisesse? Triste e lentamente avancei para lhe obedecer.

Então o sonho mudou, como costuma acontecer aos sonhos. Estava estendido numa manta à frente duma lareira. Estava aborrecido. Era tão injusto. Lá em baixo dançavam, comiam, e ali estava eu... uma ondulação no sonho. Não. Aborrecido não, simplesmente não estava a participar em nada. Ociosamente, pus as garras de fora e inspecionei-as. Havia um pouco de penugem de ave presa debaixo duma delas. Libertei-a, depois limpei sistematicamente toda a pata antes de voltar a adormecer em frente da fogueira.

*O que foi aquilo?* O divertimento tingia o pensamento sonolento de Olhos-de-Noite, mas responder-lhe exigiria mais esforço do que eu estava disposto a fazer. Resmunguei-lhe, dei uma volta na cama e voltei a enterrar-me no sono.

De manhã pensei no sonho, mas com brevidade, desdenhando-o como uma mistura de Talento errante e as minhas recordações de juventude de Torre do Cervo, misturadas com as ambições que tinha para Zar. Enquanto executava as tarefas matinais, a reduzida pilha de lenha chamou-me a atenção. Precisava de ser reabastecida, não só para os cozinhados estivais e o conforto noturno, mas para começar a amealhá-la para o frio intenso do inverno. Entrei para tomar o pequeno almoço, pensando que trataria disso naquele dia.

O saco bem embalado de Zar estava encostado à porta. O próprio rapaz tinha um ar de quem acabou de se lavar e escovar. Sorriu-me, com excitação suprimida no sorriso enquanto despejava grandes colheradas de papas de aveia nas nossas tigelas. Sentei-me no meu lugar à mesa e ele ocupou o seu, na minha frente. “Hoje?”, perguntei-lhe, tentando afastar a relutância da minha voz.

“Não posso começar mais cedo,” fez ele notar num tom agradável. “No mercado ouvi dizer que o feno estava pronto a colher em Bolbomem. Isso é só a dois dias daqui.”

Fiz um aceno lento, sem que me ocorressem palavras para dizer. Ele tinha razão. Mais do que isso, estava ansioso. Deixa-o ir, disse a mim próprio, e engoli as objeções. “Suponho que não faz sentido atrasar as coisas,” consegui dizer. Ele tomou aquilo como encorajamento e aval. Enquanto comíamos, especulou que podia trabalhar o feno em Bolbomem, e depois talvez continuar até Antroca e ver se haveria mais trabalho aí.

“Antroca?”

“Três dias depois de Bolbomem. A Gina falou-nos da zona, lembra-te? Disse que os campos de cevada pareciam um oceano quando o vento agitava as espigas. De modo que pensei que podia experimentar aí.”

“Parece promissor,” concordei. “E depois voltas para casa?”

Ele anuiu lentamente. “A menos que saiba de mais trabalho.”

“Claro. A menos que saibas de mais trabalho.”

Curtas horas depois, Zar partira. Eu obrigara-o a embalar mais comida, e a levar algumas das moedas consigo, para um caso de extrema necessidade. Ele ficara impaciente com a minha cautela. Disse-me que dormiria na berma da estrada, não em estalagens. Disse-me que as patrulhas da Rainha Kettricken mantinham os salteadores ao largo, e que assaltantes não se incomodariam com uma presa pobre como ele. Assegurou-me que ficaria bem. Por insistência de Olhos-de-Noite, perguntei-lhe se não queria levar o lobo consigo. Ele sorriu à ideia com indulgência e fez uma pausa à porta para coçar as orelhas de Olhos-de-Noite. “Podia ser um pouco demais para o velhote,” sugeriu com suavidade. “É melhor que ele fique aqui onde podem cuidar um ao outro até que eu volte.”

Enquanto víamos lado a lado o nosso rapaz percorrer o caminho que levava à estrada principal, perguntei a mim próprio se algum dia teria sido arrogantemente novo e seguro de mim, mas a dor que tinha no coração trazia o agradável conforto do orgulho.

O resto do meu dia foi estranhamente difícil de preencher. Havia trabalho a fazer, mas não me conseguia dedicar a ele. Várias foram as vezes em que voltei a mim, apercebendo-me de que estava simplesmente a fitar o horizonte. Caminhei por duas vezes até à falésia, sem outro motivo que

não o de olhar o mar, e uma vez fui até ao fim do nosso caminho para examinar a estrada em ambas as direções. Nem sequer havia poeira a pairar no ar. Tudo estava calmo e silencioso até onde eu conseguia ver. O lobo seguiu-me desconsoladamente. Dei início a meia dúzia de tarefas e deixei-as todas a meio. Dei por mim à escuta e à espera, sem saber de quê. A meio de partir e empilhar lenha, parei. Com o cuidado de não pensar, ergui o machado e espetei-o no cepo. Peguei na camisa, pu-la ao ombro suado e dirigi-me às falésias.

Olhos-de-Noite surgiu de repente à minha frente. *Que estás tu a fazer? Estou a descansar um pouco.*

*Não estás, não. Vais até à falésia para usar o Talento.*

Esfreguei as palmas das mãos nas calças. Os meus pensamentos não tinham forma. “Só ia até lá por causa da brisa.”

*Depois de estares lá vais tentar usar o Talento. Sabes que sim. Consigo sentir a tua fome tão claramente como tu. Irmão, por favor. Por favor, não faças isso.*

O seu pensamento vinha a galope de um ganido. Nunca o tinha visto tão desesperado por dissuadir-me. Isso deixou-me confuso. “Então não faço, se te preocupa assim tanto.”

Arranquei o machado do cepo e voltei ao trabalho. Passado algum tempo apercebi-me de que estava a atacar a madeira com uma ferocidade muito superior àquilo que a tarefa exigia. Acabei de partir o monte de lenha e dei início à tediosa tarefa de empilhar os bocados de forma a secarem ao mesmo tempo que afastavam a chuva. Quando isso ficou concluído, peguei na camisa. Sem pensar, virei-me para as falésias. No mesmo instante o lobo bloqueou-me o caminho.

*Não faças isso, irmão.*

*Já te disse que não faço.* Virei-lhe as costas negando a frustração que sentia. Limpei de ervas daninhas o jardim. Fui buscar água ao ribeiro para voltar a encher o barril da cozinha. Cavei uma nova fossa, mudei a latrina para lá e enchi a fossa antiga com terra limpa. Em suma, acabei o trabalho como um incêndio causado por um relâmpago acaba com um prado estival. Doíam-me as costas e os braços, não só de cansaço mas com as queixas de velhos ferimentos, e mesmo assim não me atrevia a ficar parado. A fome de Talento puxava por mim, recusando-se a ser ignorada.

Ao chegar a noite, o lobo e eu fomos pescar o jantar. Cozinhar para uma pessoa só parecia uma tolice, mas forcei-me a fazer uma refeição decente e a comê-la. Arrumei as coisas e depois sentei-me. As longas horas da noite estenderam-se na minha frente. Pus velo e tintas na mesa, mas não consegui acomodar-me à tarefa de escrever fosse o que fosse. Os meus



pensamentos recusavam-se a organizar-se. Acabei por pegar em linha e agulha e pus-me obstinadamente a remendar, coser ou cerzir todas as peças de roupa que precisavam de arranjo.

Por fim, quando o trabalho começou a ficar turvo perante os meus olhos, fui para a cama. Deitei-me de costas, com o braço a cobrir-me a cara, e tentei ignorar os anzóis que tinha espetados na alma e a puxavam. Olhos-de-Noite deixou-se cair ao lado da cama com um suspiro. Deixei cair o outro braço pela borda da cama, pousando a mão na sua cabeça. Perguntei a mim próprio quando teríamos nós atravessado a fronteira que separava o estarmos sós da solidão.

*Não é a solidão que te consome assim.*

Parecia nada haver para responder àquilo. Passei uma noite difícil. Forcei-me a sair da cama pouco depois da alvorada. Durante os dois dias seguintes passei as manhãs a cortar amieiro para o fumeiro e as tardes a apanhar peixe para fumar. O lobo empanturrrou-se de entranhas, mas mesmo assim ainda observava avidamente enquanto eu salgava as postas de peixe vermelho e as pendurava em ganchos por cima do fogo lento. Pus mais amieiro verde ao fogo para adensar o fumo e fechei bem a porta. Ao fim de uma tarde, estava junto do barril de água da chuva, a lavar muco, escamas e sal das mãos quando Olhos-de-Noite virou subitamente a cabeça para o caminho.

*Vem aí alguém.*

*Zar? A esperança brotou em mim.*

*Não.*

Fiquei surpreendido pela força do meu desapontamento. Senti um eco do mesmo sentimento vindo do lobo. Estávamos ambos a fitar o caminho coberto de sombras quando Gina surgiu à nossa vista. Fez um momento de pausa, talvez enervada pela intensidade dos nossos olhares, mas depois ergueu a mão numa saudação. “Olá, Tomé Texugo! Aqui estou eu, para aproveitar a tua oferta de hospitalidade.”

*Uma amiga de Zar*, expliquei eu a Olhos-de-Noite. Mesmo assim, ele deixou-se ficar para trás e olhou-a desconfiado quando eu fui ao seu encontro.

“Bem-vinda. Não esperava ver-te tão depressa,” disse eu, e ouvi então a inépcia das minhas palavras. “Um prazer inesperado é sempre o mais bem-vindo,” acrescentei para salvar a situação, e apercebi-me logo a seguir de que uma tal galanteria era igualmente inapropriada. Teria esquecido por completo como se lidava com as pessoas?

Mas o sorriso de Gina pôs-me à vontade. “Raramente ouço uma tal honestidade dominada por palavras tão bonitas, Tomé Texugo. Aquela água está fresca?”

Sem esperar resposta, foi até ao barril de água da chuva, desatando o lenço que trazia atado à garganta enquanto caminhava. Andava como uma mulher acostumada à estrada, fatigada pelo fim do dia, mas não demasiado posta à prova pela viagem. A protuberante mochila que trazia às costas era uma parte natural de si. Humedeceu o lenço e limpou a poeira da cara e das mãos. Humedecendo-o com mais generosidade, limpou a parte de trás do pescoço e a garganta. “Oh, assim está melhor,” suspirou com ar de gratidão. Virou-se para mim com um sorriso que lhe enrugava os cantos dos olhos. “No fim dum longo dia de caminhada invejo pessoas como tu, com uma vida estável e um lugar a que podem chamar seu.”

“Asseguro-te de que é com igual frequência que pessoas como eu se interrogam sobre se a vida não seria melhor como viajantes. Porque não entras e te pões à vontade? Estava mesmo a preparar-me para começar a fazer a refeição da noite.”

“Muito obrigada.” Enquanto ela me seguiu até à porta da cabana, Olhos-de-Noite veio atrás de nós a uma distância discreta. Sem se virar para o olhar diretamente, ela observou: “Um pouco fora do comum, um lobo como cão de guarda.”

Era frequente eu mentir às pessoas, insistindo que Olhos-de-Noite era simplesmente um cão que se parecia com um lobo. Algo me disse que isto seria um insulto para Gina. Ofereci-lhe a verdade. “Adotei-o em cachorro. Tem sido um bom companheiro para mim.”

“Foi o que o Zar me disse. E que ele não gosta que estranhos o olhem fixamente, mas que virá ter comigo quando se decidir a meu respeito. E, como sempre, estou a contar uma história começando pelo meio. Passei por Zar na estrada há alguns dias. Ele ia animado, com toda a confiança de que irá arranjar trabalho e sair-se bem. Eu acredito que sim; o rapaz tem um jeito tão amigável e cativante que não consigo imaginar que alguém não o receba bem. Voltou a garantir-me que aqui seria bem-vinda, e claro que disse a verdade.”

Seguiu-me para dentro da cabana. Deixou cair a mochila no chão e encostou-a à parede, após o que se endireitou e espreguiçou as costas com um gemido aliviado. “Bem. Que estamos nós a cozinhar? Já agora podes-me deixar ajudar, que eu nunca estou satisfeita por estar sentada numa cozinha. Peixe? Oh, eu tenho uma erva maravilhosa para peixe. Tens uma panela pesada com uma tampa que se ajuste bem?”

Com a facilidade dos naturalmente gregários, tomou para si metade das tarefas do jantar. Eu não partilhara tarefas de cozinha com uma mulher desde o ano que passara entre os Manhosos, e mesmo então Azevinha fora uma companheira quase silenciosa nesses momentos. Gina não parou de falar, fazendo tinir tachos e panelas e enchendo o meu pequeno lar

com a sua azáfama e amigável tagarelice. Tinha a rara habilidade de entrar no meu território e manusear as minhas coisas sem me fazer sentir afastado ou desconfortável. Os meus sentimentos contagiaram Olhos-de-Noite. Depressa se aventurou a entrar na cabana, e assumiu o seu posto atento do costume, perto da mesa. Ela ficou imperturbável pelo olhar concentrado do lobo, e aceitou a sua competência em apanhar os restos de peixe que atirava na sua direção. Depressa o peixe começou a ferver em lume brando, numa panela com as suas ervas. Eu fiz uma surtida ao jardim em busca de cenouras novas e verduras frescas enquanto ela fritava grossas fatias de pão em banha.

O jantar pareceu surgir na mesa sem nenhum verdadeiro esforço de ninguém. E ela não se esquecera de preparar também pão para o lobo, se bem que me pareça que Olhos-de-Noite o comeu mais por sociabilidade do que por fome. O peixe cozido estava húmido e saboroso, temperado tanto pela conversa dela como pelas ervas. Ela não tagarelava sem fim; as suas histórias encorajavam respostas, e ouvia com tanto apreço como aquele que dedicava à comida. Os pratos foram levantados da mesa com igual ausência de esforço. Quando apresentei o brande de Orla d'Areia, ela exclamou, deliciada: "Ora aqui está o remate perfeito para uma boa refeição."

Levou o seu brande para a lareira. O fogo que usáramos para cozinhar tinha-se reduzido bastante. Acrescentou mais um pouco de lenha, mais para obter luz do que calor, e instalou-se no chão ao lado do lobo. Olhos-de-Noite nem sequer torceu uma orelha. Ela bebericou do brande, soltou um suspiro de apreço, e depois fez um gesto com o copo. A minha secretária atravancada de pergaminhos estava indistintamente visível através da porta aberta do meu estúdio. "Sabia que fazias tintas, mas pelo que vejo também as usas. És alguma espécie de escriba?"

Encolhi os ombros com indiferença. "Mais ou menos," admiti. "Não tento fazer os trabalhos mais elaborados, embora faça ilustrações simples. A minha letra não é mais do que razoável. Para mim, há satisfação em pegar no conhecimento e passá-lo ao papel, onde está acessível a todos."

"A todos os que saibam ler," corrigiu-me Gina.

"É verdade," concedi.

Ela ergueu a cabeça para mim e sorriu. "Acho que não aprovo."

Fiquei surpreendido, não só por ela discordar duma coisa daquelas, mas por poder fazê-lo duma forma tão agradável. "Porque não?"

"Talvez o conhecimento não deva estar disponível para todos. Talvez deva ser conquistado, entregue apenas por um mestre a um estudante merecedor, em vez de ser assente em papel onde qualquer um que calhe encontrá-lo possa reclamá-lo para si."

“Confesso que eu próprio tenho algumas dessas dúvidas,” respondi, pensando nos pergaminhos do Talento que Breu agora estudava. “E no entanto, conheço casos em que uma mestra sofreu uma morte prematura e tudo o que ela conhecia desapareceu com ela, antes de poder ser transmitido ao seu pupilo escolhido. Gerações de conhecimento perderam-se com uma morte.”

Ela ficou em silêncio por algum tempo. “É trágico,” acabou por admitir. “Porque embora os mestres de um talento possam partilhar uma grande quantidade de conhecimentos, cada um tem os seus próprios segredos, destinados apenas aos seus aprendizes.”

“Pensa em alguém como tu,” prossegui, aproveitando a vantagem que ganhara na discussão. “Praticas um ofício que é em igual medida uma arte, tecida de segredos e habilidades partilhadas apenas com outros que praticam magia equívoca. Não tens aprendiz, que eu tivesse visto. E no entanto aposto que há aspetos da tua magia que são só teus, aspetos que morreriam contigo se falecesses esta noite.”

Ela olhou-me por um momento de imobilidade, após o que bebeu outro gole do seu brande. “Aí está um pensamento arrepiante com que sonhar,” respondeu, com ironia. “No entanto também há a pensar no seguinte, Tomé: eu não conheço as letras. Não poderia passar os meus conhecimentos a essa forma, a menos que alguém como tu me ajudasse. E depois não teria a certeza se anotaste realmente o que eu sei, ou o que pensaste que te tinha dito. Metade do ato de ensinar um aprendiz está aí: em ter a certeza de que o jovem aprende o que tu dizes, não o que ele pensa que disseste.”

“É uma grande verdade,” tive de concordar. Quantas vezes julgara eu ter compreendido as instruções de Breu só para chegar ao desastre quando tentava fazer eu a mistura? Fui percorrido por outra pequena ondulação de inquietude quando pensei em Breu a tentar ensinar o príncipe Respeitador a partir dos pergaminhos. Ensinaria ele o que um mestre do Talento esquecido anotara no papel, ou só o que entendera dessas anotações? Afastei os pensamentos dessa ideia perturbadora. Não tinha deveres a cumprir aí. Avisara-o; isso era tudo o que podia fazer.

A conversa esmoreceu depois disso, e depressa Gina procurou repouso na cama de Zar. Olhos-de-Noite e eu fomos fechar o galinheiro para a noite e fazer a nossa ronda noturna pela pequena propriedade. Tudo estava arrumado e calmo na pacífica noite de verão. Deitei um olhar de desejo na direção da falésia. As ondas deveriam estar debruadas de prata naquela noite. Proibi-me de pensar nelas, e senti o alívio de Olhos-de-Noite com essa decisão. Adicionámos mais ramos de amieiro verde ao fogo lento no fumeiro. “Hora da cama,” decidi.

*Em noites como esta costumávamos caçar juntos.  
É verdade. Seria uma boa noite para caçar. A lua vai deixar as presas inquietas e fáceis de ver.*

No entanto, ele seguiu-me quando me virei para a cabana. Independentemente de quão bem ambos o recordávamos, nenhum de nós era o jovem lobo que fora em tempos. Tínhamos as barrigas cheias, a lareira estava quente, e o descanso podia atenuar a dor surda nos quartos traseiros de Olhos-de-Noite. Sonhos sobre caça teriam de ser suficientes por aquela noite.

Acordei com os sons matinais que Gina fazia ao encher uma panela de água com uma concha para a pôr a ferver sobre o fogo que espevitara. Olhou-me por sobre o ombro enquanto cortava pão. “Espero que não aches que eu me pus demasiado à vontade,” disse.

“De modo algum,” respondi, mas na verdade aquilo parecia-me um pouco estranho. Quando terminei de cuidar dos animais e regresssei com os ovos do dia, comida quente fumegava na mesa. Depois de comermos, ela ajudou com as limpezas.

Agradeceu-me pela hospitalidade e acrescentou: “Antes de me ir embora talvez devêssemos fazer algumas trocas. Aceitas um ou dois amuletos dos meus em troca de um pouco das tuas tintas amarela e azul?”

Descobri que me agradava atrasar a sua partida, não só porque a sua companhia era agradável, mas porque sempre me intrigara a magia equívoca. Ali estava uma oportunidade, talvez, para olhar mais de perto os instrumentos do ofício da mulher. Dirigimo-nos primeiro à bancada de trabalho no barracão, onde embrulhei para ela frascos de tinta amarela, azul e uma pequena quantidade de vermelha. Enquanto fechava os frascos com tampões de madeira e cera, ela explicou que o uso de cores em alguns dos seus amuletos parecia intensificar a sua eficácia, mas que aquela era uma área na qual continuava ainda a fazer descobertas. Respondi às suas palavras com acenos, mas por mais que desejasse fazê-lo contive-me e não lhe pedi mais detalhes. Não parecia boa educação.

Quando regressámos à casa, ela pôs os frascos de tinta na mesa e abriu a mochila. Espalhou na mesa alguns dos amuletos aí guardados. “Que preferes, Tomé Texugo?”, perguntou com um sorriso. “Tenho amuletos para jardins verdejantes, para sorte na caça, para bebês saudáveis — esse não te faz grande falta, deixa-me guardá-lo de volta. Ah. Aqui está um que talvez aches útil.”

Tirou de súbito um amuleto de dentro dum saco. Ao fazê-lo, Olhos-de-Noite soltou um rosnado grave. O pelo eriçou-se-lhe quando se dirigiu à porta e a abriu com o focinho. Eu dei por mim a recuar perante o objeto que ela revelou. Curtas varetas de madeira marcadas com

gritantes símbolos pretos estavam atadas umas às outras em ângulos caóticos. Contas de mau agouro estavam perigosamente espalhadas por elas. Alguns torturados tufos de pelagem, retorcidos e presos com resina de pinheiro, colavam-se-lhes. O objeto ofendia-me ao mesmo tempo que me afligia. Teria fugido se me tivesse atrevido a tirar os olhos dele. De repente senti a parede da cabana contra as minhas costas. Empurrei-me contra ela, sabendo que havia um caminho melhor para escapar, mas incapaz de imaginar qual seria.

“As minhas desculpas.” As suaves palavras de Gina vinham de uma vasta distância. Pestanejei, e o objeto desapareceu, oculto em pano e escondido da minha vista. Lá fora, o rosnado grave de Olhos-de-Noite ergueu-se num ganido sibilante e cessou. Senti-me como que chegado à superfície, vindo de águas profundas. “Não me tinha ocorrido,” desculpou-se Gina enquanto enfiava o amuleto bem no fundo da mochila. “Destina-se a manter os predadores longe de galinheiros e currais de ovelhas,” explicou.

Recuperei o fôlego. O olhar dela não se encontrou com o meu. A apreensão pairava como um miasma entre nós. Eu era Manhoso, e agora ela sabia-o. Como utilizaria essa informação? Ficaria meramente repugnada? Assustada? Suficientemente apavorada para fazer a destruição cair sobre mim? Imaginei Zar a regressar a uma cabana incendiada.

Gina ergueu de súbito os olhos e fixou-os nos meus como se me tivesse ouvido os pensamentos. “Um homem é como foi feito. Um homem não pode evitar ser como foi feito.”

“É verdade,” murmurei em resposta, envergonhado com o alívio que sentia. Consegui afastar-me da parede e aproximar-me da mesa. Ela não me olhou. Esquadrinhou a mochila como se o incidente nunca tivesse ocorrido.

“Bem, então vamos lá arranjar-te alguma coisa um pouco mais apropriada.” Remexeu os amuletos que tinha na mochila, parando por vezes para beliscar o conteúdo e refrescar a memória sobre o que tinham dentro. Escolheu um metido numa bolsa verde e colocou-o sobre a mesa. “Queres um para pendurar perto da horta e encorajar as verduras a prosperar?”

Anuí, mudo, ainda a recuperar do medo. Momentos antes teria duvidado do poder dos seus amuletos. Agora quase temia a sua potência. Cerrei os dentes enquanto ela desvendava o amuleto para a horta, mas ao fitá-lo nada senti. Quando cruzei os olhos com os dela, descobri lá simpatia. O seu sorriso gentil era tranquilizador.

“Vais ter de me dar a mão para que eu possa sintonizá-lo contigo. Depois levamo-lo lá para fora e ajustamo-lo à tua horta. Metade deste

amuleto é para a horta e metade para o horticultor. É o que se passa entre o horticultor e o seu pedaço de solo que faz uma horta. Dá-me as mãos.”

Sentou-se à minha mesa e estendeu-me as suas mãos, de palmas para cima. Ocupei a cadeira na frente da dela e, depois duma hesitação embaraçada, pus as palmas das mãos em cima das suas.

“Assim não. A vida e costumes de um homem estão escritos nas palmas das mãos, não nas costas.”

Obedientemente, virei as mãos. Nos meus dias de aprendiz, Breu ensinara-me a ler mãos, não para prever o futuro, mas para lhe conhecer o passado. Os calos duma espada diferiam daqueles que eram ganhos com a pena dum escriba ou a enxada dum agricultor. Ela debruçou-se muito sobre as minhas mãos, fitando-as atentamente. Enquanto examinava as palmas, perguntei a mim próprio se os seus olhos descobririam o machado que em tempos brandira, ou o remo que manejara. Mas em vez disso, ela estudou atentamente a minha mão direita, franziu o sobrolho, e transferiu o olhar para a esquerda. Quando ergueu os olhos para mim, a sua cara estava espantada. O sorriso que lhe revirava o rosto era pesaroso.

“És um tipo estranho, Tomé, e não há que enganar! Se não estivessem as duas nas pontas dos teus braços, eu diria que estas mãos pertenciam a dois homens diferentes. Diz-se que a mão esquerda fala daquilo com que se nasceu, e a direita daquilo que fizemos por nós, mas mesmo assim raramente vi uma tal diferença nas duas mãos de um homem! Olha para o que vejo nesta mão. Um rapaz de coração terno. Um jovem sensível. E depois... a linha da vida parar a meio da mão esquerda.” Enquanto falava largou-me a mão direita. Pôs o indicador na palma esquerda e a unha fez-me cócegas ao longo duma ruga até onde a minha vida terminava. “Se fosses da idade de Zar, estaria com medo de estar a olhar para um jovem que morreria em breve. Mas como estás aí sentado à minha frente, e a tua mão direita tem uma boa e longa linha da vida, orientemo-nos por ela, sim?” Largou-me a mão esquerda e pegou na direita com ambas as mãos.

“Suponho que sim,” concedi, desconfortável. Não eram só as suas palavras que me punham pouco à vontade. A simples pressão tépida das suas mãos a agarrar nas minhas deixou-me subitamente consciente de Gina enquanto mulher. Senti uma resposta muito adolescente a isso. Mexi-me na cadeira. O sorriso sabedor que tremeluziu na sua cara desconcertou-me ainda mais.

“Bom. Um ávido horticultor, estou a ver, um horticultor dedicado a conhecer muitas ervas e os seus usos.”

Soltei um ruído neutro. Ela vira a minha horta e podia estar a especular, baseando-se no que aí crescia. Estudou-me um pouco mais a mão direita, passando-lhe o polegar por cima para alisar as rugas menores, e

depois rodeando-me os dedos com os seus e encorajando-me a mão a fechar-se um pouco para aprofundar as dobras. “Esquerda ou direita, estas mãos não são fáceis de ler, Tomé.” Franziu o sobrolho e comparou outra vez as duas. “Segundo a mão esquerda, eu diria que tiveste um amor doce e verdadeiro na tua curta vida. Um amor que só terminou com a tua morte. Mas aqui, na mão direita, vejo um amor que vai abrindo um caminho ziguezagueante ao longo dos teus muitos anos. Esse coração fiel tem estado ausente há alguns anos, mas vai regressar para ti em breve.” Levantou os límpidos olhos cor de avelã para os meus, a fim de ver se aquilo batia certo. Encolhi um ombro. Teria Zar andado a contar-lhe histórias sobre Esporana? Dificilmente seria aquilo a que eu chamaria um coração fiel. Quando nada disse, ela devolveu a atenção às minhas mãos, fazendo saltitar o olhar de uma para a outra. Franziu ligeiramente o sobrolho, fazendo nascer um sulco entre as sobrancelhas. “Olha para aqui. Estás a ver isto? Ira e medo, agrilhoados em conjunto numa corrente escura... segue-te a vida, como uma sombra negra sobre ela.”

Afastei o desconforto que aquelas palavras despertaram em mim. Inclinei-me para a frente, para olhar a minha própria mão. “Provavelmente não passa de sujidade,” sugeri.

Ela soltou uma pequena fungadela de gozo e voltou a abanar a cabeça. Mas não regressou ao seu perscrutar ameaçador. Em vez disso, cobriu-me a mão com a sua e olhou-me nos olhos. “Nunca vi duas palmas tão diferentes no mesmo homem. Suspeito que às vezes perguntas a ti próprio se sabes quem és.”

“Tenho a certeza de que todos os homens têm essa dúvida de vez em quando.” Era estranhamente difícil sustentar o seu olhar míope.

“Hum. Mas tu, talvez, tens motivos mais honestos para a ter do que os outros. Bom,” suspirou. “Deixa-me ver o que consigo fazer.”

Largou-me as mãos e eu puxei-as para mim. Esfreguei-as uma na outra por baixo da mesa como que para acabar as cócegas do seu toque. Ela pegou no amuleto, virou-o várias vezes, e de seguida desatou um cordel. Mudou a ordem das contas no cordel e acrescentou uma conta castanha adicional que tirou da mochila. Voltou a atar o cordel, após o que pegou no frasco de tinta amarela que obtivera de mim. Mergulhando nele um pincel fino, delineou várias runas pretas num dos tacos, debruçando-se muito para espreitar o seu trabalho. Falou enquanto trabalhava. “Da próxima vez que vier visitar-te, espero que me digas que este foi o teu melhor ano de sempre para as plantas que dão frutos acima do chão, onde o sol os amadurece.” Soprou sobre o amuleto para secar a tinta, após o que arrumou o frasco e o pincel. “Agora vem, vamos ajustar isto à horta.”



Lá fora, mandou-me encontrar e cortar um ramo bifurcado pelo menos tão alto como eu. Quando regresssei com ele, descobri que ela cavara um buraco no canto sueste do terreno onde eu tinha a horta. Enfiei nele a vara conforme as instruções que ela me deu, e enchi o buraco com terra. Ela pendurou o amuleto na ramificação direita do ramo. Quando o vento o agitou, as contas chocalharam suavemente e uma pequena campainha soou. Gina bateu na campainha com a ponta do dedo. “Desencoraja algumas aves.”

“Obrigado.”

“De nada. Este é um bom sítio para um dos meus amuletos. Agrade-me deixá-lo aqui. E da próxima vez que voltar cá, estarei interessada em ver como funcionou contigo.”

Era a segunda vez que ela mencionava uma nova visita. O fantasma da minha cortesia espicçou-me. “E quando voltares, serás tão bem-vinda como foste desta vez. Vou aguardar a tua visita com ansiedade.”

O sorriso que me dirigiu aprofundou mais as covinhas no seu rosto. “Obrigada, Tomé. Certamente voltarei a parar aqui.” Ergueu a cabeça para mim e falou com uma súbita franqueza. “Eu sei que és um homem solitário, Tomé. Isso não durará para sempre. Vi que, a princípio, duvidaste do poder dos meus amuletos. Ainda duvidas da verdade do que posso ver na palma da mão de um homem. Eu não. O teu verdadeiro amor está entrelaçado em toda a extensão da tua vida. O amor regressará para ti. Não duvides disso.”

Os olhos cor de avelã que estavam presos aos meus estavam tão sérios que nem consegui rir nem franzir-lhe o sobrolho. Portanto fiz um aceno mudo com a cabeça. Quando ela meteu a mochila ao ombro e se afastou a passos largos pelo caminho fora, observei a sua partida. As suas palavras puxaram por mim, e esperanças há muito negadas lutaram por crescer. Atirei-as para longe de mim. Moli e Castro pertenciam agora um ao outro. Não havia lugar para mim nas suas vidas.

Endireitei os ombros. Tinha tarefas a realizar, lenha a empilhar, peixe a preparar, e um telhado a reparar. Estava outro belo dia de verão. Era melhor usá-lo enquanto o tinha, pois enquanto o verão sorri o inverno nunca está longe.

## O Homem Dourado



*H*á algumas indicações, nos mais antigos relatos sobre os territórios que mais tarde vieram a constituir os Seis Ducados, de que a Manha nem sempre foi uma magia desprezada. Esses relatos são fragmentários, e as traduções desses velhos pergaminhos são frequentemente postas em causa, mas a maior parte dos mestres escribas concordam que época houve em que havia povoações onde eram preponderantes as pessoas que nasciam com a Manha e praticavam ativamente a magia. Alguns desses pergaminhos parecem indicar que essas pessoas eram os habitantes originais dessas terras. Pode ser esta a origem do nome que as pessoas Manhosas aplicam a si mesmas: Sangue Antigo.

Nesses tempos, o território não estava tão povoado como hoje. As pessoas dependiam mais da caça e da recolha das riquezas naturais do que de colher aquilo que elas próprias plantavam. É possível que nesses dias um vínculo entre um homem e um animal não parecesse tão perturbador, pois as pessoas bastavam-se a si próprias, muito à semelhança do que faziam as criaturas selvagens.

Mesmo em histórias mais recentes, relatos de pessoas Manhosas serem mortas por causa da sua magia são raros. Na verdade, o próprio facto dessas execuções merecerem registo parece indicar que eram fora do comum, e portanto dignas de nota. Foi só após o breve reinado do Rei Corcel, dito príncipe Pigarço, que achamos referências à Manha carregadas de repugnância e a ideia de que a sua prática merece a morte. Após o reinado de Corcel, há rela-

*tos de massacres generalizados de gente Manhosa. Em alguns casos, aldeias inteiras foram executadas. Após essa época de carnificina, ou os possuidores de Sangue Antigo se tornaram raros, ou demasiado cautelosos para admitir que possuíam a magia da Manha.*

Seguiram-se belos dias de verão, uns atrás dos outros, como contas azuis e verdes num cordel. Não havia nada de errado com a minha vida. Trabalhei na horta, concluí as reparações na minha casa de campo há muito negligenciada, e, no início das manhãs e no ocaso estival, cacei com o lobo. Preenchi os meus dias com coisas boas e simples. O tempo manteve-se ameno. Tinha o calor do sol nos ombros enquanto trabalhava, a rapidez do vento contra o rosto quando caminhava pelas falésias à tarde, e a riqueza da terra argilosa da minha horta. A paz estava simplesmente à espera de que eu me entregasse a ela. A culpa por me manter afastado era minha.

Em alguns dias, senti-me quase satisfeito. A horta crescia bem, as vagens das ervilhas iam engordando, os feijões faziam corridas pelas latadas acima. Havia carne para comer, além de alguma para pôr de parte, e todos os dias a casa tornava-se mais confortável e bem arranjada. Orgulhava-me daquilo que alcançara. E, no entanto, por vezes dava por mim parado ao lado do amuleto de Gina na horta, a fazer girar ociosamente as suas contas enquanto fitava o caminho. À espera. Não fora tão mau esperar pelo regresso de Zar quando não estava tão consciente da espera. Mas esperar pelo regresso do rapaz transformou-se numa alegoria para toda a minha vida. Quando ele regressasse que se seguiria? Era uma pergunta que tinha de fazer a mim próprio. Se ele tivesse tido sucesso apenas regressaria para voltar a partir. Era disso que eu devia ter esperança. Se ele não tivesse tido sucesso em ganhar os honorários do aprendizado, eu teria de espremer os miolos em busca de outra maneira de ganhar o dinheiro. E entretanto continuaria à espera. A espera pelo regresso de Zar transformar-se-ia na espera pela partida de Zar. E depois? Depois... mais alguma coisa, sugeria-me o coração, depois seria altura para mais alguma coisa, mas eu não conseguia identificar o que me agitava o desassossego na alma. Nos momentos em que tomava consciência dessa suspensão, toda a vida me irritava. Então o lobo punha-se em pé com um suspiro e vinha encostar-se a mim. Um empurrão do focinho punha-lhe a cabeça larga debaixo da minha mão.

*Para com a ansiedade. Envenenas o bem-estar de hoje, sempre a tentar alcançar o amanhã. O rapaz voltará quando voltar. Que aflição há nisso? Não há nada de errado com nenhum de nós. O amanhã chegará bem depressa, de uma maneira ou de outra.*

Eu sabia que ele tinha razão, e normalmente teria sacudido aquele

estado de espírito e regressado aos meus deveres. Uma vez, admito, caminhei até ao meu banco com vista para o mar. Mas tudo o que fiz foi sentar-me nele e fitar a água. Não tentei usar o Talento. Talvez, após todos aqueles anos, estivesse finalmente a aprender que não havia nessa busca conforto para a solidão.

O tempo continuou bom, e cada manhã era uma dádiva fresca e nova. As noites, refleti, enquanto tirava filetes de peixe dos seus ganchos no fumeiro, eram mais preciosas do que dádivas. Eram descanso conquistado e tarefas concluídas. Eram satisfação quando eu deixava que o fossem. O peixe estava fumado a meu gosto, de uma dureza vermelha brilhante do lado de fora, mas com humidade suficiente encerrada lá dentro para manter um sabor agradável. Deixei cair a última fatia num saco de rede. Já havia quatro desses sacos pendurados das vigas do telhado da casa. E assim se concluiria aquilo de que eu sabia necessitar para o inverno. O lobo seguiu-me até lá dentro e viu-me trepar para cima da mesa para pendurar o peixe. Falei-lhe por cima do ombro. “Queres levantar-te cedo amanhã para irmos à procura de porcos selvagens?”

*Não perdi nenhum porco selvagem. Tu perdeste?*

Baixei os olhos para ele, surpreendido. Era uma recusa, formulada como humor, mas uma recusa na mesma. Eu esperara entusiasmo incontido. Na verdade, eu próprio tinha pouco apetite para uma caçada tão árdua como um porco exigiria. Oferecera-a ao lobo na esperança de lhe agradar. Sentira nele uma certa apatia nos últimos tempos e suspeitava de que lhe doía a ausência de Zar. O rapaz fora para ele um companheiro de caça cheio de vida. Temia que, por comparação, eu fosse bastante aborrecido. Sei que ele sentiu a minha interrogação quando o olhei, mas ele retirara-se para o interior da sua própria mente, deixando para trás apenas uma distraída bruma de pensamentos.

“Estás bem?”, perguntei-lhe ansioso.

Ele virou de repente a cabeça para a porta. *Vem aí alguém.*

“Zar?” Saltei para o chão.

*Um cavalo.*

Eu deixara a porta entreaberta. Ele foi até lá e espreitou para fora, de orelhas espetadas. Fui juntar-me a ele. Passou-se um momento e de seguida ouvi o ruído surdo e uniforme de cascos. *Esporana?*

*Não é a cadela uivadora.* Não disfarçou o alívio que sentia por não ser a menestrel. Aquilo picou-me um pouco. Só recentemente me apercebera por completo de como ela lhe desagradara. Não disse nada em voz alta, nem esculpi o pensamento para lho enviar, mas ele compreendeu. Deitou-me um olhar contristado, após o que saiu discretamente de casa.

Saí para o alpendre e esperei, à escuta. Um bom cavalo. Mesmo àquela hora do dia havia vida no seu passo. Quando cavalo e cavaleiro surgiram à vista, sustive a respiração ao ver o animal. A qualidade da criação salientava-se em todos os seus traços. Era branco. A crina e a cauda de neve fluuavam como se ele tivesse sido escovado apenas momentos antes. Fitas de seda preta atadas à crina complementavam o preto e o prateado dos arreios. Não era uma égua de grandes dimensões, mas havia fogo no modo como virava um olho sabedor e uma orelha cautelosa para o lobo invisível que a flanqueava através do bosque. Estava alerta sem estar com medo. Começou a erguer os cascos um pouco mais alto, como que para assegurar a Olhos-de-Noite de que tinha energia mais que suficiente para lutar ou fugir.

O cavaleiro merecia por completo o cavalo. Montava-o bem, e senti um homem em harmonia com a sua montada. O seu vestuário era negro, ornamentado a prata, tal como as botas. Parece uma combinação sombria, mas a prata cobria-lhe o manto de verão, exuberante como um bordado, e delineava-lhe a renda branca nos punhos e no colarinho. Prata prendia-lhe o cabelo claro para longe da testa alta. Finas luvas negras revestiam-lhe as mãos como uma segunda pele. Era um jovem esguio mas, da mesma forma que a leveza da égua fazia pensar em rapidez, assim a sua magreza trazia à mente agilidade e não fragilidade. A pele era de um dourado beijado pelo sol e o cabelo também, e as suas feições eram agradáveis. O homem dourado aproximou-se em silêncio, à parte o bater rítmico dos cascos do cavalo. Quando se aproximou refreou o animal com um toque e ficou a olhar-me com olhos ambarinos. Sorriu.

Algo revolveu-se no meu coração.

Humedei os lábios, mas não consegui encontrar palavras, nem teria fôlego para as pronunciar se elas me tivessem ocorrido. O coração dizia-me uma coisa, os olhos outra. Lentamente, o sorriso foi-se desvanecendo da cara e dos olhos dele. Uma máscara de imobilidade substituiu-o. Quando falou, a sua voz soou baixa, as palavras sem emoção. “Não tens cumprimentos para mim, Fitz?”

Abri a boca, depois abri bem os braços, impotente. Perante o gesto que dizia tudo aquilo para que não tinha palavras, uma expressão de resposta iluminou-lhe o rosto. Brilhou como se uma luz tivesse sido acendida em si. Não desmontou; atirou-se do cavalo para cima de mim, um salto ajudado pelo súbito aparecimento de Olhos-de-Noite, saído de entre as árvores e carregando na direção dele. O cavalo resfolegou alarmado e deu um salto. O Bobo libertou-se da sela com bastante mais energia do que pretendia mas, ágil como sempre, aterrou sobre os bicos dos pés. O cavalo afastou-se, mas nenhum de nós lhe prestou qualquer atenção. Com um

passo apanhei-o. Envolvi-o nos braços enquanto o lobo cabriolava à nossa volta como um cachorrinho.

“Oh, Bobo,” disse eu, com a voz estrangulada. “Não podes ser tu, mas és. E não me interessa como.”

Ele atirou os braços em volta do meu pescoço. Abraçou-me ferozmente, espetando-me o frio brinco de Castro, no pescoço. Por um longo instante, agarrou-se-me como uma mulher, só me largando quando o lobo se enfiou insistentemente entre nós. Então o Bobo caiu sobre um joelho na poeira, indiferente às suas belas roupas enquanto se abraçava ao pescoço do lobo. “Olhos-de-Noite!”, murmurou com violenta satisfação. “Não pensava voltar a ver-te. Que prazer, velho amigo.” Enterrou a cara na pelagem do lobo, limpando lágrimas. Não o tive em menor conta por causa dessas lágrimas. As minhas escorriam-me descontroladas pela cara abaixo.

O Bobo pôs-se em pé num movimento fluido, e cada gradação da sua graça era-me tão familiar como o ato de respirar. Envolveu-me a nuca com as mãos e, à sua velha maneira, encostou a testa à minha. O seu hálito cheirava a mel e a brande de damasco. Ter-se-ia fortalecido para aquele encontro? Passado um momento afastou-se de mim, mas manteve-me preso pelos ombros. Fitou-me, tocando com os olhos a madeixa branca no meu cabelo e percorrendo com familiaridade as cicatrizes no meu rosto. Eu fitei-o com igual avidez, não só para ver como ele mudara, a cor que de branca passara a dourada, mas como não mudara. Parecia um jovem tão imberbe como quando o vira pela última vez, quase quinze anos antes. Nenhuma ruga lhe desfigurava a cara.

Ele pigarreou. “Bem. Não me convidas a entrar?”, perguntou.

“Claro. Assim que cuidarmos do teu cavalo,” respondi com uma voz rouca.

O largo sorriso que lhe iluminou o rosto apagou todos os anos e a distância entre nós. “Não mudaste nem um bocadinho, Fitz. Contigo os cavalos sempre em primeiro, como sempre foi.”

“Não mudei?” Abanei a cabeça. “Tu é que não pareces um dia mais velho. Mas tudo o resto...” Abanei a cabeça, confuso, enquanto avançava de lado na direção do cavalo dele. A égua afastou-se erguendo as patas e mantendo a distância. “Tornaste-te dourado, Bobo. E vestes-te tão ricamente como Majestoso se vestia. Quando te vi não te reconheci.”

Ele soltou um suspiro de alívio que foi quase uma gargalhada. “Então não foi o que temi, que estivesses hesitante em dar-me as boas-vindas?”

Uma pergunta como aquela nem sequer merecia resposta. Ignorei-a, voltando a avançar na direção da égua. Ela virou a cabeça, pondo as rédeas mesmo para lá do meu alcance. Mantinha o lobo debaixo de olho. Eu sentia o Bobo a observar-nos divertido. “Olhos-de-Noite, não estás a ajudar

e sabes disso!” exclamei, aborrecido. O lobo baixou a cabeça e deitou-me um olhar de entendimento, mas parou de perseguir o cavalo.

*Podia pô-la eu no celeiro, se me desses hipótese.*

O Bobo inclinou ligeiramente a cabeça, olhando-nos com ironia. Senti algo vindo dele: a mais fina das arestas do desconforto mútuo. Quase esqueci o cavalo. Sem premeditação, toquei a marca que ele deixara em mim tanto tempo antes; as dedadas de prata no meu pulso, há muito desbotadas até tomarem um tom claro de cinzento. Ele voltou a sorrir e ergueu uma mão enluvada, com o dedo estendido para mim, como se quisesse renovar esse toque. “Ao longo dos anos,” disse, com a voz a tornar-se tão dourada como a pele. “Estiveste comigo, tão perto como as pontas dos meus dedos, mesmo quando estávamos separados por anos e mares. O teu ser era como o zumbido duma corda dedilhada no limite da minha audição, ou um odor trazido por uma brisa. Não o sentiste também?”

Respirei fundo, temendo que as minhas palavras o fossem ferir. “Não,” disse em voz baixa. “Gostava de ter sentido. Foram demasiadas as vezes em que me senti completamente só à exceção de Olhos-de-Noite. Foram demasiadas as vezes em que me sentei à beira da falésia, a estender a mente para tocar alguém, algures, mas sem nunca sentir que alguém se estendia na minha direção.”

Ao ouvir aquilo, ele abanou a cabeça. “Se eu possuísse realmente o Talento, terias sabido que eu estava lá. Nas pontas dos teus dedos, mas mudo.”

Aquelas palavras fizeram-me sentir um estranho alívio no coração, por nenhum motivo que eu fosse capaz de nomear. Depois ele fez um som estranho, algo entre um cacarejo e um chilreio, e a égua foi imediatamente ter com ele e encostou o focinho à sua mão estendida. O Bobo passou-me as rédeas, sabendo que eu estava em pulgas para cuidar dela, “Leva-a. Vai até ao fim do teu caminho montado nela e volta. Aposto que nunca na vida montaste um animal assim.”

No instante em que as rédeas passaram para a minha mão, a égua veio ter comigo. Encostou-me o focinho ao peito, e inspirou e expirou o meu odor pelas narinas dilatadas. Então ergueu o focinho para o meu queixo e deu-me um ligeiro empurrão, como que a pedir-me para ceder à tentação do Bobo. “Sabes quanto tempo se passou desde que montei qualquer espécie de cavalo?”, perguntei-lhes a ambos.

“Demasiado. Leva-a,” incentivou ele. Era um ato juvenil, aquela oferta imediata de partilha duma possessão estimada, e o meu coração respondeu-lhe, sabendo que independentemente do tempo e da distância a que tínhamos estado um do outro, nada de importante mudara entre nós.

Não esperei que o Bobo me convidasse outra vez. Pus um pé no es-

tribo e montei a égua, e apesar de todos os anos que se tinham passado consegui sentir toda a diferença que havia entre aquela égua e o meu velho cavalo, Fuligem. A égua era mais pequena, tinha olhos mais finos e era mais estreita entre as minhas coxas. Senti-me desajeitado e duro demais quando a incentivei a avançar e depois a fiz dar meia volta com um toque de rédea. Mudei o meu peso na sela e puxei as rédeas, e ela recuou sem hesitar. Um sorriso tolo surgiu-me no rosto. “Ela podia comparar-se aos melhores cavalos de Castro na época em que Castro era o chefe dos estábulos,” admiti. Pus-lhe a mão na cernelha e senti a chama dançante da sua pequena mente ávida. Não havia nela apreensão, só curiosidade. O lobo estava sentado no alpendre, observando-me com um ar grave.

“Leva-a até ao fim do caminho,” instou o Bobo, com um sorriso que espelhava o meu. “E dá-lhe rédea livre. Deixa que te mostre o que é capaz de fazer.”

“Como se chama?”

“Malta. Fui eu próprio a escolher o nome. Comprei-a em Razos, a caminho daqui.”

Anuí de mim para comigo. Em Razos criavam cavalos pequenos e leves para viajar pelas suas largas planícies varridas pelo vento. Ela seria fácil de sustentar, precisando de pouco alimento para a manter em movimento dia após dia. Inclinei-me ligeiramente para a frente. “Malta,” disse, e ela ouviu permissão no seu nome. Saltou em frente e partimos à desfilada.

Se a viagem do dia para chegar à minha cabana a fatigara, não o mostrou. Pelo contrário, era como se tivesse ficado impaciente com o passo constante e agora apreciasse a possibilidade de estender os músculos. Fluímos sob o arco das árvores e os seus cascos que faziam música na terra rija despertaram uma canção semelhante no meu coração.

Onde o meu caminho se encontrava com a estrada, refreei-a. Ela nem sequer resfolegava; pelo contrário, arqueou o pescoço e deu o menor dos puxões ao freio para me informar de que ficaria feliz por continuar. Mantive-a imóvel e olhei para ambos os lados da estrada. Era estranho como essa pequena mudança na perspectiva mudava toda a minha noção do mundo que me rodeava. Montado naquele belo animal, a estrada era como uma fita desenrolada à minha frente. O dia estava a sumir-se, mas mesmo assim pestanejei perante a luz que mingava, vendo possibilidades nas colinas que se azulavam e nas montanhas que penetravam no horizonte noturno. O cavalo entre as minhas coxas trazia o mundo inteiro para mais perto da minha porta. Fiquei calmamente sentado nele e deixei que os meus olhos viajassem por uma estrada que podia acabar por me levar até Torre do Cervo, ou na verdade a qualquer ponto do mundo inteiro. A minha vida



sossegada na cabana com Zar parecia tão apertada e confinada como uma pele gasta. Ansiava por contorcer-me como uma serpente e deitá-la fora, por emergir cintilante e novo num mundo mais vasto.

Malta abanou a cabeça, fazendo voar crina e fitas, despertando-me para o tempo que passara ali parado a olhar. O sol estava a beijar o horizonte. O cavalo aventurou-se a dar um passo ou dois contra a minha rédea firme. Tinha vontade própria e estava tão disposta a galopar pela estrada fora como a caminhar tranquilamente de volta à minha cabana. Portanto chegámos a um compromisso; virei-a para o meu caminho mas deixei-a definir o seu próprio ritmo. Isso acabou por ser um meio galope rítmico. Quando a fiz parar à frente da casa, o Bobo espreitou pela porta. “Pus a chaleira ao lume,” gritou. “Traz o meu alforge para dentro, sim? Há lá café de Vilamonte.”

Instalei Malta no estábulo ao lado do pónei e dei-lhe água limpa e todo o feno que possuía. Não era muito; o pónei era perito em pastar, e não desdenhava o pasto raquítico da vertente da colina por trás da cabana. Os sumptuosos arreios do Bobo cintilavam de um modo estranho contra o fundo das paredes toscas. Meti o alforge dele ao ombro. O lusco-fusco estival estava a aprofundar-se quando regresssei à minha cabana. Havia luzes nas janelas e o agradável retinir da louça da cozinha. Quando entrei para pousar a minha carga na mesa, o lobo estava estendido junto ao fogo a secar a pelagem húmida e o Bobo estava a contorná-lo para pendurar uma chaleira do gancho. Pestanejei, e por um instante vi-me de regresso à cabana do Bobo nas montanhas, a curar-me do meu velho ferimento, enquanto ele se interpunha entre mim e o mundo para eu poder descansar. Então como agora, ele criava a realidade à sua volta, trazendo ordem e paz a uma pequena ilha tépida de luz do fogo e ao cheiro simples de cozinhar pão numa lareira.

Ele virou os olhos claros para os cruzar com os meus, olhos cujo ouro espelhava a luz do fogo. A luz percorria-lhe os malares e retraía-se quando se fundia com o seu cabelo. Dei um pequeno abanão à cabeça. “No espaço dum pôr-do-sol mostras-me o mundo inteiro a partir do dorso dum cavalo e a alma do mundo dentro das minhas próprias paredes.”

“Oh, meu amigo,” disse ele em voz baixa. Nada mais do que isso precisava de ser dito.

*Estamos completos.*

O Bobo inclinou a cabeça perante o pensamento. Parecia um homem a tentar recordar-se de algo de importante. Partilhei um olhar com o lobo. Ele tinha razão. Como peças quebradas de louça que se ajustavam tão precisamente que a racha se torna invisível, o Bobo juntava-se a nós e completava-nos. Enquanto a visita de Breu me enchera de pergun-

tas e necessidades, a presença do Bobo era em si mesma uma presença e uma satisfação.

Ele servira-se da horta e da despensa. Havia batatas e cenouras novas e pequenos nabos brancos e purpúreos a refogar num tacho. Peixe fresco coberto de manjerição fumegava e fazia chocalhar uma tampa justa. Quando ergui as sobrancelhas perante aquilo, o Bobo limitou-se a observar: “O lobo parece recordar-se de como eu gostava de peixe fresco.” Olhos-de-Noite pôs as orelhas para trás e deitou-me a língua de fora. Bolos e conservas de amoras silvestres completaram a nossa simples refeição. Ele desencantara o meu brande de Orla d’Areia. Este aguardava sobre a mesa.

Vasculhou a sua bagagem e retirou dela um saco de pano cheio de grãos escuros brilhantes de óleo. “Cheira isto,” exigiu, e depois pôs-me a esmagar os grãos enquanto enchia o meu último tacho com água e o punha a ferver. Houve poucas conversas. Ele cantarolava de si para si e o fogo crepitava enquanto tampas de tachos matraqueavam e ocasionais gotas fugidias se vaporizavam no fogo. O pilão a raspar no almofariz fazia um som brando enquanto eu moía os grãos aromáticos. Deslocámo-nos por um pouco em tempo de lobo, no contentamento do presente, sem nos preocuparmos com o que passara ou o que estava para vir. Essa noite continua a ser para mim um momento a estimar, tão dourado e odorífero como brande em copos de cristal.

Com um jeito que eu nunca alcançara, o Bobo fez com que toda a comida ficasse pronta ao mesmo tempo, de modo que o café castanho-escuro ficou a fumar ao lado do peixe e das verduras, enquanto uma pilha de bolos conservava o seu calor sob um pano limpo. Sentámo-nos juntos à mesa, e o Bobo separou uma posta do peixe tenro para o lobo, que o comeu obedientemente, embora o tivesse preferido cru e frio. A porta da cabana manteve-se aberta para uma noite estrelada; o companheirismo da comida partilhada numa noite agradavelmente amena encheu a casa e transbordou.

Empilhámos os pratos sujos a um canto para tratar deles mais tarde, e levámos mais café para o alpendre. Era a minha primeira experiência com aquela coisa estrangeira. O líquido quente e castanho cheirava melhor do que sabia, mas aguçava a mente duma forma agradável. Sem que eu saiba como, acabámos a caminhar juntos até ao ribeiro, com os copos quentes nas mãos. Aí, o lobo bebeu longamente da água fria, e depois caminhámos de volta, parando junto à horta. O Bobo fez girar as contas do amuleto de Gina enquanto eu lhe contava a sua história. Fez soar a campainha com a ponta dum longo dedo, e um único tilintar prateado rodopiou, espalhando-se na noite. Fizemos uma visita ao seu cavalo, e eu fechei a porta do

galinheiro para manter as aves a salvo durante a noite. Deambulámos de volta para a cabana e sentei-me na beira do alpendre. Sem uma palavra, o Bobo levou o meu copo vazio para dentro de casa.

Quando regressou, o brande de Orla d'Areia enchia o copo até à borda. Sentou-se a meu lado; o lobo ocupou um lugar do outro lado e pôs-me a cabeça sobre o joelho. Bebi um gole do meu brande, fiz passar as orelhas do lobo entre os dedos, e esperei. O Bobo soltou um pequeno suspiro. “Fiquei longe de ti durante o máximo de tempo que consegui.” Pronunciou as palavras como um pedido de desculpa.

Ergui uma sobrancelha ao ouvir aquilo. “Qualquer altura em que tivesses regressado para me visitar não teria sido cedo demais. Perguntei muitas vezes a mim próprio o que te teria acontecido.”

Ele fez um aceno com gravidade. “Fiquei longe, esperando que tu tivesses finalmente encontrado um pouco de paz e contentamento.”

“Sim,” assegurei-lhe. “Encontrei.”

“E agora eu regressei para tos tirar.” Não olhou para mim enquanto dizia estas palavras. Fitou a noite, a escuridão que havia sob o aglomerado de árvores. Bandeou as pernas como uma criança e depois bebeu um gole de brande.

O meu coração deu um pequeno salto. Julgara que ele viera ver-me por mim. Com cuidado, perguntei: “Então foi Breu que te enviou? Para me pedires para regressar a Torre do Cervo? Eu já lhe dei a minha resposta.”

“Deste? Ah.” Fez um momento de silêncio, fazendo rodopiar o brande no seu copo enquanto refletia. “Eu devia ter sabido que ele já cá tinha estado. Não, meu amigo. Eu não vi Breu durante todos estes anos. Mas que ele te tenha procurado só prova o que eu temia. Está prestes a chegar um momento em que o Profeta Branco terá de novo que utilizar o seu Catalizador. Acredita, se houvesse outra maneira, se te pudesse deixar em paz, deixaria. Deixaria mesmo.”

“O que precisas de mim?”, perguntei-lhe em voz baixa. Mas ele não era agora melhor a dar-me uma resposta direta do que quando fora o Bobo do Rei Sagaz e eu o neto bastardo do rei.

“Preciso do que sempre precisei da tua parte, desde que descobri que existias. Se quero mudar o rumo do tempo, se quero colocar o mundo num caminho mais verdadeiro do que aqueles que seguiu anteriormente, então preciso de ti. A tua vida é a alavanca que eu uso para fazer com que o futuro salte do seu sulco.”

Olhou para a minha cara descontente e soltou uma sonora gargalhada. “Eu tento, Fitz, tento mesmo. Falo tão claramente como posso falar, mas os teus ouvidos não acreditam no que ouvem. Inicialmente vim para

os Seis Ducados e para a corte de Sagaz naquela altura para procurar uma maneira de evitar um desastre. Vim sem saber como o faria, só que tinha de o fazer. E que foi que descobri? Descobri-te a ti. Um bastardo, mas apesar disso um herdeiro da linhagem Visionário. Não te tinha visto em nenhum dos futuros que vislumbrara, e no entanto, quando recordava tudo o que sabia das profecias da minha espécie, descobria-te, uma e outra vez. Em apartes e alusões dissimuladas, lá estavas tu. Por isso fiz tudo o que pude para te manter vivo, o que consistiu principalmente em pôr-te a mexer para te manteres vivo. Avancei através das brumas às apalpadelas, sem mais do que um cintilante trilho de caracol de presciência para me guiar. Atuei com base no que sabia que tinha de prevenir, e não no que tinha de causar. Escapámos a todos esses futuros. Forcei-te a pões-te em risco e arrastei-te de volta da morte sem querer saber do que isso te custava em dor, cicatrizes e sonhos negados. Mas sobreviveste, e quando todos os cataclismos da Limpeza de Cervo foram concluídos havia um herdeiro legítimo para a linhagem Visionário. Por causa de ti. E de súbito foi como se eu fosse erguido até um pico acima dum vale orlado de nevoeiro. Não digo que os meus olhos são capazes de ver através do nevoeiro, mas apenas que estou acima dele e vejo, no amplo horizonte, os picos dum novo e possível futuro. Um futuro baseado em ti.”

Fixou-me com olhos dourados que pareceram quase luminosos à ténue luz proveniente da porta aberta. Limitou-se a olhar para mim, e de súbito senti-me velho e a cicatriz da seta junto da minha espinha deu-me uma pontada de dor que me fez sustar a respiração por um instante. Um latejar que era como um surdo presságio rubro seguiu-se-lhe. Disse a mim próprio que tinha ficado demasiado tempo sentado na mesma posição; era só isso.

“Então?”, instigou-me ele. Os seus olhos moveram-se pela minha cara quase com fome.

“Acho que preciso de mais brande,” confessei, pois, sem que eu soubesse como, o meu copo esvaziara-se.

Ele despejou o seu copo e levou o meu. Quando se levantou, o lobo e eu fizemos o mesmo. Seguimo-lo para dentro da cabana. Ele remexeu dentro do alforge e tirou uma garrafa para fora. Estava cheia a cerca de três quartos. Registei a observação na minha mente; então ele tinha-se fortalecido para aquele encontro. Perguntei a mim próprio que parte do encontro teria temido. O Bobo desenrolhou a garrafa e voltou a encher ambos os nossos copos. A minha cadeira e o banco de Zar estavam dispostos perto da lareira, mas acabámos por sentar-nos nas pedras da lareira, junto do fogo moribundo. Com um pesado suspiro, o lobo estendeu-se entre nós, com a cabeça pousada nas minhas coxas. Afaguei-lhe a cabeça e captei

uma súbita pontada de dor vinda dele. Movi a mão ao longo do seu corpo até às articulações da anca e massajei-as com suavidade. Olhos-de-Noite soltou um gemido baixo quando o toque o aliviou.

*É muito mau?*

*Mete-te na tua vida.*

*Tu fazes parte da minha vida.*

*Partilhar a dor não a diminui.*

*Não tenho lá muita certeza disso.*

O Bobo interrompeu os nossos pensamentos encadeados. “Ele está a ficar velho.”

“Também eu,” notei. “Tu, no entanto, pareces tão jovem como sempre.”

“E no entanto sou substancialmente mais velho do que vós os dois somados. E esta noite sinto cada um dos meus anos.” Como que para desvendar a mentira das suas próprias palavras, encostou agilmente os joelhos ao peito e pousou neles o queixo enquanto abraçava as pernas.

*Se bebesses um pouco de chá de casca de salgueiro, talvez te aliviasses.*

*Poupa-me às tuas zurrapas e continua a massajar.*

Um pequeno sorriso encurvou a boca do Bobo. “Quase que vos consigo ouvir. É como um mosquito a zumbir à volta da minha orelha, ou a comichão de alguma coisa esquecida. Ou tentar recordar o sabor doce de alguma coisa a partir de um sopro passageiro da sua fragrância.” Os seus olhos dourados encontraram-se subitamente com os meus. “Faz com que me sinta solitário.”

“Desculpa,” disse, sem saber que outra coisa poderia dizer. Que Olhos-de-Noite e eu conversássemos como conversávamos não era um esforço para o excluir do nosso círculo. Era que o nosso círculo nos tornava unos de uma forma fundamental que não podíamos partilhar.

*E no entanto em tempos partilhámos, fez-me lembrar o lobo. Em tempos partilhámos e foi bom.*

Não me parece que tenha olhado para a mão enluvada do Bobo. Ele talvez estivesse mais próximo de nós do que pensava, pois ergueu a mão e descalçou a luva finamente tecida. A sua elegante mão de dedos longos emergiu. Em tempos, um toque casual fizera com que os seus dedos roçassem nas mãos impregnadas de Talento de Veracidade. Esse toque tinha-lhe prateado os dedos, e dera-lhe um Talento tátil que o fizera conhecer a história das coisas simplesmente tocando-lhes. Virei o meu pulso para o olhar. Impressões digitais de um cinzento sombrio ainda marcavam a parte de dentro do pulso no local em que ele me tocara. Durante algum tempo, as nossas mentes tinham-se juntado, quase como se ele, Olhos-de-Noite e eu fôssemos um verdadeiro círculo de Talento. Mas a

prata nos seus dedos desbotara, tal como acontecera às dedadas no meu pulso e à ligação que nos unia.

Ergueu um dedo esguio como que num aviso. Depois virou a mão e estendeu-a como se apresentasse uma dádiva invisível naquelas pontas estendidas dos dedos. Fechei os olhos para me acalmar contra a tentação. Abanei lentamente a cabeça. “Não seria sensato,” disse, numa voz espessa.

“E supõe-se que um Bobo seja sensato?”

“Sempre foste a criatura mais sensata que eu conheci.” Abri os olhos para o seu olhar sincero. “Desejo-o como desejo o próprio ar, Bobo. Afasta-o de mim, por favor.”

“Se tens a certeza. . . não, essa pergunta era cruel. Olha, desapareceu.” Enlucou a mão, ergueu-a para me mostrar, e depois agarrou-a com a mão nua.

“Obrigado.” Bebi um longo trago do meu brande e saboreei um pomar estival e abelhas a zumbir à luz quente do sol por entre a fruta madura e caída. Mel e damascos dançaram ao longo das bordas da minha língua. Aquilo era decadentemente bom. “Nunca provei nada assim,” observei, feliz por mudar de assunto.

“Ah, sim. Temo que me tenha mimado, agora que posso pagar o melhor. Há uma boa reserva disto em Vilamonte, à espera de uma mensagem minha que lhes diga para onde o devem enviar.”

Inclinei a cabeça para ele, tentando encontrar o gracejo nas palavras. Lentamente, compenetrei-me de que ele estava a dizer a verdade completa. A roupa fina, o cavalo de raça, café exótico de Vilamonte, e agora isto. . . “És rico?”, arrisquei sabiamente.

“A palavra nem se abeira da realidade.” Uma cor rosada derramou-se pelas suas bochechas ambarinas. Ele parecia quase desgostoso por admiti-lo.

“Conta!”, exigi, sorrindo pela sua sorte.

Ele abanou a cabeça. “É uma história impossivelmente longa. Deixa que ta condense. Amigos insistiram em partilhar comigo uma riqueza súbita. Duvido que mesmo eles conhecessem o valor total de tudo o que me obrigaram a aceitar. Tenho uma amiga numa vila mercantil, muito para sul e, à medida que vai vendendo pelos melhores preços os bens raros que consegue arranjar, envia-me cartas de crédito para Vilamonte.” Abanou tristemente a cabeça, chocado com a sua boa sorte. “Por mais que eu gaste, parece haver sempre mais.”

“Fico feliz por ti,” disse eu com uma sinceridade sentida.

Ele sorriu. “Eu sabia que ficarias. E no entanto, a parte mais estranha talvez seja que isso não muda nada. Dormindo eu em ouro tecido ou em palha, o meu destino permanece igual. Tal como o teu.”

Portanto estávamos de volta àquilo. Convoquei todas as minhas for-

ças e determinação. “Não, Bobo,” disse com firmeza. “Não serei puxado de volta para a política de Torre do Cervo. Agora tenho uma vida própria, e ela é aqui.”

Ele inclinou a cabeça para mim, e uma sombra do seu antigo sorriso de bobo alargou-lhe os lábios. “Ah, Fitz, tu sempre tiveste vida própria. É esse, precisamente, o teu problema. Sempre tiveste um destino. E quanto a ser aqui...” Deitou um olhar pela sala. “*Aqui* não passa do sítio onde calhas estar de momento.” Inspirou longamente. “Não vim arrastar-te de volta para nada, Fitz. Foi o tempo que me trouxe cá. Também te trouxe cá a ti. Tal como trouxe Breu, e outras reviravoltas na tua sorte nos últimos tempos. Engano-me?”

Não se enganava. Todo o verão fora uma grande prega na minha vida suavemente enrolada. Não respondi, mas não precisava de o fazer. Ele já sabia a resposta. Recostou-se, esticando as longas pernas à sua frente. Mordiscou pensativamente o polegar não enluvado, após o que encostou a cabeça à cadeira e fechou os olhos.

“Uma vez sonhei contigo,” disse eu de súbito. Não planeara dizer aquelas palavras.

Ele abriu um olho amarelo como o de um gato. “Acho que já tivemos esta conversa. Há muito tempo.”

“Não. Isto é diferente. Não sabia que eras tu até agora mesmo. Ou talvez soubesse.” Fora uma noite desassossegada, anos antes, e quando despertara o sonho agarrara-se-me à mente como piche às mãos. Eu compreendera que era significativo, e no entanto o fragmento que vira fizera tão pouco sentido que não conseguira compreender o seu significado. “Não sabia que te tinhas tornado dourado, entendes? Mas agora, quando te recostaste de olhos fechados... Tu — ou alguém — estavas deitado num chão grosseiro de madeira. Tinhas os olhos fechados; estavas doente ou ferido. Um homem estava debruçado sobre ti. Senti que ele queria fazer-te mal. Por isso eu...”

Eu repelira-o, usando a Manha de uma maneira que não usava havia anos. Um rude arremesso de presença animal para o empurrar para longe, para expressar dominância sobre ele de um modo que ele não podia compreender, mas odiara. O ódio fora proporcional ao seu medo. O Bobo estava em silêncio, à minha espera.

“Empurrei-o para longe de ti. Ele estava zangado, a odiar-te, a desejar magoar-te. Mas eu enfiei-lhe na mente que tinha de ir buscar ajuda para ti. Que tinha de dizer a alguém que precisavas de auxílio. Ele ficou ressentido com o que lhe fiz, mas foi obrigado a obedecer-me.”

“Porque lho cauterizaste na mente com Talento,” disse o Bobo em voz baixa.

“Talvez,” admiti a contragosto. O certo era que o dia seguinte fora um longo tormento de dor de cabeça e de fome de Talento. A ideia deixou-me preocupado. Eu dissera a mim próprio que não podia usar o Talento dessa forma. Alguns outros sonhos agitaram-se-me inquietantemente na memória. Voltei a submergi-los. Não, garanti a mim próprio. Não eram a mesma coisa.

“Foi no convés de um navio,” disse ele em voz baixa. “E é bastante provável que me tenhas salvado a vida.” Respirou fundo. “Achei que talvez tivesse acontecido algo do género. Nunca achei que fizesse sentido que ele não se tivesse visto livre de mim quando teve oportunidade. Às vezes, quando me sentia mais só, troçava de mim por me poder agarrar a uma tal esperança. Por poder acreditar que era tão importante para alguém que essa pessoa viajasse nos sonhos para me proteger.”

“Devias saber que o faria,” disse eu em voz baixa.

“Ah devia?” A pergunta era quase um desafio. Dirigiu-me o olhar mais direto que algum dia recebera dele. Não compreendi a dor que vi nos seus olhos e tão-pouco entendi a esperança. Ele precisava de algo de mim, mas eu não tinha a certeza do que seria. Tentei encontrar algo para dizer, mas antes de o poder fazer o momento pareceu passar. Ele afastou os olhos de mim, libertando-me da sua súplica. Quando os olhos regressaram aos meus, mudara tanto de expressão como de assunto.

“Então. O que te aconteceu depois de eu voar para longe?”

A pergunta apanhou-me de surpresa. “Julgava... mas tu disseste que não vês Breu há anos. Nesse caso como soubeste onde me encontrar?”

Em jeito de resposta, ele fechou os olhos e depois juntou os indicadores esquerdo e direito à sua frente. Abriu os olhos e sorriu-me. Compreendi que aquela seria toda a resposta que eu obteria.

“Quase nem sei como começar.”

“Sei eu. Com mais brande.”

Pôs-se em pé sem esforço, num movimento fluido. Deixei que levasse o meu copo vazio. Pousei uma mão na cabeça de Olhos-de-Noite e senti-o a pairar entre o sono e a vigília. Se as ancas ainda o incomodavam, estava a escondê-lo bem. Estava a ficar cada vez melhor a manter-se separado de mim. Perguntei a mim próprio porque esconderia a dor.

*Queres partilhar comigo as dores que tens nas costas? Deixa-me em paz e para de procurar chatices. Nem todos os problemas do mundo te pertencem.* Ergueu a cabeça do meu joelho e com um profundo suspiro estendeu-se melhor à frente da lareira. Como uma cortina a cair entre nós, escondeu-se de novo.

Ergui-me lentamente, empurrando uma mão contra as costas para acalmar as minhas próprias dores. O lobo tinha razão. Às vezes de pouco



servia partilhar as dores. O Bobo voltou a encher ambos os nossos copos com o seu brande de damasco. Sentei-me à mesa e ele pôs o meu copo à minha frente. O seu continuou na sua mão enquanto vagueava pela sala. Fez uma pausa perante o mapa incompleto dos Seis Ducados que Veracidade fizera e que eu tinha pendurado na parede, deitou um olhar ao recanto que era a alcova de Zar, e depois espreitou pela porta do meu quarto. Quando Zar viera viver comigo, eu acrescentara uma sala adicional, à qual me referia como estúdio. Continha a sua própria pequena lareira, bem como a minha secretária e uma estante para rolos. O Bobo fez uma pausa à porta que dava para essa sala, e depois penetrou nela com ousadia. Observei-o. Era como observar um gato a explorar uma casa que lhe era estranha. Não tocou em nada, mas pareceu ver tudo. “Montes de rolos,” observou na outra sala.

Levantei a voz para que chegasse até ele. “Tenho andado a tentar escrever uma história dos Seis Ducados. Foi uma coisa que Paciência e Penacariço propuseram há anos, quando eu era rapaz. Ajuda-me a ocupar o tempo à noite.”

“Estou a ver. Posso?”

Anuí. Ele sentou-se à minha secretária e desenrolou o rolo sobre o jogo das pedras. “Ah, sim, lembro-me disto.”

“Breu quiere-o quando eu acabar. Tenho-lhe mandado coisas, de vez em quando, através de Esporana. Mas até há cerca de um mês não o tinha visto, desde a altura em que nos separámos nas Montanhas.”

“Ah. Mas viste Esporana.” Tinha as costas voltadas para mim. Perguntei a mim próprio que expressão ostentaria. O Bobo e a menestrel nunca se tinham dado bem. Durante algum tempo tinham feito uma trégua difícil, mas eu sempre fora motivo de disputa entre eles. O Bobo nunca aprovara a minha amizade com Esporana, nunca acreditara que ela tinha os meus melhores interesses em vista. Isso não tornava mais fácil dizer-lhe que sempre tivera razão.

“Vi Esporana durante algum tempo. De vez em quando durante, o quê? Sete ou oito anos. Foi ela que me trouxe Zar há cerca de sete anos. Acabou de fazer quinze. Não está agora em casa; foi à procura de trabalho na esperança de ganhar mais dinheiro para pagar um aprendizado. Quer ser fabricante de armários. Faz bom trabalho, para rapaz; tanto a secretária como a prateleira são trabalho dele. Mas não sei se tem a paciência para os detalhes que um bom carpinteiro tem de ter. Mesmo assim, é para aí que o coração dele se inclina, e quer ser aprendiz de um fabricante de armários na Cidade de Torre do Cervo. O nome do carpinteiro é Gindaste, e é um mestre. Até eu ouvi falar dele. Se me tivesse apercebido de que Zar poria os seus objetivos tão altos, teria poupado mais ao longo dos anos. Mas...”

“Esporana?” A sua pergunta cortou-me os devaneios sobre o rapaz. Era difícil admiti-lo. “Está casada. Não sei há quanto tempo. O rapaz descobriu quando foi com ela à Festa da Primavera em Torre do Cervo. Veio para casa e contou-me.” Encolhi um ombro. “Acabei com as coisas entre nós. Ela sabia que o faria quando descobrisse. Mesmo assim zangou-se. Não conseguiu compreender porque era que eu não podia continuar, desde que o marido nunca soubesse.”

“Esporana é assim.” A sua voz soou estranhamente acrítica, como se se solidarizasse comigo por causa duma praga na horta. Virou-se na cadeira para me olhar por cima do ombro. “E tu estás bem?”

Pigarreei. “Mantive-me ocupado. E não pensei muito no assunto.”

“E como ela não sentiu vergonha nenhuma, tu pensas que ela tem de te pertencer toda. As pessoas como ela são grandes especialistas em passar a culpa para os outros. Há uma magnífica tinta vermelha nisto. Onde a arranjaste?”

“Fi-la.”

“Fizeste?” Curioso como uma criança, ele tirou a rolha de um dos frascos de tinta que estavam na minha secretária e enfiou lá dentro o mindinho. Quando o tirou trazia a ponta pintada de escarlata. Olhou-o por um momento. “Fiquei com o brinco de Castro,” admitiu de súbito. “Nunca o levei a Moli.”

“Já tinha visto. E agrada-me que o tenhas feito. É melhor que nenhum deles saiba que eu sobrevivi.”

“Ah. Outra pergunta respondida.” Tirou um lenço branco como a neve de dentro do bolso e arruinou-o limpando do dedo a tinta vermelha. “Bom. Vais contar-me todos os acontecimentos por ordem, ou tenho de tos ir arrancando aos bocados, um de cada vez?”

Suspirei. Temia recordar esses tempos. Breu estivera disposto a aceitar um relato dos acontecimentos que se relacionavam com o reinado Visionário. O Bobo queria mais do que isso. Apesar de me encolher perante a ideia, não conseguia fugir à noção de que de algum modo lhe devia esse relato. “Tentarei. Mas estou cansado e bebemos demasiado brande, e são coisas a mais para contar numa noite só.”

Ele inclinou a cadeira para trás. “Estavas à espera de que eu me fosse embora amanhã?”

“Pensei que talvez o fizesses.” Observei-lhe o rosto enquanto acrescentava: “Não tinha essa esperança.”

Ele aceitou a minha palavra. “Então está bem, porque terias uma esperança vã. Cama contigo, Fitz. Eu fico com a cama do rapaz. Amanhã não é tarde demais para começar a preencher quase quinze anos de ausência.”

O brande de damasco do Bobo era mais potente do que o de Orla d'Areia, ou talvez fosse apenas eu que estava mais cansado do que o normal. Cambaleei até ao meu quarto, tirei a camisa e deixei-me cair na cama. Fiquei ali deitado, com o quarto a baloiçar gentilmente à minha volta, e ouvi os passos ligeiros do Bobo que andava dum lado para o outro na sala principal, a apagar velas e a trancar a porta. Talvez só eu tivesse conseguido ver a ligeira instabilidade nos seus movimentos. Depois sentou-se na minha cadeira e estendeu as pernas para o fogo. A seus pés, o lobo gemeu e mudou de posição, sem acordar. Toquei suavemente na mente de Olhos-de-Noite; ele estava profundamente adormecido e brotava dele contentamento.

Fechei os olhos, mas o quarto rodopiou numa forma estonteante. Abri-os apenas um pouco e olhei o Bobo. Ele estava sentado muito quieto a fitar o fogo, mas a luz dançante das chamas emprestava movimento às suas feições. Os ângulos do seu rosto iam sendo escondidos e depois revelados à medida que as sombras iam mudando. O dourado da sua pele e olhos parecia ser um truque da luz do fogo, mas eu sabia que não o eram.

Era difícil compreender que ele já não era o diabrete brincalhão que servira e protegera o Rei Sagaz durante todos aqueles anos. O seu corpo não mudara, exceto na cor. As mãos graciosas de longos dedos pendiam dos braços da cadeira. O cabelo, em tempos tão claro e insubstancial como penugem de dente-de-leão, estava agora atado atrás da cabeça e confinado num rabo-de-cavalo dourado. Fechou os olhos e encostou a cabeça às costas da cadeira. A luz do fogo bronzeava-lhe o perfil aristocrático. A roupa imponente que agora usava podia fazer lembrar os seus antigos fatos de inverno aos retalhos pretos e brancos, mas eu era capaz de apostar que ele nunca mais usaria campainhas e fitas nem transportaria um cetro com uma cabeça de ratazana. A sua inteligência viva e língua afiada já não influenciavam o curso dos acontecimentos políticos. A sua vida agora pertencia-lhe. Tentei imaginá-lo como homem rico, capaz de viajar e viver conforme lhe aprouvesse. Um súbito pensamento arrancou-me da complacência.

“Bobo?”, chamei em voz alta para a sala enegrecida.

“O que é?” Ele não abriu os olhos, mas a resposta pronta mostrou que ainda não mergulhara no sono.

“Tu já não és o Bobo. Que te chamam agora?”

Um lento sorriso encurvou-lhe o perfil dos lábios. “Que me chama quem e quando?”

Falou no tom arreliante do bobo que fora. Se eu tentasse decifrar aquela pergunta, ele mergulhar-me-ia em acrobacias verbais até eu desistir de obter uma resposta. Recusei-me a ser arrastado para o seu jogo.

Reformulei a pergunta. “Eu já não te devia chamar Bobo. Como queres que te chame?”

“Ah, como quero que *tu* me chames agora? Estou a ver. Uma pergunta completamente diferente.” A troça fazia música na sua voz.

Respirei fundo e tornei a pergunta o mais simples possível. “Qual é o teu nome, o teu verdadeiro nome?”

“Ah.” A sua atitude tornou-se subitamente grave. Inspirou lentamente. “O meu nome. Assim como o que a minha mãe me chamou quando nasci?”

“Sim.” E depois sustive a respiração. Ele raramente falava da infância. Subitamente apercebi-me da imensidão do que lhe perguntara. Era a velha magia dos nomes: se se souber como alguém realmente se chama, tem-se poder sobre esse alguém. Se se disser o nome a alguém, está-se-lhe a conceder esse poder. Como todas as perguntas diretas que fizera na vida ao Bobo, eu temia a resposta ao mesmo tempo que ansiava por ela.

“E se eu te disser, tu tratas-me por esse nome?” A sua inflexão disse-me para pesar a minha resposta.

Isso fez-me hesitar. O nome dele era dele, não um nome que eu pudesse divulgar. Mas: “Só em privado. E só se quiseres,” prometi solenemente. Considerava as palavras tão vinculativas como um juramento.

“Ah.” Ele virou-se para me encarar. “Oh, mas eu ia querer,” assegurou-me.

“Então?,” voltei a perguntar. Fiquei subitamente inquieto, certo de que, sem que eu soubesse como, ele voltara a enganar-me.

“O nome que a minha mãe me deu, concedo-to agora para que me trates por ele em privado.” Respirou fundo e voltou a virar-se para o fogo. Fechou de novo os olhos, mas o sorriso alargou-se ainda mais. “Amado. Ela só me chamava ‘Amado.’”

“Bobo!”, protestei.

Ele riu, uma gargalhada profunda e rica de pura satisfação, completamente contente consigo próprio. “Mas é a verdade,” insistiu.

“Bobo, estou a falar a sério.” O quarto começara a rodar lentamente à minha volta. Se não adormecesse depressa ficaria maldisposto.

“E achas que eu não estou?” Soltou um suspiro teatral. “Bem, se não me podes chamar ‘Amado,’ suponho que deverás continuar a chamar-me ‘Bobo.’ Pois eu sou para sempre o Bobo do teu Fitz.”

“Tomé Texugo.”

“O quê?”

“Eu agora sou Tomé Texugo. É como sou conhecido.”

Ele ficou em silêncio por algum tempo. Depois: “Por mim, não,” respondeu com determinação. “Se insistires em que devemos ambos tomar

agora nomes diferentes, então serei *eu* a chamar-te 'Amado.' E sempre que te chamar isso, podes chamar-me 'Bobo.'" Abriu os olhos e rolou a cabeça para olhar para mim. Afetou um sorriso apaixonado, e depois soltou um suspiro exagerado. "Boa noite, Amado. Estivemos separados muito mais tempo do que devíamos."

Capitulei. A conversa era inútil quando ele ficava naqueles estados de espírito. "Boa noite, Bobo." Rolei na cama e fechei os olhos. Se deu alguma resposta, eu já dormia antes de ele a pronunciar.

## CAPÍTULO VI

### Os Anos Calmos



**N**asci bastardo. Os primeiros seis anos da minha vida foram passados no Reino da Montanha com a minha mãe. Não tenho qualquer recordação clara dessa época. Aos seis, o meu avô levou-me para o forte de Olho de Lua, e entregou-me aí ao meu tio paterno, Veracidade Visionário. A revelação da minha existência foi o falhanço pessoal e político que levou o meu pai a renunciar à sua pretensão ao trono Visionário e a retirar-se por completo da vida da corte. A responsabilidade por mim foi inicialmente entregue a Castro, o mestre dos Estábulos de Torre do Cervo. Mais tarde, o Rei Sagaz achou por bem exigir a minha lealdade, e transformar-me em aprendiz do seu assassino de corte. Com a morte de Sagaz, através da traição do filho mais novo, Majestoso, a minha lealdade transferiu-se para o Rei Veracidade. A ele segui e servi até à altura em que testemunhei a transferência da sua vida e essência para o interior de um dragão de pedra esculpida. Assim foi Veracidade-Enquanto-Dragão animado, e assim foram os Seis Ducados salvos das depredações dos Salteadores dos Navios Vermelhos das Ilhas Externas, pois Veracidade-Enquanto-Dragão liderou os velhos dragões dos Antigos na limpeza dos Seis Ducados de invasores. Após esse serviço ao meu rei, ferido de corpo e espírito, afastei-me da corte e da sociedade durante quinze anos. Acreditava que nunca regressaria.

Durante esses anos tentei escrever uma história dos Seis Ducados e um relato da minha vida. Durante esse tempo também obtive e estudei vários pergaminhos e outros escritos sobre uma grande variedade de temas. A dis-

*paridade desses estudos era na verdade um esforço concertado da minha parte para descobrir a verdade. Procurei encontrar e examinar as peças e as forças que tinham determinado que a minha vida decorresse da forma que decorrera. No entanto, quanto mais estudava e quanto mais confiava os meus pensamentos ao papel, mais a verdade se me escapava. O que a vida me mostrou, durante os anos que passei longe do mundo, foi que nenhum homem consegue conhecer o todo de uma verdade. A tudo em que em tempos acreditara sobre as minhas experiências e sobre mim próprio só o tempo dava nova luz. O que parecera claramente iluminado mergulhava nas sombras, e detalhes que eu considerara triviais saltavam para a proeminência.*

*Castro, o mestre dos Estábulos, o homem que me criara, avisara-me em tempos: “Quando cortas bocados duma verdade para evitar parecer tolo, acabas por parecer um idiota.” Descobri que isso é verdade por experiência própria. Mas mesmo sem tentar deliberadamente cortar e deitar fora bocados duma história, anos após fazer um relato completo e justo dum acontecimento um homem pode descobrir-se mentiroso. Tais mentiras não acontecem intencionalmente, mas apenas em virtude dos factos que não eram do seu conhecimento na altura em que escreveu, ou por ser ignorante do significado de acontecimentos triviais. Ninguém fica contente por se descobrir em tais dificuldades, mas qualquer homem que afirme nunca ter passado por elas está apenas a acumular uma mentira em cima das outras.*

*Os meus esforços para escrever uma história dos Seis Ducados foram baseados em relatos orais e nos velhos pergaminhos a que tive acesso. Mesmo ao pôr a pena no papel sabia que podia estar a perpetuar o erro de outro homem, Não me apercebera de que os esforços para contar a minha própria vida podiam estar sujeitos à mesma falha. A verdade, segundo descobri, é uma árvore que cresce à medida que um homem vai ganhando acesso à experiência. Uma criança vê a bolota da sua vida diária, mas um homem quando olha para trás vê o carvalho.*

Nenhum homem pode voltar a ser rapaz. Mas há interlúdios na sua vida em que, durante algum tempo, consegue recuperar a sensação de que o mundo é um sítio clemente e de que ele próprio é imortal. Sempre acreditei que era esta a essência da juventude: acreditar que os erros podem não ser fatais. O Bobo fez com que esse velho otimismo voltasse a surgir em mim, e mesmo o lobo pareceu juvenil e leve durante os dias que ele passou connosco.

O Bobo não se intrometeu nas nossas vidas. Eu não fiz quaisquer adaptações ou ajustes. Ele limitou-se a juntar-se-nos, acertando o seu horário com o nosso e fazendo seu o meu trabalho. Estava invariavelmente acordado antes de mim. Eu acordava e ia encontrar a porta do meu estú-

dio e a do meu quarto abertas, e normalmente a porta exterior também. Da minha cama via-o sentado de pernas cruzadas como um alfaiate na cadeira da secretária. Estava sempre lavado e vestido para enfrentar o dia. A sua roupa elegante desapareceu após esse primeiro dia, substituída por calças e gibões simples, ou pelo conforto noturno dum roupão. No momento em que eu acordava, ele ficava consciente da minha presença, e erguia os olhos para os meus antes de eu falar. Estava sempre a ler, ou os pergaminhos e documentos que eu adquirira diligentemente, ou aqueles compostos por mim. Alguns desses pergaminhos eram as minhas tentativas falhadas de escrever uma história dos Seis Ducados. Outros eram os meus esforços desarticulados para obter sentido da minha vida registando-a em papel. Ele erguia uma sobrancelha perante o facto de eu ter despertado, e depois devolvia cuidadosamente o rolo ao local onde ele se encontrara. Se tivesse decidido fazê-lo, poderia ter-me deixado ignorante da sua análise dos meus diários. Em vez disso, mostrava respeito ao nunca me interrogar a respeito do que lera. Os pensamentos privados que eu entregara ao papel permaneciam privados, os meus segredos selados atrás dos lábios do Bobo.

Entrou sem esforço na minha vida, preenchendo um espaço que eu não entendera estar vazio. Enquanto ficou comigo quase me esqueci de sentir falta de Zar, à parte a ânsia que sentia de mostrar o rapaz ao Bobo. Sei que falava frequentemente dele. Por vezes o Bobo trabalhava a meu lado na horta ou nas reparações do cercado de pedra e madeira para cavalos. Quando me dedicava a uma tarefa para um homem só, como cavar os buracos para os postes das vedações, ele empoleirava-se ali perto e ficava a observar. A nossa conversa nessas alturas era simples, relacionada com a tarefa que tínhamos entre mãos, ou a fácil tagarelice de homens que partilharam a juventude. Se eu tentasse virar a conversa para assuntos sérios, ele afastava as minhas perguntas com brincadeiras. Montámos Malta à vez, pois o Bobo gabava-se de que ela era capaz de saltar qualquer coisa, e uma série de barreiras improvisadas ao longo do meu caminho depressa provou que era verdade. O fogoso cavalinho parecia gostar tanto daquilo como nós.

Após a refeição da noite, por vezes íamos passear pelas falésias, ou descíamos para caminhar pelas praias quando a maré baixava. Na mudança da luz caçávamos coelhos com o lobo, e vínhamos para casa acender um lume na lareira mais para nos animar do que para nos dar calor. O Bobo trouxera mais do que uma garrafa do brande de damasco, e a sua voz era tão boa como sempre. As noites eram o seu momento de cantar, conversar e contar histórias, tão espantosas como engraçadas. Algumas pareciam retiradas das suas aventuras, outras eram claramente apanhadas



pelo caminho. As suas mãos graciosas eram mais articuladas do que as marionetas que em tempos esculpira, e a sua cara móvel conseguia retratar qualquer das personagens das histórias que contava.

Era só nas horas do fim da noite, quando o fogo já se reduzira a brasas e a sua cara era mais sombra do que forma, que ele levava as minhas conversas para onde queria chegar. Nessa primeira noite, numa voz baixa tornada mais melodiosa pelo brande, observou: “Fazes alguma ideia de como foi difícil para mim permitir que a Rapariga-num-Dragão me levasse deixando-te para trás? Tive de acreditar que as rodas estavam em movimento e que sobreviverias. Ir embora a voar e deixar-te lá esticou ao máximo a minha fé em mim próprio.”

“A tua fé em ti próprio?”, perguntei, fingindo-me insultado. “Não tinhas nenhuma fé em mim?” O Bobo estendera as mantas de Zar no chão à frente da lareira, e tínhamos abandonado as cadeiras para nos estendermos no dúbio conforto que daí obtínhamos. O lobo, de focinho apoiado nas patas, dormitava ao meu lado esquerdo enquanto, do lado direito, o Bobo se apoiava aos cotovelos com o queixo assente nas mãos. Fitava o fogo, fazendo oscilar vagamente os pés erguidos.

As últimas chamas do lume dançaram alegremente nos seus olhos. “Em ti? Bem. Direi apenas que fiquei muito reconfortado por teres o lobo a teu lado.”

*E nisso, a sua confiança não foi mal depositada,* observou o lobo com ironia.

*Julgava que estavas a dormir.*

*Estou a tentar.*

A voz do Bobo soou quase sonhadora quando prosseguiu: “Tinhas sobrevivido a todos os acontecimentos cataclísmicos que eu tinha vislumbrado para ti. Portanto abandonei-te, forçando-me a acreditar que estava reservado para ti um período de sossego. Talvez, até, um período de paz.”

“E estava. De certo modo.” Respirei fundo. Quase lhe contei a vigília de morte por Vontade. Quase lhe contei como sondara através de Vontade com a magia do Talento, para por fim ganhar o controlo da mente de Majestoso e introduzir nele a minha vontade. Deixei que o ar que inspirara fosse expirado. Ele não precisava de ouvir isso; eu não precisava de o reviver. “Descobri a paz. Um pouco de cada vez. Aos bocados.” Sorri tola mente de mim para mim. Estranho, as pequenas coisas que se tornam divertidas depois de termos bebido o suficiente.

Dei por mim a falar do ano que passara nas Montanhas. Contei-lhe como tínhamos regressado ao vale onde fluíam as nascentes quentes, e falei-lhe da cabana simples que construíra para me proteger da aproximação do inverno. As estações mudam mais depressa em terreno elevado.

Uma manhã, as folhas da bétula estão com os veios amarelos, e o amieiro ficou vermelho ao chegar a noite. Mais algumas noites e são ramos de dedos nus a estender-se para um céu frio e azul. As árvores de folha perene encolhem-se perante o inverno que aí vem. Então chega a neve, e oculta o mundo num branco clemente.

Falei-lhe de passar os dias a caçar com Olhos-de-Noite como único companheiro. A cura e a paz eram as presas mais fugidias que perseguia. Vivemos simplesmente, como predadores sem lealdades a não ser para conosco. Essa absoluta solidão fora o melhor bálsamo para os ferimentos que sofrera quer no corpo, quer na alma. Tais ferimentos nunca chegam realmente a sarar, mas eu aprendi a viver com as minhas cicatrizes, como Castro aprendera um dia a tolerar a sua perna coxa. Caçávamos veados e coelhos. Acabei por aceitar que morrera, que perdera a vida de todas as formas que importavam. Os ventos de inverno sopraram em volta do nosso pequeno abrigo, e compreendi que Moli já não era minha. Esses dias de inverno foram coisas breves, pausas de sol a brilhar em neve branca e cintilante antes dos longos ocasos de dedos azuis regressarem para atraírem para junto de nós as noites profundas. Aprendi a almofadar a perda com o facto de saber que a minha filhinha cresceria ao abrigo do bom braço direito de Castro, como acontecera comigo.

Tentara livrar-me das recordações de Moli. A dor penetrante de recordar a confiança abusada que em mim depositara era a mais brilhante pedra de um colar reluzente de memórias dolorosas. Por mais que eu sempre tivesse desejado ficar livre dos meus deveres e obrigações, ser libertado desses vínculos foi tanto amputação como emancipação. Enquanto os breves dias do inverno alternaram com as longas noites frias, eu fui enumerando de mim para comigo aquilo que perdera. Aqueles que ainda sabiam que eu estava vivo nem sequer esgotavam os dedos duma mão. O Bobo, a Rainha Kettricken, a menestrel Esporana e, através desses três, Breu: esses eram os quatro que sabiam da minha existência. Mais alguns tinham-me visto vivo, entre os quais Mãos, o mestre dos Estábulos, e um tal Rótulo Salteadores, um guarda, mas as circunstâncias em que se tinham dado esses breves encontros eram tais que era improvável que alguém acreditasse em eventuais histórias sobre a minha sobrevivência.

Todos os outros que me tinham conhecido, incluindo aqueles que mais me amaram, julgavam-me morto. E não podia regressar para provar o seu erro. Fora executado uma vez por praticar a magia da Manha. Não arriscaria uma morte mais completa. Mas mesmo se essa mácula pudesse ser limpa do meu nome, não podia regressar para junto de Castro e Moli. Fazê-lo destruir-nos-ia a todos. Mesmo se Moli fosse capaz de tolerar a minha Magia dos Animais e as muitas vezes que a enganara, como po-

dia qualquer um de nós desenredar o seu casamento subsequente com Castro? Confrontar Castro com a sua usurpação da minha esposa e filha destruí-lo-ia. Seria eu capaz de fundar nisso uma felicidade futura? Sê-lo-ia Moli?

“Tentei reconfortar-me com a ideia de que eles estavam em segurança e felizes.”

“Não conseguias sondar com Talento para te assegurares disso?”

As sombras na sala tinham-se aprofundado e os olhos do Bobo estavam fitos no fogo. Era como se eu contasse a história a mim próprio.

“Podia tentar fazer crer que tinha aprendido a disciplina necessária para os deixar na sua privacidade. Na verdade, creio que temi que ser testemunha de um amor partilhado entre eles me enlouqueceria.”

Observei o fogo enquanto falava desses dias, mas senti que os olhos do Bobo se viraram para mim. Não me virei para ele. Não queria ver ali piedade. Crescera para lá da necessidade de obter a piedade fosse de quem fosse.

“Encontrei a paz,” disse-lhe. “Um pouco de cada vez, mas ela veio ter comigo. Houve uma manhã em que eu e Olhos-de-Noite regressávamos duma caçada à aurora. Tínhamos tido uma boa caçada, e trazíamos uma cabra de montanha que as pesadas neves do inverno tinham empurrado para fora das zonas altas. O monte que descíamos era íngreme, a carcaça estripada era pesada, e a pele da minha cara estava hirta como uma máscara por causa do frio que descia a queimar de um céu limpo e azul. Vi um fino fio de fumo a erguer-se da minha chaminé e, logo depois da minha cabana, o vapor brumoso erguia-se das nascentes quentes que havia por perto. No cume da colina seguinte fiz uma pausa para recuperar o fôlego e endireitar as costas.”

Recordava tudo com tanta clareza. Olhos-de-Noite parara a meu lado, a arquejar pequenas nuvens. Eu tinha envolvido a parte de baixo da cara com a borda do meu manto; agora estava meio congelada com a minha barba. Olhara para baixo sabendo que tínhamos carne para vários dias, que a nossa pequena cabana estava isolada contra a prisão do frio invernal, e que estávamos quase em casa. Apesar de me sentir frio e fatigado, a satisfação era o que me dominava a mente. Içara o animal que abatera para os ombros. *Estamos quase em casa*, dissera a Olhos-de-Noite.

*Quase em casa*, ecoara ele. E na partilha desse pensamento apercebi-me de um significado que nenhuma voz de homem poderia ter nele inculcado. Casa. Uma finalidade. Um lugar de pertença. A humilde cabana era agora um lar, um destino reconfortante onde eu esperava encontrar tudo aquilo de que necessitava. Enquanto permanecera parado a fitá-la sentira uma pontada de consciência como se me tivesse esquecido

de alguma obrigação. Precisei de um momento para compreender o que faltava. A noite inteira passara e eu nem por uma vez pensara em Moli. Para onde tinham ido a saudade e a sensação de perda? Que espécie de tipo fútil seria eu para abandonar esse desgosto e pensar apenas na caçada à alvorada? Deliberadamente, dirigira os pensamentos para o lugar e as pessoas que tinham em tempos estado abrangidos pela palavra CASA.

*Quando me espojo numa coisa morta para reavivar o seu sabor, tu censuras-me.*

Virara-me para olhar Olhos-de-Noite, mas ele recusara o contacto visual. Sentara-se na neve, de orelhas espetadas para a frente na direção da nossa cabana. A brisa desagradável de inverno agitava-lhe a espessa pelagem, mas não conseguia penetrar até à pele.

*Que queres dizer com isso?*, pressionei eu, embora o que ele queria dizer fosse perfeitamente evidente.

*Devias deixar de farejar a carcaça da tua antiga vida, irmão. Podes gostar da dor sem fim. Eu não gosto. Não há vergonha em afastares-te de ossos, Alterador. Por fim, girara a cabeça para me olhar com os seus olhos profundos. E não há nenhuma sabedoria especial em nos ferirmos uma e outra vez. Que lealdade tens tu para com essa dor? Abandoná-la não te diminuirá.*

Depois levantara-se, libertara a pelagem de neve com uma sacudidela e trotara resolutamente pela vertente da colina abaixo. Eu segui-o com mais lentidão.

Por fim, deitei uma olhadela ao Bobo. Ele olhava-me, mas os seus olhos estavam ilegíveis na escuridão. “Acho que esse foi o primeiro bocado de paz que encontrei. Não que reclame qualquer crédito por tê-lo descoberto. Olhos-de-Noite teve de mo fazer notar. É possível que para outro homem fosse óbvio. Deixar as velhas dores em paz. Quando pararem de vir de visita, não as convidar a voltar.”

A sua voz soou muito baixa na sala sombria. “Não há nada de desonroso em abandonar a dor. Às vezes a paz encontra-se mais rapidamente quando um homem simplesmente para de a evitar.” Mexeu-se lentamente na escuridão. “E nunca mais ficaste acordado à noite, a fitar as trevas e a pensar neles.”

Soltei uma suave fungadela. “Isso queria eu. Mas o máximo que posso dizer é que parei de provocar deliberadamente essa melancolia. Quando o verão finalmente chegou e continuámos a viagem, foi como abandonar uma muda de pele.” Deixei que um silêncio se seguisse às minhas palavras.

“Portanto abandonaste as montanhas e voltaste para Cervo.”

Ele sabia que não o fizera; era só o seu pequeno incitamento para me pôr outra vez a falar.

“Logo, não. Olhos-de-Noite não aprovou, mas eu senti que não podia abandonar as montanhas até voltar a percorrer parte da nossa viagem até lá. Voltei à pedreira, ao local onde Veracidade tinha esculpido o seu dragão. Parei nesse local. Era só um sítio plano e nu, rodeado pelas elevadas paredes da pedreira sob um céu cinzento como ardósia. Não havia sinal de tudo o que lá acontecera, só restavam as pilhas de lascas e alguns instrumentos desgastados. Atravessei o sítio do nosso acampamento. Sabia que as tendas caídas e as coisas espalhadas por ali tinham em tempos sido nossas, mas a maior parte delas tinha perdido o seu significado. Eram farrapos a tornar-se cinzentos, ensopados e pendentes. Encontrei algumas coisas que trouxe comigo... as peças do jogo das pedras de Panela, trouxe isso.” Respirei fundo. “E fui até onde Cedoura morreu. O seu corpo estava como o deixámos, transformado em ossos e bocados de pano bolorento. Nenhum animal o tinha perturbado. Não gostam da Estrada do Talento, sabes?”

“Sei,” admitiu ele em voz baixa. Senti que ele tinha caminhado comigo por aquela pedreira abandonada.

“Fiquei durante muito tempo a olhar para aqueles ossos. Tentei lembrar-me de Cedoura como ele tinha sido quando o conheci, mas não consegui. Mas olhar para os seus ossos foi como uma confirmação. Tinha tudo realmente acontecido, e estava tudo realmente acabado. Podia afastar-me dos acontecimentos e do lugar. Agora podia deixar aquilo para trás, e não se levantaria para me seguir.”

Olhos-de-Noite gemeu no sono. Pus-lhe uma mão no flanco, satisfeito por senti-lo tão próximo, tanto do toque como da mente. Ele não aprovara a minha visita à pedreira. Não gostara de viajar ao longo da estrada do Talento, mesmo que a minha capacidade para manter o sentido do eu contra o seu canto de sereia tenha aumentado. Ficara ainda mais descontente quando eu insistira que também tinha de regressar ao Jardim de Pedra.

Ouviu-se um pequeno ruído, o tinido da garrafa a bater na borda do copo quando o Bobo nos serviu mais brande. O seu silêncio era um convite para eu continuar a falar.

“Os dragões tinham regressado para onde os tínhamos encontrado. Visitei-os lá. A floresta ia-os gradualmente recuperando, com erva a brotar, alta, em redor e trepadeiras a crescer por cima deles. Eram tão belos e perturbadores como quando os tínhamos descoberto ali. E igualmente imóveis.”

Tinham aberto buracos no dossel da floresta ao abandonar o sono e erguer-se para combater por Cervo. O regresso não fora mais suave, e assim a luz do sol caía em colunas, penetrando na vegetação luxuriante para

ir dourar os dragões cintilantes. Eu caminhara entre eles e, tal como antes, sentira a agitação fantasmagórica da Manha de vida no interior das estátuas profundamente adormecidas. Descobri o dragão com hastes do Rei Sabedoria; atrevi-me a pousar a mão nua na sua espádua. Senti apenas as escamas finamente esculpidas, frias e duras como a pedra de que tinham sido cinzeladas. Estavam todos lá: o dragão javali, o gato alado, todas as formas tão diversas esculpidas tanto por Antigos como por círculos de Talento.

“Vi lá a Rapariga-num-Dragão.” Sorri para as chamas. “Ela dorme bem. A figura humana está agora deitada para a frente, com os braços a envolver com carinho o pescoço do dragão que continua a montar.” Nela temera tocar; lembrava-me com demasiada clareza da sua fome por memórias, e de como eu a alimentara com as minhas. Talvez temesse de igual modo recuperar o que em tempos lhe dera voluntariamente. Esgueirara-me junto dela em silêncio, mas Olhos-de-Noite passara pela estátua de forma furtiva, de pelo eriçado, mostrando num rosnado todos os dentes brancos que possuía. O lobo sabia o que eu realmente procurava.

“Veracidade,” disse o Bobo em voz baixa, como que a confirmar o pensamento que eu não expressara.

“Veracidade,” concordei. “O meu Rei.” Suspirei e retomei a minha história.

Encontrara-o lá. Quando vira a pele turquesa de Veracidade a cintilar à sombra pintalgada do verão, Olhos-de-Noite sentara-se e enrolara ordenadamente a cauda em volta das patas da frente. Não se aproximaria mais. Eu sentira o silêncio dos seus pensamentos quando ele me concedera cautelosamente a privacidade da minha mente. Aproximara-me devagar de Veracidade-Enquanto-Dragão, com o coração a trovejar na garganta. Ali, num corpo esculpido de Talento e pedra, dormia o homem que fora meu rei. Por ele eu sofrera ferimentos tão graves que tanto o corpo como a mente ostentariam cicatrizes até ao dia da minha morte. Mas quando me aproximara da forma imóvel sentira lágrimas a picar-me os olhos, e conhecera apenas a saudade da sua voz familiar.

“Veracidade?,” perguntara com voz rouca. A minha alma esforçara-se por alcançá-lo, procurando o meu Rei com palavra, Manha e Talento. Não o encontrara. Pousara as mãos na sua espádua fria, encostara a testa àquela forma dura, e voltara a sondar, temerariamente. Então detetara-o, mas fora um vislumbre fino e distante daquilo que ele fora. Era como dizer que se toca o sol quando se aninha uma mancha de luz da floresta na palma da mão. “Veracidade, por favor,” suplicara-lhe, e voltara a sondar com todas as gotas de Talento que existiam em mim.

Quando voltara a mim, estava enrolado ao lado do dragão.

Olhos-de-Noite não se movera de onde se mantinha de vigia. “Ele desapareceu,” dissera-lhe, sem objetivo, sem necessidade. “Veracidade desapareceu.”

Então baixara a cabeça para os joelhos e chorara, fazendo luto pelo meu Rei como não fizera no dia em que o seu corpo humano se sumira para dentro da sua forma de dragão.

Fiz uma pausa na história para limpar a garganta. Bebi um pouco do brande do Bobo. Pousei o copo e descobri o Bobo a olhar para mim. Ele aproximara-se mais para ouvir as minhas palavras roucas, e a luz da fogueira dourava-lhe a pele, mas não conseguia revelar o que estava atrás dos seus olhos.

“Acho que foi então que reconheci por inteiro que a minha vida antiga estava completamente reduzida a cinzas. Se Veracidade tivesse sobrevivido sob qualquer forma que eu pudesse alcançar, se ele ainda existisse para ser meu parceiro no Talento, julgo que uma parte de mim teria querido continuar a ser FitzCavalaria Visionário. Mas ele tinha desaparecido. O fim do meu Rei foi também o meu fim. Quando me levantei e me afastei do Jardim de Pedra, sabia que realmente possuía aquilo por que ansiara durante todos aqueles anos: a possibilidade de determinar por mim próprio quem era, e tempo para viver a minha vida como bem entendesse. Dessa altura em diante, só eu tomaria as minhas decisões.”

Quase, escarneceu o lobo. Ignorei-o para falar com o Bobo. “Parei em mais um sítio antes de abandonarmos as Montanhas. Acho que te vais lembrar dele. O pilar onde te vi mudar.”

Ele anuiu em silêncio e eu continuei a falar.

Quando chegámos ao local em que uma grande pedra de Talento se erguia numa encruzilhada, eu parara, assaltado pela tentação. Recordações submergiram-me. Da primeira vez que ali estivera fora com Esporana e Panela, com o Bobo e a Rainha Kettricken, e ia em busca do Rei Veracidade. Tínhamos parado ali, e num instante de sonho acordado, eu vira a floresta verdejante substituída por um mercado repleto de pessoas. Onde o Bobo se empoleirara num pilar de pedra estava uma mulher, de pele branca e olhos quase sem cor, tal como ele. Nesse outro local e tempo, ela estivera coroada por um aro de madeira esculpido com cabeças de galo e decorado com penas da cauda. Tal como acontecia com o Bobo, as suas palhaçadas chamavam a atenção da multidão. Vislumbrara tudo isso num momento, como se tivesse deitado um breve olhar por uma espécie qualquer de janela de outro mundo. Então, num piscar de olhos, tudo voltara a mudar, e eu vira um Bobo atordoado a cair do seu precário poleiro. E, no entanto, ele parecia ter partilhado essa breve visão de outro tempo e pessoas.

O mistério desse momento fora o que me atraía de volta ao lugar. O monólito negro que presidia ao círculo de pedras mantinha-se inacessível a musgos ou líquenes, e os glifos esculpidos nas suas faces chamavam-me para destinos desconhecidos. Naquele momento já sabia o que aquilo era, ao contrário de quando encontrara pela primeira vez um dos portões de Talento. Rodara-o lentamente. Reconhecera o símbolo que me levaria de volta à pedreira. Outro, tinha quase a certeza, levar-me-ia à cidade deserta dos Antigos. Sem pensar, erguera um dedo para delinear a runa.

Apesar do tamanho, Olhos-de-Noite pode mover-se com rapidez e quase em silêncio. Ele agarrara-me o pulso por entre as mandíbulas ao saltar para se interpor entre mim e o obelisco. Eu caíra com ele, a fim de evitar que os seus dentes me rasgassem a carne. Acabáramos comigo estatelado de costas. Ele mantivera-se em pé, junto mas não propriamente por cima de mim, ainda com o pulso preso nas mandíbulas. *Não vais fazer isso.*

“Não pretendia usar a pedra. Só tocá-la.”

*Não é algo em que se possa confiar. Eu estive dentro do negrume do interior da pedra. Se tivesse de te seguir outra vez até lá para te salvar a vida sabes que o faria. Mas não me peças para te seguir até lá por causa duma curiosidade de cachorrinho.*

*Importavas-te se eu fosse à cidade por um bocadinho, sozinho?*

*Sozinho? Bem sabes que já não existe um verdadeiro “sozinho” para nenhum de nós.*

*Eu deixei-te ir sozinho para experimentares viver durante algum tempo com a alcateia de lobos.*

*Não tem nada a ver com isto, e tu sabes que não tem.*

De facto sabia. Ele largara-me o pulso e eu levantara-me e sacudira-me. Não voltáramos a falar do assunto. Essa é uma das melhores características da Manha. Não há necessidade absolutamente nenhuma de longas e dolorosamente detalhadas discussões para termos a certeza de nos compreendermos uns aos outros. Um dia, anos antes, ele deixara-me para correr o mundo com a sua espécie. Quando regressara, fora com a segurança implícita de que o seu lugar era mais comigo do que com ela. Nos anos que haviam decorrido, tínhamo-nos tornado ainda mais próximos. Como ele em tempos me fizera notar, eu já não era completamente homem nem ele lobo. E tão-pouco éramos realmente entidades separadas. Não se dava ali o caso de ele se sobrepor à minha decisão. Era mais um debate comigo próprio a respeito da sensatez dum dado ato. Mas nesse breve confronto ambos encarámos aquilo em que tínhamos evitado pensar. “O nosso vínculo tornara-se mais profundo e mais complicado. Nenhum de nós tinha a certeza de como lidar com ele.”



O lobo ergueu a cabeça. Os seus profundos olhos fitaram os meus. Partilhámos o receio, mas ele deixou a decisão comigo.

Deveria dizer ao Bobo para onde tínhamos ido de seguida e falar-lhe de tudo o que tínhamos aprendido? Seria a minha experiência entre o povo do Sangue Antigo completamente minha para ser partilhada? Os segredos que eu guardava protegiam muitas vidas. Pessoalmente, estava disposto a pôr com toda a confiança a minha existência inteira nas mãos do Bobo. Mas teria o direito de partilhar segredos que não eram exclusivamente meus?

Não sei como o Bobo interpretou a minha hesitação. Suspeito que a tenha tomado por algo diferente de incerteza.

“Tens razão,” declarou de repente. Ergueu o copo e ingeriu o que restava do brande. Pôs firmemente o copo no chão, depois rodou uma mão graciosa e fê-la parar com um esguio dedo indicador erguido no ar, num gesto que há muito me era familiar. *Espera*, pedia-me.

Como que puxado pelos cordéis dum marionetista, pôs-se fluidamente em pé. A sala estava mergulhada na escuridão, mas ele dirigiu-se sem errar ao alforge. Ouvi-o a remexer lá dentro. Pouco depois, regressou para junto do fogo com um saco de tela. Sentou-se junto a mim, como se estivesse prestes a revelar segredos demasiado íntimos até para serem testemunhados pela escuridão. O saco que tinha ao colo estava gasto e manchado. Ele abriu-o com um puxão no cordel que o fechava, e tirou lá de dentro algo embrulhado num belo pano. Sustive a respiração enquanto ele o desembulhava. Nunca antes vira um tecido tão líquido, nem um desenho tão intrincado feito em cores tão brilhantes. Mesmo à luz atenuada do fogo moribundo, os vermelhos ardiam e os amarelos tremeluziam. Com aquele bocado de tecido, ele poderia ter comprado o favor de qualquer nobre.

Mas aquele pano maravilhoso não era o que queria mostrar-me. Desenrolou-o daquilo que protegia, indiferente ao modo como aquele material glorioso se amarfanhava no chão grosseiro a seu lado. Aproximei-me mais, de respiração sustida, para ver que maravilha maior ele poderia revelar. O último bocado flexível de pano escorregou. Aproximei-me mais, confuso, para ter a certeza daquilo que estava a ver.

“Julguei que tinha sonhado isso,” disse por fim.

“Sonhaste. Sonhámos.”

A coroa de madeira que ele tinha nas mãos mostrava o desgaste dos anos. As penas brilhantes e a tinta que em tempos lhe emprestara cor tinham desaparecido. Era um simples objeto de madeira esculpida, habilmente fabricado, mas austero na sua beleza.

“Mandaste-a fazer?,” supus.

“Encontrei-a,” retorquiu ele. Respirou fundo, e depois acrescentou com uma voz trémula: “Ou talvez tenha sido ela que me encontrou a mim.”

Esperei que dissesse mais alguma coisa, mas ele não o fez. Estendi uma mão para lhe tocar, e ele fez um minúsculo movimento como que para a guardar para si. Um instante mais tarde, cedeu. Estendeu-me a coroa. Ao tomá-la nas mãos apercebi-me de que, ao partilhar aquilo, me estava a oferecer muito mais de si próprio, até mais do que na partilha do cavalo. Virei aquela coisa antiga nas mãos, descobrindo vestígios de tinta brilhante ainda encurralados nos traços esculpidos das cabeças de galo. Duas das cabeças ainda possuíam pedras preciosas nos olhos que pareciam piscar. Buracos na borda da coroa indicavam os locais onde cada uma das penas teria sido colocada. Não conhecia a madeira de que fora esculpida. Leve mas forte, parecia murmurar de encontro aos meus dedos, sibilando segredos numa língua que eu não conhecia.

Estendi-lha. “Põe-na na cabeça,” disse eu em voz baixa.

Ele pegou na coroa. Vi-o a engolir em seco. “Tens a certeza?”, perguntou-me em voz baixa. “Já experimentei pô-la na cabeça, admito. Nada aconteceu. Mas com ambos aqui, o Profeta Branco e o seu Catalizador... Fitz, podemos estar a induzir uma magia que nenhum de nós compreende. Uma e outra vez perscrutei a memória, mas em nenhuma profecia que me tenha sido ensinada encontrei menção a esta coroa. Não faço ideia do que ela significa, ou sequer se significa alguma coisa. Tu lembras-te da visão que tiveste de mim; eu tenho dela só a mais nebulosa das recordações, como a borboleta dum sonho, demasiado frágil para voltar a capturar, mas maravilhosa no seu voo.”

Eu nada disse. As mãos dele, tão douradas como em tempos tinham sido brancas, seguravam a coroa na sua frente. Em silêncio desafiámo-nos, com a curiosidade em guerra com a cautela. Um sorriso lento e temerário espalhou-se pela cara dele. Fora assim, lembrei-me de súbito, que ele sorrisse na noite em que pousara os dedos Talentosos sobre a carne esculpida da Rapariga-num-Dragão. Recordando a agonia que causáramos inadvertidamente, passei por um repentino momento de apreensão. Mas antes de ter tempo para falar, ele ergueu a coroa no ar e pousou-a na cabeça. Sustive a respiração.

Nada aconteceu.

Fiquei a fitá-lo, dilacerado entre o alívio e a desilusão. Por um instante, o silêncio perdurou entre nós. Depois ele soltou um risinho abafado. Num instante o riso jorrou de ambos. A tensão desfez-se e rimo-nos os dois até que as lágrimas nos escorreram pela cara abaixo. Quando o acesso de riso se acalmou, olhei para o Bobo, ainda coroadado de madeira, ainda meu amigo como sempre fora. Limpava lágrimas dos olhos.

“Sabes? No mês passado o meu galo perdeu a maior parte da cauda numa briga com uma doninha. O Zar recolheu as penas. Experimentamo-las na coroa?”

Ele tirou-a da cabeça e olhou-a com uma pena fingida. “Amanhã, talvez. E talvez roube também um pouco das tuas tintas e volte a fazer as cores. Lembras-te de todas?”

Encolhi os ombros. “Eu confiaria no teu olho para isso, Bobo. Sempre tiveste queda para essas coisas.”

Ele fez uma vénia, com solene exagero, ao meu elogio. Puxou o tecido do chão e pôs-se a embrulhar a coroa. O fogo já pouco passava de brasas, deitando um brilho avermelhado sobre ambos. Olhei-o por um longo momento. Com aquela luz, eu conseguia fingir que a sua cor não mudara, que ele era o bobo de pele branca da minha infância e, portanto, que eu era ainda tão novo como ele. Ele deitou-me uma mirada, apanhou os meus olhos postos nele e fitou-me de volta, com uma estranha avidez no rosto. O seu olhar era tão intenso que eu afastei os olhos. Um momento mais tarde, falou.

“Bom. E depois das Montanhas foste para...?”

Peguei no copo de brande. Estava vazio. Perguntei a mim próprio quanto teria bebido, e de súbito compreendi que fora mais do que o suficiente para uma noite. “Amanhã, Bobo. Amanhã. Dá-me uma noite para dormir sobre o assunto e pensar na melhor maneira de to contar.”

Uma mão de longos dedos fechou-se de súbito em volta do meu pulso. Como sempre, senti a sua pele fria contra a minha. “Pensa, Fitz. Mas enquanto pensas, não te esqueças...” As palavras pareceram faltar-lhe de súbito. Os seus olhos voltaram a fitar os meus. O tom de voz transformou-se numa calma súplica. “Conta-me tudo o que possas, em boa consciência. Pois eu nunca sei o que preciso de ouvir até que o ouça.”

Uma vez mais, o fervor do seu olhar enervou-me. “Enigmas,” trocei, tentando falar com leveza. Mas em vez disso, a palavra pareceu soar como uma confirmação em si mesma.

“Enigmas,” concordou ele. “Enigmas para os quais nós somos as respostas, se ao menos conseguirmos descobrir as perguntas.” Ele olhou para a mão que me agarrava o pulso, e libertou-me. Levantou-se de repente, gracioso como um gato. Espreguiçou-se, uma contorção sinuosa em que parecia desprender os ossos das articulações e voltar a ligar-se. Baixou afetuosamente os olhos para mim. “Vai para a cama, Fitz,” disse-me como se eu fosse uma criança. “Descansa enquanto podes. Preciso de ficar acordado mais um pouco e pensar. Se conseguir. O brande subiu-me bastante à cabeça.”

“O meu também,” concordei. Ele ofereceu-me uma mão e eu aceitei-a. Pôs-me facilmente em pé, com uma força que era, como sempre,

surpreendente em alguém de constituição tão franzina. Dei um passo cambaleante para o lado, e ele deslocou-se comigo, após o que me pegou no cotovelo, endireitando-me. “Quereis dançar?”, brinquei debilmente enquanto ele me equilibrava.

“Já estamos a dançar,” respondeu ele, quase a sério. Como quem se despede dum parceiro de dança, pantomimou uma vénia cortês sobre a minha mão enquanto eu retirava os dedos dos seus. “Sonha comigo,” acrescentou em tom melodramático.

“Boa noite,” respondi, recusando-me estoicamente a ser espicaçado. Quando me dirigi para a cama, o lobo levantou-se com um gemido e seguiu-me. Raramente dormia a mais de um braço de distância de mim. No quarto, deixei cair a roupa onde bem lhe aprouvesse antes de vestir uma camisa de dormir e cair na cama. O lobo já encontrara o seu lugar no chão frio ao lado da cama. Fechei os olhos e deixei cair o braço para que os dedos lhe roçassem na pelagem.

“Dorme bem, Fitz,” disse o Bobo. Abri uma nesga dos olhos. Ele reocupara a cadeira junto do fogo moribundo e sorria-me através da porta aberta do meu quarto. “Eu fico de vigia,” disse, com dramatismo. Abanei a cabeça àquela tolice e sacudi uma mão na sua direção. O sono engoliu-me.

## *Coração dum Lobo*



*Um dos mal-entendidos mais básicos acerca da Manha afirma que se trata de um poder concedido a um ser humano e que pode ser imposto a um animal. Quase todas as histórias exemplares que se ouvem sobre a Manha envolvem uma pessoa maligna que usa o seu poder sobre os animais terrestres ou as aves para fazer mal aos seus vizinhos humanos. Em muitas dessas histórias, o destino justo do malvado mago é ter os seus servos animais a revoltarem-se contra ele para o rebaixarem ao seu nível, expondo-o assim perante aqueles a quem fez mal.*

*A realidade é que a magia da Manha é um território que pertence tanto aos animais como aos seres humanos. Nem todos os seres humanos demonstram a capacidade de criar o vínculo especial com um animal que está no cerne da Manha. De igual modo, nem todos os animais têm a completa capacidade para formar vínculos desses. Entre as criaturas que possuem a capacidade, são em número ainda mais reduzido as que desejam ter um tal vínculo com um ser humano. Para que o vínculo se forme, tem de ser mútuo e igual entre os parceiros. Entre as famílias Manhosas, quando o jovem chega à idade adulta é enviado numa espécie de demanda para procurar um companheiro animal. Ele não parte, escolhe um animal capaz e submete-o à sua vontade. Pelo contrário, o que se espera é que o ser humano encontre uma criatura semelhante na forma de ser e pensar, selvagem ou doméstica, que esteja interessada em estabelecer um vínculo de Manha. Simplificando, para que um vínculo de Manha se estabeleça o animal tem de ser tão dotado como o ser*

*humano. Embora um humano Manhoso possa conseguir alguma espécie de comunicação com quase qualquer animal, nenhum vínculo será formado a não ser que o animal possua talento e inclinações semelhantes.*

*No entanto, em qualquer relação existe sempre a possibilidade de abuso. Tal como um marido pode bater na mulher, ou a mulher rebaixar a alma do marido com aviltamentos, assim também um ser humano pode dominar o seu parceiro de Manhã. A forma mais comum deste fenómeno talvez seja quando um humano Manhoso seleciona um parceiro animal numa altura em que a criatura é demasiado nova para se aperceber da magnitude dessa decisão de vida. São mais raros os casos em que os animais aviltam ou subjuguam o seu parceiro de vínculo, mas não são desconhecidos. Entre o Sangue Antigo diz-se que a conhecida balada do Cinzentes Errante deriva de uma história sobre um homem tão tolo que se vinculou a um ganso selvagem e passou o resto da vida a seguir as estações como fazia a sua ave.*

— “HISTÓRIAS DO SANGUE ANTIGO”, DE TEXUGO

**A** manhã chegou, demasiado brilhante e madrugadora, no terceiro dia da visita do Bobo. Ele acordou antes de mim e se o brande ou a noitada tinham algumas consequências nele, ele não as traía. O dia já prometia ser quente, portanto tínhamos mantido o fogo para cozinhar, brando o suficiente para ferver uma panela de papas de aveia. Lá fora, pus as galinhas na rua para lá passarem o dia e levei o pônei e o cavalo do Bobo até uma colina sem árvores virada para o mar. Soltei o pônei mas prendi Malta. A égua deitou-me um olhar de censura por causa disso, mas pôs-se a pastar como se a erva irregular fosse precisamente aquilo que desejava. Fiquei parado durante algum tempo, a olhar o mar calmo. Sob o sol brilhante da manhã parecia metal azul martelado. Uma brisa muito ligeira soprava do mar e agitava-me o cabelo. Senti-me como se alguém me tivesse dito palavras em voz alta e fiz-lhes eco. “Tempo para uma mudança.”

*Um tempo de mudança*, ecoou o lobo em resposta. E, no entanto, isso não era bem o que eu dissera, mas parecia mais verdadeiro. Espreguei-me, fazendo rolar os ombros, e deixando que o vento ligeiro me levasse para longe a dor de cabeça. Olhei para as mãos que estendi na minha frente, e depois fitei-as com atenção. Eram as mãos de um agricultor, duras e calejadas, manchadas pela terra e pelo tempo. Cocei a cara hirsuta; havia dias em que não tinha o cuidado de me barbear. A minha roupa estava limpa e utilizável, mas, tal como as mãos, estava manchada com as marcas do meu trabalho diário, e além disso também estava remendada. Tudo o

que parecera confortável e estável um momento antes pareceu de repente um disfarce, uma máscara posta para me proteger durante os meus calmos anos de descanso. De repente ansiei por me soltar da minha vida e me tornar, não o Fitz que fora, mas o Fitz que podia ter sido se não tivesse morrido para o mundo. Um estranho arrepio sacudiu-me. Lembrei-me, de súbito, de uma manhã de verão na minha infância em que observara uma borboleta a torcer-se e a arrancar-se da crisálida. Teria sentido aquilo, teria sentido que a imobilidade e translucência que a haviam envolvido e protegido se tinham tornado de repente demasiado limitadoras para que as pudesse suportar?

Inspirei profundamente e sustive a respiração, após o que soltei o ar com um suspiro. Esperava que o meu súbito descontentamento se dispersasse com o ar, e foi o que aconteceu em grande parte. Mas não a todo. Um tempo de mudança, dissera o lobo. “Bom. Então vamos mudar para quê?”

*Tu? Não sei. Só sei que mudas, e às vezes isso assusta-me. Quanto a mim, a mudança é mais simples. Fico velho.*

Deitei um olhar ao lobo. “Também eu,” fiz notar.

*Não. Não ficas velho. Envelheces, mas não estás a ficar velho como eu estou a ficar velho. Isto é verdade e ambos o sabemos.*

Parecia não fazer grande sentido negá-lo. “E daí?”, desafiei-o, mascarando com fanfarronice a minha súbita inquietação.

*E daí que nos aproximamos dum momento de decisão. E deve ser algo que decidimos, não algo que deixamos que nos aconteça. Acho que tu devias contar ao Bobo o tempo que passámos entre o Sangue Antigo. Não porque ele vá ou possa decidir por nós, mas porque ambos pensamos melhor quando partilhamos ideias com ele.*

Aquilo era um pensamento cuidadosamente estruturado vindo do lobo, um raciocínio quase demasiado humano proveniente da parte de mim que corria em quatro patas. Caí subitamente sobre um Joelho, a seu lado, e atirei os braços em volta do seu pescoço. Assustado por nenhum motivo a que me atrevesse a dar nome, abracei-o com força, como se pudesse puxá-lo para dentro do meu peito e guardá-lo aí para sempre. Ele tolerou o abraço por um momento, mas depois atirou a cabeça para baixo e libertou-se de mim. Saltou para longe, depois parou. Sacudiu-se todo para compor a pelagem esguedelhada, após o que perdeu os olhos sobre o mar como se estivesse a examinar um novo terreno de caça. Enchi os pulmões de ar e falei. “Eu conto-lhe. Esta noite.”

Ele deitou-me um olhar por cima da espádua, com o focinho baixo e as orelhas para a frente. Tinha os olhos luminosos. Um resto da sua antiga travessura dançava neles. *Eu sei que lhe contas, irmãozinho. Não tenhas medo.*

Depois, num salto gracioso que negava os seus anos de cão, precipitou-se para longe de mim e transformou-se numa risca cinzenta que desapareceu de súbito entre os arbustos raquíticos e os tufos de ervas que cresciam na suave encosta. Os meus olhos não o conseguiram encontrar, engenhoso como ele era, mas o coração foi com ele como sempre ia. O meu coração, disse eu a mim próprio, seria sempre capaz de o encontrar, encontraria sempre um lugar onde ainda nos tocávamos e fundíamos. Enviei o pensamento atrás dele, mas Olhos-de-Noite não lhe respondeu.

Regressei a casa. Recolhi os ovos do dia no galinheiro e levei-os para dentro. O Bobo cozeu ovos nas brasas da lareira enquanto eu fazia chá. Levámos a comida para o exterior, para a manhã azul, e o Bobo e eu tomámos o pequeno-almoço sentados no alpendre. O vento que vinha da água não chegava ao meu pequeno vale. As folhas das árvores pendiam, imóveis. Só as galinhas cacarejavam e esgravatavam no pátio poeirento. Só me apercebi de como o silêncio se prolongara quando o Bobo o interrompeu. “Isto aqui é agradável,” observou, indicando com a colher as árvores que nos rodeavam. “O ribeiro, a floresta, as falésias próximas. Consigo perceber porque preferes este sítio a Torre do Cervo.”

Ele sempre tivera jeito para me pôr os pensamentos de pernas para o ar. “Não tenho a certeza se prefiro,” respondi lentamente. “Nunca pensei em comparar os dois lugares e depois escolher onde preferia viver. Da primeira vez que passei aqui um inverno foi porque fomos apanhados por uma tempestade violenta e, ao procurarmos abrigo debaixo das árvores, encontrámos um velho caminho para carroças. Levou-nos até uma casa de campo abandonada — esta — e entrámos.” Encolhi um ombro. “Estamos aqui desde essa altura.”

Ele ergueu a cabeça para mim. “Portanto, com todo o vasto mundo para escolher, não escolheste de todo. Simplesmente paraste um dia de vaguear.”

“Suponho que sim.” Quase travei as palavras seguintes que me vieram aos lábios, pois pareciam não ter qualquer relação com o tema. “Forja fica logo ali à frente, pela estrada.”

“E atraiu-te para aqui?”

“Não me parece. Voltei à vila, para ver as ruínas e recordar o que aconteceu. Agora ninguém lá vive. Normalmente, num lugar como aquele, as pessoas teriam ido revolver as ruínas. Em Forja não.”

“Há demasiadas más recordações associadas a esse lugar,” confirmou o Bobo. “Forja foi só o princípio, mas é dela que as pessoas melhor se lembram, e deu o nome ao flagelo que se seguiu. Pergunto a mim próprio quantas pessoas foram forjadas ao todo.”



Remexi-me desconfortavelmente, após o que me levantei para levar para dentro o prato vazio do Bobo. Não gostava de recordar esses dias, mesmo depois de tanto tempo passado. Os Navios Vermelhos tinham assolado as nossas costas durante anos, roubando a nossa riqueza. Fora só quando começaram a roubar a humanidade do nosso povo que viráramos toda a nossa fúria contra eles. Tinham dado início a essa perversidade em Forja, raptando pessoas da aldeia e devolvendo-as às famílias como monstros sem alma. Em tempos, fora meu dever localizar e matar Forjados; uma das muitas tarefas discretas e desagradáveis do assassino do rei. Mas isso fora anos antes, disse a mim próprio. Esse Fitz já não existia. “Isso foi há muito tempo,” fiz lembrar ao Bobo. “Agora está feito e arrumado.”

“É o que alguns dizem. Outros discordam. Alguns ainda se agarram ao ódio pelos ilhéus e dizem que até os dragões que lhes mandámos foram demasiado misericordiosos. Outros, claro, dizem que devíamos deitar isso para trás das costas, visto que os Seis Ducados e os ilhéus sempre alternaram entre guerra e comércio. A caminho daqui dizia-se nas tabernas que a Rainha Kettricken procura comprar a paz e uma aliança comercial com os ilhéus. Ouvi dizer que quer casar o príncipe Respeitador com uma narcheska das Ilhas Externas, para cimentar o tratado que propôs.”

“Narcheska?”

Ele levantou as sobrancelhas. “Uma espécie de princesa, suponho. No mínimo uma filha de algum nobre poderoso.”

“Bem. Enfim.” Tentei não mostrar como aquela novidade me perturbava. “Não será a primeira vez que a diplomacia é afiançada dessa maneira. Pensa no modo como Kettricken se tornou esposa de Veracidade. Confirmar a nossa aliança com o Reino da Montanha era o objetivo desse casamento. Mas acabou por ser muito mais do que isso.”

“Acabou, de facto,” respondeu o Bobo em anuência, mas as suas palavras neutras deixaram-me a pensar.

Levei as tigelas para dentro e lavei-as. Perguntei a mim próprio como se sentiria Respeitador quanto a ser usado como moeda de troca para garantir um tratado, mas afastei o pensamento da cabeça. Kettricken tê-lo-ia educado à maneira da Montanha, de modo a crer que o governante era sempre o servo do povo. O cumpridor seria, bem, cumpridor, disse eu a mim próprio. Sem dúvida que aceitaria o facto sem questioná-lo, tal como Kettricken aceitara o seu casamento combinado com Veracidade. Reparei que o barril da água já estava quase vazio. O Bobo sempre fora entusiástico com os seus banhos e escovadelas, usando o triplo da água de qualquer outro homem que eu conhecia. Peguei nos baldes e voltei lá para fora. “Vou buscar mais água.”

Ele pôs-se em pé com um salto ágil. “Vou contigo.”

E assim seguiu-me pelo caminho pintalgado de sombras que levava ao ribeiro, e ao lugar que eu cavara e delimitara com pedras para poder encher os baldes com mais facilidade. Ele aproveitou a oportunidade para lavar as mãos, e para beber longamente da água doce e fria. Quando se endireitou, olhou em volta de repente. “Onde está Olhos-de-Noite?”

Levantei-me com os baldes, equilibrando o peso de um com o do outro. “Oh, ele gosta de ir dar uma volta sozinho de vez em quando. Ele..”

A dor trespassou-me. Deixei cair os baldes cheios até à borda, e agarrei-me à garganta por um instante antes de me aperceber de que o desconforto não era meu. O olhar do Bobo cruzou-se com o meu, com a pele dourada subitamente macilenta. Julgo que ele sentiu uma sombra do meu medo. Sondei em busca de Olhos-de-Noite, encontrei-o, e desatei a correr.

Não segui qualquer caminho através da floresta, e a vegetação rasteira prendeu-me, tentando barrar a minha fuga precipitada. Atravessei-a com estrépito, indiferente à roupa e à pele. O lobo não conseguia respirar; os seus arquejos torturados provocavam a ingestão frenética de ar pelo meu corpo. Lutei para evitar que o pânico dele se tornasse meu. Puxei pela faca enquanto corria, pronto para qualquer inimigo que o tivesse atacado. Mas quando saí de entre as árvores e penetrei na clareira que havia junto da lagoa dos castores, vi-o a contorcer-se sozinho junto à margem. Com uma pata arranhava a boca; tinha as maxilas escancaradas. Metade de um grande peixe jazia na margem pedregosa a seu lado. Ele recuava aos sacões e aos círculos, abanando a cabeça dum lado para o outro, tentando desalojar o que o sufocava.

Deixei-me cair de joelhos a seu lado. “Não lutes comigo!”, supliquei-lhe, mas não me parece que ele estivesse em condições de me dar ouvidos. Um pânico rubro ensopava-lhe os pensamentos. Tentei pôr um braço em volta dele para o equilibrar, mas ele atirou-se para longe de mim. Abanava a cabeça violentamente, mas não conseguia limpar a garganta. Lancei-me para cima dele, atirando-o ao chão. Aterrei-lhe sobre as costas, e inadvertidamente acabei por lhe salvar a vida. A pressão do meu corpo no seu peito empurrou para a boca o peixe que lhe estava a obstruir a garganta. Indiferente aos seus dentes, enfiei-lhe uma mão na boca e puxei o peixe para fora. Atirei-o para longe de nós. Senti Olhos-de-Noite a encher com dificuldade os pulmões de ar. Tirei o corpo de cima do dele. Ele pôs-se cambaleantemente de pé. Eu sentia que não tinha forças para me erguer.

“A sufocar com peixe!”, exclamei, abalado. “Já devia estar à espera! A ver se isto te ensina a não seres tão ganancioso com a glotonice.”

Respirei fundo, também eu, inexprimivelmente aliviado. No entanto, o alívio foi breve. O lobo pôs-se em pé, deu dois passos trôpegos, após o

que caiu ao chão como coisa quebrada. Já não estava a sufocar, mas a dor brotava, pesada, de dentro dele.

“Que se passa? O que é que ele tem?”, perguntou o Bobo atrás de mim. Eu nem sequer reparara que ele me seguira. Agora não tinha tempo para ele. Gatinhei até ao meu companheiro. Temeroso, pus-lhe uma mão em cima, e senti esse toque amplificar o nosso vínculo. A dor apertava-o no interior profundo do peito. Doía tanto que mal conseguia respirar. O coração trovejava-lhe aos ouvidos, com batimentos irregulares. As suas pálpebras abertas revelavam apenas os olhos revirados. A língua projetava-se-lhe, sem força, da boca.

“Olhos-de-Noite! Irmão!” Gritei as palavras, mas sabia que ele mal as ouvia. Sondei à sua procura, insuflando-lhe força com a força da minha vontade, e senti algo de inacreditável. Ele fugia-me. Afastava-se da minha sondagem, recusando, tanto quanto a fraqueza lho permitia, a ligação que partilháramos durante tanto tempo. Enquanto ele escondia os pensamentos, senti-o a escorregar para longe de mim, para o interior duma sombra cinzenta em que eu não conseguia penetrar.

Era intolerável.

“Não!”, uivei, e atirei a minha consciência atrás da dele. Quando não consegui fazer com que essa barreira cinzenta cedesse à minha Manha, usei o Talento nela, usando instintiva e imprudentemente todas as magias que possuía para o alcançar. E foi o que fiz. De súbito estava com o lobo, com a consciência entrelaçada na dele duma maneira que nunca antes experimentara. O seu corpo era meu.

Muitos anos antes, quando Majestoso me matara, eu fugira do casco espancado da minha carne e encontrara abrigo dentro de Olhos-de-Noite. Partilhara residência com o lobo no seu corpo, apercebendo-me dos seus pensamentos, vendo o mundo através dos seus olhos. Andara com ele, um passageiro na sua vida. A seu tempo, Castro e Breu tinham-nos chamado de volta ao local em que eu estava sepultado, e haviam-me devolvido à minha carne fria.

Aquilo não era a mesma coisa. Não. Agora tornara meu o corpo dele, sobrepondo a minha consciência humana à sua condição de lobo. Instalei-me nele e introduzi à força calma na sua luta frenética. Ignorei o seu desagrado com o que estava a fazer; era necessário, disse-lhe. Se não fizesse aquilo, ele morreria. Parou de resistir-me, mas não foi uma concessão. Foi, pelo contrário, como se abandonasse com desdém aquilo que eu lhe tirara. Preocupar-me-ia com isso mais tarde. Ofendê-lo era a menor das minhas preocupações. Era estranho estar assim no seu corpo, como se vestisse a roupa de outro homem. Estava consciente de cada bocado dele, das garras à ponta da cauda. O ar jorrava de forma estranha por cima da

minha língua e mesmo naquela aflição os cheiros do dia falavam comigo numa forma penetrante. Conseguia cheirar o suor da minha identidade enquanto Fitz, ali perto, e estava vagamente consciente de o Bobo estar acororado junto a esse corpo, sacudindo-o. Agora não tinha tempo para isso. Descobrira a origem da dor daquele corpo. Centrava-se no trémulo coração. O ato de forçar o lobo à calma já ajudara até certo ponto, mas a batida mutilada e irregular do seu sangue fazia prever que algo estava violentamente errado.

Olhar para uma cave é muito diferente de descer para dentro numa e olhar em volta. Esta é uma fraca explicação, mas é a melhor que consigo dar. Ao sentir o coração do lobo, de súbito *transformei-me* no coração do lobo. Não sei como o fiz; foi como se me encostasse desesperadamente a uma porta trancada, sabendo que a minha salvação se encontrava do outro lado, e essa porta cedesse de repente. Transformei-me no seu coração e soube qual era a minha função naquele corpo, e soube também que a função estava dificultada. O músculo reduzira-se com a idade e cansara-se. Enquanto coração, equilibrei-me e procurei debilmente alcançar uma batida mais regular. Quando o consegui, a pressão da dor atenuou-se e atirei-me ao trabalho.

Olhos-de-Noite retirara para um qualquer canto distante da nossa consciência. Deixei-o aí a amuar, concentrando-me apenas no que tinha de fazer. A que posso eu comparar o que fiz? A tecer? A construir uma parede de tijolo? Talvez fosse mais semelhante a coser o calcanhar esburacado numa meia. Sentia que estava a construir, ou melhor, a reconstruir, aquilo que enfraquecera. Também sabia que não era eu, Fitz, que estava a fazer aquilo, mas que, enquanto parte do corpo do lobo, guiava esse corpo numa dança familiar. Com a minha concentração, executava aquela tarefa mais rapidamente. Era só isso, disse a mim próprio, apreensivo; mas sentia que, algures, alguém teria de pagar por aquela aceleração do trabalho do corpo.

Quando senti que o trabalho estava completo, recuei. Já não era “coração”, mas sentia com orgulho a sua nova força e ritmo. No entanto, com essa consciência veio um súbito sobressalto de medo. Não estava no meu corpo; não fazia a mínima ideia do que estivera a acontecer ao meu corpo durante o tempo que passara no interior de Olhos-de-Noite. Não tinha qualquer noção de quanto tempo passara. Perplexo, sondei em busca de Olhos-de-Noite, mas ele manteve-se à parte de mim.

*Só fiz isto para te ajudar*, protestei.

Ele manteve-se em silêncio. Não conseguia distinguir os seus pensamentos com clareza, mas as suas emoções eram evidentes. Nunca o vira tão insultado e afrontado.

*Então está bem, disse-lhe, gélido. Como queiras. Zangado, retirei-me.*

Ou pelo menos tentei retirar-me. De súbito, tudo ficou muito confuso. Eu sabia que tinha de ir para algum sítio, mas “algum sítio” e “ir” não eram conceitos que parecessem aplicar-se. Aquilo fez-me lembrar até certo ponto a sensação de ser apanhado sem estar preparado pela corrente total do Talento. Esse rio de magia podia fazer em fiapos o eu de um utilizador inexperiente, podia desenrolar um homem pelas águas da consciência até não lhe restar qualquer consciência de si próprio. Aquilo era diferente, pois não me sentia disperso e em farrapos, mas sim encurralado num emaranhado de mim, a flutuar na corrente, sem nada a que ancorar-me exceto o corpo de Olhos-de-Noite. Conseguia ouvir o Bobo a chamar pelo meu nome, mas isso não me ajudava em nada, pois ouvia a sua voz com os ouvidos de Olhos-de-Noite.

*Vês?, observou o lobo com tristeza. Vês o que nos fizeste? Tentei avisar-te, tentei manter-te de fora.*

*Eu posso corrigir isto, asseverei com convicção. Ambos sabíamos que não estava tanto a mentir como a esforçar-me freneticamente para que esse meu pensamento fosse verdadeiro.*

Divorciei-me do corpo dele. Desisti dos seus sentidos, recusei o tato, a visão e a audição, neguei a poeira na minha língua e o odor do meu corpo próximo. Puxei a minha consciência para longe da dele, mas depois fiquei ali a flutuar, suspenso. Não sabia como regressar ao meu próprio corpo.

Então senti uma coisa, um minúsculo puxão, mais pequeno do que o que sentiria se alguém me tivesse arrancado um fio da camisa. Tentava alcançar-me, estendendo-se para mim vindo do meu verdadeiro corpo. Segurá-lo foi como tentar agarrar um raio de sol. Lutei violentamente por pegar-lhe, após o que voltei a depositar-me no meu eu informe, sentindo que as minhas tentativas para agarrar essa ténue projeção só a dispersaram. Mantive a consciência imóvel e pequena, à espera como um gato junto a um buraco de rato. O puxão voltou a surgir, ténue como o luar a brilhar através de folhas. Forcei-me a manter-me imóvel, forcei-me à calma enquanto deixava que ele me encontrasse. Como um fino fio de ouro, ele acabou por tocar-me. Sondou-me e quando se certificou de mim, debicou-me, puxando-me às sacudidelas para si. O puxão era insistente, mas não tinha mais força do que um cabelo. Eu nada podia fazer para o ajudar sem o destruir. Em vez disso, tinha de me manter suspenso, temendo que a ligação se quebrasse, enquanto ele me puxava hesitantemente para longe do lobo e em direção a si. Puxou-me mais depressa, e de súbito consegui fluir por iniciativa própria.

De repente reconheci a exígua forma do meu próprio corpo. Despejei-me para dentro de mim próprio, horrorizado com o modo como o

confinamento físico da minha alma se tornara frio e rígido. Os meus olhos estavam pegajosos e secos de estarem abertos e sem pestanejar. A princípio, não consegui ver nada. E também não consegui falar, pois a boca e a garganta tinham também secado até parecerem couro. Tentei rolar sobre mim próprio, mas tinha os músculos contraídos e inflexíveis. Não consegui fazer mais do que contorcer-me debilmente. Mas até a dor era uma bênção, pois era minha, era a sensação da minha própria carne a ligar-se à minha mente. Soltei um gemido rouco de alívio.

As mãos em taça do Bobo derramaram-me um fio de água sobre os lábios e depois pela garganta abaixo. A visão voltou-me, a princípio enevoada, mas suficiente para revelar que o sol já passara do meio-dia. Estivera horas fora do meu corpo. Passado algum tempo consegui sentar-me. Estendi imediatamente uma mão para Olhos-de-Noite. Ele ainda estava deitado a meu lado. Não dormia. O seu estado de inconsciência era mais profundo do que isso. Ao tocá-lo, consegui senti-lo como um minúsculo grão de consciência, profundamente enterrado. Senti o latejar estável das suas pulsações e experimentei uma imensa satisfação. Espicacei suavemente a sua consciência.

*Vai-te embora!* Ele ainda estava zangado comigo. Não consegui importar-me com isso. Os seus pulmões funcionavam, o seu coração batia agora regularmente. Exausto como estava, desorientado como eu estava, mesmo assim tudo valera a pena se a sua vida fora salva.

Algum tempo mais tarde localizei o Bobo. Estava ajoelhado a meu lado, com os braços em volta dos meus ombros. Eu não estivera consciente de o ter a apoiar-me. Fiz oscilar a cabeça para o olhar. A sua cara estava descaída de fadiga e tinha a testa enrugada de dor, mas consegui fazer um sorriso maroto. “Não sabia se conseguiria fazê-lo. Mas foi a única coisa que consegui imaginar que poderia tentar.”

Após alguns momentos as suas palavras fizeram sentido para mim. Baixei o olhar para o meu pulso. As suas dedadas estavam aí renovadas; não prateadas como da primeira vez que ele me tocara com Talento, mas de um tom de cinzento mais escuro do que já estavam há algum tempo. A linha de consciência que nos ligava tornara-se um fio mais forte. Fiquei horrorizado com o que ele fizera.

“Obrigado. Suponho.” Proferi as palavras de um modo pouco agradável. Sentia-me invadido. Sentia-me melindrado por ele me ter tocado daquela maneira, sem o meu consentimento. Era infantil, mas naquele momento não tinha forças para ultrapassar esse sentimento.

Ele riu-se alto, mas eu ouvi o fundo de histeria que havia na gargalhada. “Não me pareceu que gostasses. No entanto, meu amigo, não consegui evitar. Tinha de o fazer.” Inspirou fundo, entrecortadamente. A voz soou

mais suave quando acrescentou: “E assim já recomeça. Mal estou há dois dias a teu lado, e o destino tenta apanhar-te. Será sempre este o preço para nós? Terei eu sempre de te brandir por cima das maxilas da morte no esforço de levar este mundo a seguir um rumo melhor?” Os seus braços em volta dos meus ombros apertaram-se. “Ah, Fitz. Como consegues perdoar continuamente o que te faço?”

Mas eu não conseguia perdoar. Não o disse. Afastei os olhos dele. “Preciso de um momento a sós. Por favor.”

Uma bolha de silêncio veio ao encontro das minhas palavras. Depois: “Claro.” Deixou que o braço caísse de cima dos meus ombros e afastou-se de repente de mim. Foi um alívio. O seu toque tinha estado a ampliar o vínculo de Talento que havia entre nós. Isso fazia com que eu me sentisse vulnerável. Ele não sabia como sondar através desse vínculo e saquear-me a mente, mas isso não me diminuía o medo. Uma faca na minha garganta era uma ameaça, mesmo se a mão que a segurava só tivesse as melhores intenções.

Tentei ignorar a outra face dessa moeda. O Bobo não tinha a mínima noção de quão aberto estava para mim naquele momento. Sentir essa abertura arrelivava-me, tentando-me a procurar uma junção mais completa. Bastar-me-ia pedir-lhe para voltar a pôr os dedos no meu pulso. Eu sabia o que poderia fazer com esse toque. Podia atravessar essa ponte e penetrar nele, podia conhecer todos os seus segredos, podia roubar-lhe toda a força. Podia transformar o seu corpo numa extensão do meu, podia usar a sua vida e os seus dias para os meus próprios fins.

Era vergonhoso sentir uma tal fome. Eu vira em que se tornavam aqueles que lhe cediam. Como poderia perdoá-lo por me levar a senti-la?

O meu crânio latejava com a agonia familiar duma dor de cabeça de Talento, enquanto o corpo doía como se eu tivesse travado uma batalha. Sentia-me em carne viva perante o mundo, e até o seu toque de amigo me feria. Pus-me em pé com dificuldade e cambaleei até à água. Tentei ajoelhar-me na margem do ribeiro, mas foi mais fácil deitar-me de bruços e sugar água através da boca seca. Depois da sede saciada, lavei a cara. Esfreguei a cara e o cabelo com água, e depois esfreguei os olhos até fazer correr lágrimas. A humidade foi agradável e a minha visão clareou.

Olhei para o corpo sem forças do meu lobo e depois para o Bobo. Ele estava encolhido, com os ombros arredondados, a boca bem apertada. Eu magoara-o. Senti arrependimento por isso. Ele só tivera as melhores intenções, mas uma parte teimosa de mim ainda se ressentia do que ele fizera. Procurei encontrar alguma justificação para me agarrar a

essa estupidez. Não havia nenhuma. Apesar disso, por vezes saber que não se tem o direito de estar zangado não dispersa toda a ira. “Assim está melhor,” disse, e sacudi a água do cabelo, como se pudesse convencer-nos a ambos de que a única coisa que me perturbava era a sede. O Bobo não respondeu.

Levei água nas mãos em concha ao lobo, e sentei-me a seu lado, para deixar a água pingar sobre a sua língua ainda pendente. Pouco depois, ele agitou-se debilmente, só o suficiente para puxar a língua para dentro da boca.

Fiz outra tentativa para chegar ao Bobo. “Sei que fizeste o que fizeste para me salvar a vida. Obrigado.”

*Ele salvou ambas as nossas vidas. Evitou que sobrevivêssemos de uma maneira que nos teria destruído a ambos.* O lobo não abriu os olhos, mas o seu pensamento era forte e emocionado.

*No entanto, o que ele fez...*

*Terá sido pior do que o que me fizeste a mim?*

Não tinha resposta para aquilo. Não podia arrepender-me de o ter mantido vivo. No entanto...

Era mais fácil falar com o Bobo do que seguir essa linha de raciocínio. “Salvaste ambas as nossas vidas. Eu tinha ido... não sei como, tinha ido para dentro de Olhos-de-Noite. Com o Talento, parece-me.” Um clarão de discernimento interrompeu-me as palavras. Seria daquilo que Breu me falara quando dissera que o Talento podia ser usado para curar? Estremeci. Imaginara-o como uma partilha de forças, mas o que eu fizera... Afastei aquele conhecimento. “Eu tinha de tentar salvá-lo. E... de facto ajudei-o. Mas depois não consegui descobrir o caminho para sair dele. Se não me tivesses puxado de volta...” Deixei que as palavras morressem. Não havia maneira rápida de explicar aquilo de que ele nos salvara. Agora sabia, com certeza, que lhe contaria a história sobre o ano que passáramos entre o Sangue Antigo. “Voltemos para a cabana. Há lá casco-de-elfo, para fazer chá. E preciso tanto de descanso como Olhos-de-Noite.”

“E eu também,” concordou o Bobo debilmente.

Deitei-lhe um olhar, reparando na grande palidez de fadiga que lhe fazia descair a cara e as profundas rugas que lhe apertavam a testa. A culpa submergiu-me. Sem treino nem ajuda, ele usara o Talento para me puxar de volta para o meu próprio corpo. A magia não estava no seu sangue como estava no meu; ele não possuía uma facilidade hereditária com ela. Tudo o que possuía era as antigas marcas de Talento nos dedos, a lembrança do seu raspão accidental nas mãos incrustadas de Talento de Veracidade. Isso e a frágil ligação que houveramos em tempos partilhado através desse



toque tinham sido as suas únicas ferramentas quando arriscara para me puxar de volta. Nem o medo nem a ignorância o tinham detido. Ele não conhecia todo o perigo envolvido naquilo que fizera. Não consegui decidir se isso tornava o seu ato menos ou mais corajoso. E tudo o que fizera fora censurá-lo por esse ato.

Recordei a primeira vez que Veracidade usara a minha força para aumentar o seu próprio Talento. Eu caíra de esgotamento. No entanto, o Bobo ainda estava em pé, balançando ligeiramente mas estava em pé. E não se queixava da dor que devia estar a enfiar-lhe martelos e tenazes no cérebro. Não pela primeira vez, maravilhei-me com a dureza que residia no seu corpo esguio. Deve ter sentido os meus olhos nele, pois virou o olhar para o meu. Tentei fazer um sorriso. Ele respondeu-lhe com uma careta sardónica.

Olhos-de-Noite virou-se sobre a barriga, e depois pôs-se em pé com dificuldade. Inseguro como um potro recém-nascido, virou-se para a água e bebeu. Satisfazer a sede fez com que ambos nos sentíssemos melhor, mas as minhas pernas continuavam a tremer de cansaço.

“Vai ser uma longa caminhada de volta à cabana,” observei.

A voz do Bobo soou neutra, mas quase normal quando perguntou: “Consegues chegar lá?”

“Com alguma ajuda.” Estendi-lhe a mão e ele veio pegar-lhe e pôr-me em pé. Segurou no meu braço e caminhou a meu lado, mas parece-me que se apoiou mais em mim do que eu nele. O lobo seguiu lentamente atrás de nós. Cerrei os dentes e fortaleci a minha determinação, e não tentei alcançá-lo através da ligação de Talento que pendia entre nós como uma corrente de prata. Podia resistir a essa tentação, disse a mim próprio. Veracidade resistira. Eu também podia fazê-lo.

O Bobo quebrou o silêncio sarapintado de sol da floresta. “A princípio pensei que estivesse a ter um ataque, como costumavas ter. Mas depois ficaste tão imóvel... Tive medo de que estivesse a morrer. Tinhas os olhos abertos e fixos. Não consegui encontrar-te o pulso. Mas de vez em quando o teu corpo torcia-se e inspirava um pouco de ar.” Fez uma pausa. “Não conseguia obter resposta de ti. Foi a única coisa que consegui imaginar que podia fazer, mergulhar atrás de ti.”

As palavras dele horrorizaram-me. Não tinha a certeza de querer saber o que o meu corpo fizera enquanto eu estive fora dele. “Foi provavelmente a única maneira de me salvares a vida.”

“E a minha,” disse ele em voz baixa. “Porque independentemente do que custe a qualquer um de nós, eu tenho de te manter vivo. És a alavanca que eu tenho de usar, Fitz. E tenho mais pena disso do que alguma vez conseguirei expressar.”

Virou a cabeça enquanto falava comigo. A abertura daquele olhar dourado combinava-se com a ligação que havia entre nós, ouro e prata a entrelaçarem-se. Reconheci e rejeitei uma verdade que não queria conhecer.

Atrás de nós, o lobo avançava lentamente, de cabeça baixa.